

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Campus Experimental de Ourinhos

**A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO
MUNICÍPIO DE PIEDADE (SP)**

Erik Romano Fernandes

Ourinhos (SP)

Julho/2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Campus Experimental de Ourinhos

**A COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO
MUNICÍPIO DE PIEDADE (SP)**

Erik Romano Fernandes

Orientador: Paulo Fernando Cirino Mourão

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca examinadora para obtenção do título
de Bacharel em Geografia pela UNESP –
Campus Experimental de Ourinhos.*

Ourinhos (SP)

Julho/2011

E3631c Fernandes, Erik Romano, 1984–
A comercialização da produção agrícola no município de Piedade (SP) / Erik Romano Fernandes. – Ourinhos, 2011.
107 f. – il., mapas, tabs., fots.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado – Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Campus Experimental de Ourinhos

Orientador: Paulo Fernando Cirino Mourão

Banca: Nelson Rodrigo Pedon, Enéas Rente Ferreira

Inclui bibliografia

1. Geografia Agrícola – Piedade (SP). 2. Abastecimento de alimentos – Piedade (SP). 3. Produção de alimentos – Piedade (SP). I. Título. II. Universidade Estadual Paulista, Campus Experimental de Ourinhos.

CDD 338.1

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a uma pessoa que muito me ensinou durante toda minha vida, pessoa que muito trabalhou no campo e conhece melhor que eu o peso de perceber o usufruto do resultado de seu trabalho por outra pessoa. Dedico esta obra ao meu avô e professor Sr. Antônio Romano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos amigos funcionários, professores e graduandos da UNESP Ourinhos. Sou grato pela ajuda no desenvolvimento deste trabalho e pelo empenho de todos na construção deste novo campus da UNESP.

Agradeço aos amigos da quarta turma da UNESP Ourinhos pelo companheirismo nestes anos de estudo.

Sou grato aos amigos que estiveram ao meu lado em fatos importantes dentro de casa: João Paulo, Furlan, Orkut, Saúva, Beto, Coxinha, Shiryu, Catanduva, Galinha, Mógli, João Pedro e Lontra. Obrigado pela vida em Ourinhos.

Sou agradecido a dois grandes amigos geógrafos muito importante em minha vida: Kira e Feijão.

Quero agradecer a dois amigos que colaboraram com este trabalho: obrigado Simone e Gilberto.

Obrigado a toda minha família, cada tio, tia, primo e avós. Muito obrigado.

Muito obrigado aos amigos de São Paulo, Ourinhos e Piedade, cidades onde vivi e adquiri conhecimento, muito obrigado. Tudo isso contribuiu para minha vida e para este estudo.

Sou grato aos agricultores e comerciantes envolvidos na produção e comercialização de Piedade, obrigado pela ajuda e cooperação na construção deste trabalho.

Muito obrigado aos amigos do Colégio Objetivo de Piedade, onde vivi momentos de aprendizado durante o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço à Cida, à Dona Julia e à Aninha, três amigas que sempre me ajudaram em muitos momentos.

Agradeço muito a professora, orientadora e amiga Marta. Sou muito grato pela atenção, paciência e dedicação com os estudos e empenho com minha orientação. Muito deste trabalho é resultado de seu trabalho. Muito obrigado Marta.

Sou muito grato ao professor, orientador e amigo Paulo. Muito obrigado pela dedicação e empenho no desenvolvimento deste estudo.

Sou muito agradecido à Stefanie. Muito obrigado pelo companheirismo, dedicação e paciência comigo e principalmente muito obrigado pelo esforço contínuo em me ensinar a verdadeira dinâmica da sociedade brasileira, nós apreenderemos juntos.

Por fim quero agradecer especialmente às três pessoas que mais me apoiaram no momento que saí de casa trocando o conforto do lar pela biblioteca repleta de teorias geográficas. Agradeço em especial a estas três pessoas por estarem do meu lado sempre, parte do que sou provém de vocês: muito obrigado Guid minha irmã linda, Sr. Idalécio meu pai amigo companheiro e Dona Neide minha mãe amiga, muito obrigado.

SUMÁRIO

1. RESUMO	01
2. INTRODUÇÃO	02
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
3.1. Os modos de produção e a agricultura	09
3.2. A Formação sócio-espacial	10
3.3. O capitalismo mundial: os ciclos de Kondratieff	12
3.4. A Formações sócio-espacial brasileira	14
3.5. A divisão social do trabalho e a relação campo-cidade	15
3.5.1. A Macrocefalia e os dois circuitos da economia urbana	21
4. A FORMAÇÃO DE PIEDADE	26
4.1. As primeiras ocupações em Piedade	27
4.2. A Paragem de Pirapora	30
4.3. 1850 – 1930: Oitenta anos de cafezais x pequena produção mercantil	34
4.3.1. A ocupação do estado de São Paulo	35
4.3.2. Migração, policultura e pequena produção mercantil em Piedade	40
4.3.3. O algodão	45
4.4. 1930 – 1990: A estruturação da economia e da cidade de Piedade	46
4.4.1. A formação dos bairros	47
4.4.2. A Vila Élvio, uma vila diferente	49
4.4.3. A Cooperativa Agrícola de Cotia	52
4.4.4. A expansão do Cinturão Verde	53
4.4.5. A cebolicultura	59
5. O NEOLIBERALISMO E A REORGANIZAÇÃO PRODUTIVA	67
5.1. A produção agrícola na década de 1990 no Cinturão Verde	68
5.2. A comercialização de frutas, legumes e verduras.....	74
6. A PRODUÇÃO EM PIEDADE	76
6.1. Os agentes na cadeia de distribuição	76
6.2. O CEABASP	78
6.3. O funcionamento da distribuição piedadense	83
6.3.1. Os contatos	94
6.3.2. A colheita	94
6.3.3. A transferência	95
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

ÍNDICE DE MAPAS

MAPA 01: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO E PRINCIPAIS RODOVIAS.	05
MAPA 02: MAPA RODOVIÁRIO DA REGIÃO ENTRE PIEDADE E SÃO PAULO (SP), 2011.	25
MAPA 03: ESTADO DE SÃO PAULO - TEMPERATURAS MÉDIAS ANUAIS, 2000.	29
MAPA 04: ESTADO DE SÃO PAULO – CLASSIFICAÇÃO DO CLIMA PELO SISTEMA DE KOPPEN, 2000.	29
MAPA 05: DISTRIBUIÇÃO DOS CAFEZAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1854.....	38
MAPA 06: DISTRIBUIÇÃO DOS CAFEZAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1920	38
MAPA 07: MAPA 07: DISTRIBUIÇÃO DOS BAIRROS EM PIEDADE.....	41
MAPA 08: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO DA CEBOLA NO MUNICÍPIO DE PIEDADE, 1980.	61
MAPA 09: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE REPOLHO NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	70
MAPA 10: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE MANDIOQUINHA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	70
MAPA 11: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CENOURA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	71
MAPA 12: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE BETERRABA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	71
MAPA 13: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALCACHOFRA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	72
MAPA 14: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CEBOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	72
MAPA 15: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE BRÓCOLIS NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	73
MAPA 16: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALFACE NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.	73

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 01: BRASIL – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL URBANA E RURAL 1920- 2010.	17
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01: ANTIGAS HABITAÇÕES DE OPERÁRIOS UTILIZADAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉC.XX NA VILÁ ÉLVIO EM PIEDADE (SP), 2011.	51
FIGURA 02: CENTRO COMERCIAL NA VILÁ ÉLVIO EM PIEDADE (SP), 2011.	51
FIGURA 03: ANTIGA FÁBRICA DE CAMAS PATENTE NA VILA ÉLVIO EM PIEDADE (SP), 2011.	52

FIGURA 04: MARES DE MORROS AGRICULTAVEIS EM PIEDADE (SP), 2011.	60
FIGURA 05: PLATAFORMAS DE TRANSFERÊNCIAS DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	79
FIGURA 06: PLATAFORMAS DE TRANSFERÊNCIAS DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.....	80
FIGURA 07: PLATAFORMAS DE TRANSFERÊNCIAS DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.....	80
FIGURA 08: BOX PARA ESTOCAGEM DE MERCADORIAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	81
FIGURA 09: BOX PARA ESTOCAGEM DE MERCADORIAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	81
FIGURA 10: TRANSFERÊNCIA DE CARGA NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	82
FIGURA 11: ESQUEMA 01GP: TRANSPORTADOR - ATACADISTA – VAREJISTA.	84
FIGURA 12: ESQUEMA 02GP: TRANSPORTADOR - VAREJISTA.	85
FIGURA 13: ESQUEMA 03GP: TRANSPORTADOR – CONSUMIDOR FINAL.	86
FIGURA 14: ESQUEMA 01EM: TRANSPORTADOR – ATACADISTA – VAREJISTA.	87
FIGURA 15: ESQUEMA 02EM: TRANSPORTADOR - VAREJISTA.	88
FIGURA 16: ESQUEMA 03EM: TRANSPORTADOR – CONSUMIDOR FINAL.	89
FIGURA 17: ESQUEMA 01COOP: TRANSPORTADOR – ATACADISTA – VAREJISTA ...	90
FIGURA 18: ESQUEMA 02COOP: TRANSPORTADOR - VAREJISTA.	91
FIGURA 19: ESQUEMA 03COOP: TRANSPORTADOR – CONSUMIDOR FINAL.	92
FIGURA 20: ESQUEMA GP – VAREJISTA.	93
FIGURA 21: TRANSFERÊNCIA DE CARGA NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	95
FIGURA 22: TRANSFERÊNCIA DE CARGA NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	96
FIGURA 23: CAMINHÕES PEQUENOS E CARROS UTILIZADOS PELOS FORNECEDORES NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	97
FIGURA 24: CAMINHÕES PEQUENOS UTILIZADOS PELOS FORNECEDORES NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	97
FIGURA 25: CAMINHÕES GRANDES RECEBEM MERCADORIA FORA DA PLATAFORMA NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.	98

ÍNDICE DE SIGLAS

CA – Comerciante Atacadista.

CAC – Cooperativa Agrícola de Cotia

CC – Centrais de compras

CD – Centrais de distribuição

CEABASP – Centro de Abastecimento de Piedade

CEAGESP – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo

CF – Consumidor Final

COOP - Cooperativa

CV – Comerciante Varejista

EM - Empreiteiro

FES – Formação Econômica Social

FLV – Frutas, Legumes e Verduras

FES – Formação econômica social

FSE – Formação Sócio-espacial

GP – Grande Produtor

LUPA – Levantamento das unidades produtivas agrícolas

PP – Pequeno Produtor

PPM – Pequena Produção Mercantil

RA – Região Administrativa

RG – Região de Governo

RMSP – Região Metropolitana de São Paulo

TC – Transportador Comerciante

TV – Trabalhador Volante

1. RESUMO

A adoção de políticas neoliberais no Brasil na década 1990 diminuiu a participação do Estado em diversas atividades produtivas, inclusive na produção e distribuição de alimentos. Criou-se condições para atuação das redes privadas, inclusive estrangeiras, na produção e comercialização de frutas, legumes e verduras (FLV). O município de Piedade (SP) tem grande contribuição no abastecimento de alimentos no estado de São Paulo. Alguns fatos que ocorreram no início da década de 1990 como a crise da cebolicultura, a expansão do Cinturão Verde da Região Metropolitana de São Paulo, a menor participação do Estado e a maior participação do capital privado causaram em Piedade mudanças na cadeia produtiva de FLV desde a produção até o consumidor final. Pretende-se neste trabalho contribuir para esclarecer como a comercialização de FLV se efetiva em Piedade e explicar qual a dependência dos produtores pelos diferentes agentes para escoar suas produções até os centros consumidores.

Palavras chaves: 1) agricultura; 2) abastecimento alimentar; 3) comercialização de alimentos; 4) Piedade.

ABSTRACT

The adoption of neoliberal policies in Brazil in the 1990s reduced the State's participation in several productive activities, including food production and distribution. It made it possible to operate private networks, including foreign, as well as growing marketing of fruit and vegetables. The town of Piedade (SP) has contributed a lot to food supply in the state of São Paulo. Some facts took places in the early 1990s, such as the onion crop crisis, the Green Belt of the Metropolitan Region of São Paulo expansion, the reducing State participation and the increasing private capital participation caused significant changes in the fruit and vegetable production chain: from production to the end consumer. The aim of this paper is to clarify how the fruit and vegetable marketing works in Piedade and also to explain the producers' dependence on different agents to sell their products to the consumer centers.

Keywords: 1) agriculture; 2) food supply 3) food marketing; 4) Piedade.

2. INTRODUÇÃO

O município de Piedade faz parte do Cinturão Verde da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Trata-se de uma região com grande produção agrícola responsável por parte do abastecimento de alimentos da RMSP, do interior e do litoral paulista.

A partir da década de 1990 a comercialização de frutas, legumes e verduras (FLV) deixou de ser feita predominantemente nos entrepostos controlados pelo Estado (principalmente o CEAGESP). Nesta década observou-se a maior participação de grandes redes supermercadistas atuando diretamente na produção e comercialização de FLV, desde a compra do produtor rural, passando pelas empresas de transporte e logística, até o consumidor final.

O Cinturão Verde passou por grandes mudanças na década de 1990, entre estas houve o fim da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) que fez que os produtores necessitassem de novos canais de escoamento da produção. Este trabalho tem como objetivo geral esclarecer quais são os canais existentes em Piedade. Os objetivos específicos são identificar os canais de comercialização da produção piedadense; compreender qual a participação das grandes redes supermercadistas na comercialização em Piedade; explicar a dependência dos pequenos produtores por outros agentes na comercialização até o consumidor final; esclarecer a manutenção de relações pré-capitalistas entre os produtores.

Houve no Brasil crises de abastecimento de alimentos. O rápido inchaço urbano brasileiro na segunda metade do séc.XX fez as demandas por alimentos aumentarem rapidamente. O Estado era presente com políticas de créditos aos produtores e na criação de empresas de desenvolvimento tecnológico. Neste contexto o Cinturão Verde e a CAC cresceram e distribuíam alimentos não somente para a RMSP, mas para todo o Brasil. O fim da CAC é resultado de grandes mudanças na economia brasileira - que por sua vez é influenciada pelas transformações no modo de produção capitalista mundial. Assim se faz importante compreendermos como as transformações no capitalismo mundial interferem no Brasil. Este trabalho se faz relevante em contribuir na compreensão das relações produtivas entre o modo de produção capitalista em escala global e suas relações com as transformações nas forças produtivas no meio rural brasileiro, especificamente nas transformações no meio rural em Piedade através de sua integração com a economia urbana.

Compreendemos a atividade agrícola como um ramo específico na divisão social do trabalho que integrasse à outras atividades econômicas pela relação campo-cidade. As atividades agrícolas influenciam e são influenciadas diretamente pelo desenvolvimento das forças produtivas de outros setores da economia. Portanto o desenvolvimento das forças produtivas no meio rural tem relevância para o país, pois as atividades agrícolas absorvem a mão-de-obra, consomem equipamentos industrializados (máquinas e insumos), abastecem

o mercado urbano de alimentos, são decisivas no desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Para o desenvolvimento do modo de produção capitalista estudos nas diversas ciências sociais, como Economia, Geografia, Sociologia, História, etc. são necessários para esclarecer as transformações que atingem a população no meio rural. Piedade está inserida numa região de grande produção agrícola, sendo relevante no abastecimento urbano do estado de São Paulo. Milhares de habitantes trabalham em toda a cadeia de produção, distribuição e comercialização de FLV. Portanto evidencia-se a importância do entendimento da dinâmica e das influências que esta cadeia sofre das flutuações do modo de produção capitalista (destacando a crescente participação de grupos capitalistas internacionais na cadeia). Assim como estas flutuações atingem a população brasileira, paulista e especificamente a população piedadense.

Este trabalho contribui também no entendimento do funcionamento de uma região importante no abastecimento de alimentos do estado de São Paulo. Segundo MOREIRA (2009), Piedade é responsável pelo abastecimento de 35% do abastecimento do CEAGESP São Paulo, 70% do CEAGESP Sorocaba, 50% do abastecimento de cenoura de todo o estado, e, incluindo as redes de supermercados e outros CEAGESP's, como Campinas por exemplo, Piedade é responsável por 35% do abastecimento de hortifrutis no estado de São Paulo (MOREIRA, 2009 e MORENI, 2002).

O espaço, objeto da geografia, é resultado de um processo de formação. Este trabalho contribui justamente com a explicação da formação de Piedade e do Cinturão Verde da RMSP, parte do meio rural brasileiro. Pretende-se contribuir para o conjunto de informações da geografia agrária, da dinâmica da produção e comercialização de alimentos no capitalismo, na transformação no meio rural - sempre integrado aos centros urbanos - e na formação da sociedade brasileira, objeto da geografia e da geografia agrária.

No capítulo 03 está apresentada a fundamentação teórica deste trabalho. Trabalhamos as teorias marxistas sobre os resquícios de relações pré-capitalistas nas atividades agrícolas – a discussão marxista sobre o desenvolvimento do capitalismo do campo contou com a colaboração dos estudos de Lênin sobre as transformações do capitalismo no meio rural. Usamos a teoria dos ciclos de ondas longas do capitalismo, chamados de ciclo de Kondratief, para explicar a dinâmica das transformações no modo de produção capitalista em escala global. A teoria da dualidade brasileira de Ignácio Rangel explica como o Brasil, em diferentes momentos da história, mudou suas relações com os países centro do sistema capitalista. Também foi utilizada a contribuição das teorias de Milton Santos sobre a formação sócio-espacial brasileira, sobre macrocefalia urbana e sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana. De acordo com a formação sócio-espacial, cada sociedade é resultado de um processo de formação, uma formação que é social e espacial, constrói a sociedade através do espaço e constrói o espaço através das relações

sociais. A macrocefalia brasileira e os dois circuitos da economia urbana contribuíram para compreendermos as transformações na sociedade brasileira, assim como a formação dos mercados urbanos centros consumidores de alimentos. Diversos autores utilizaram estas teorias para compreender a relação campo-cidade e as transformações no meio rural e muitos destes contribuíram com seus estudos para o desenvolvimento desta pesquisa.

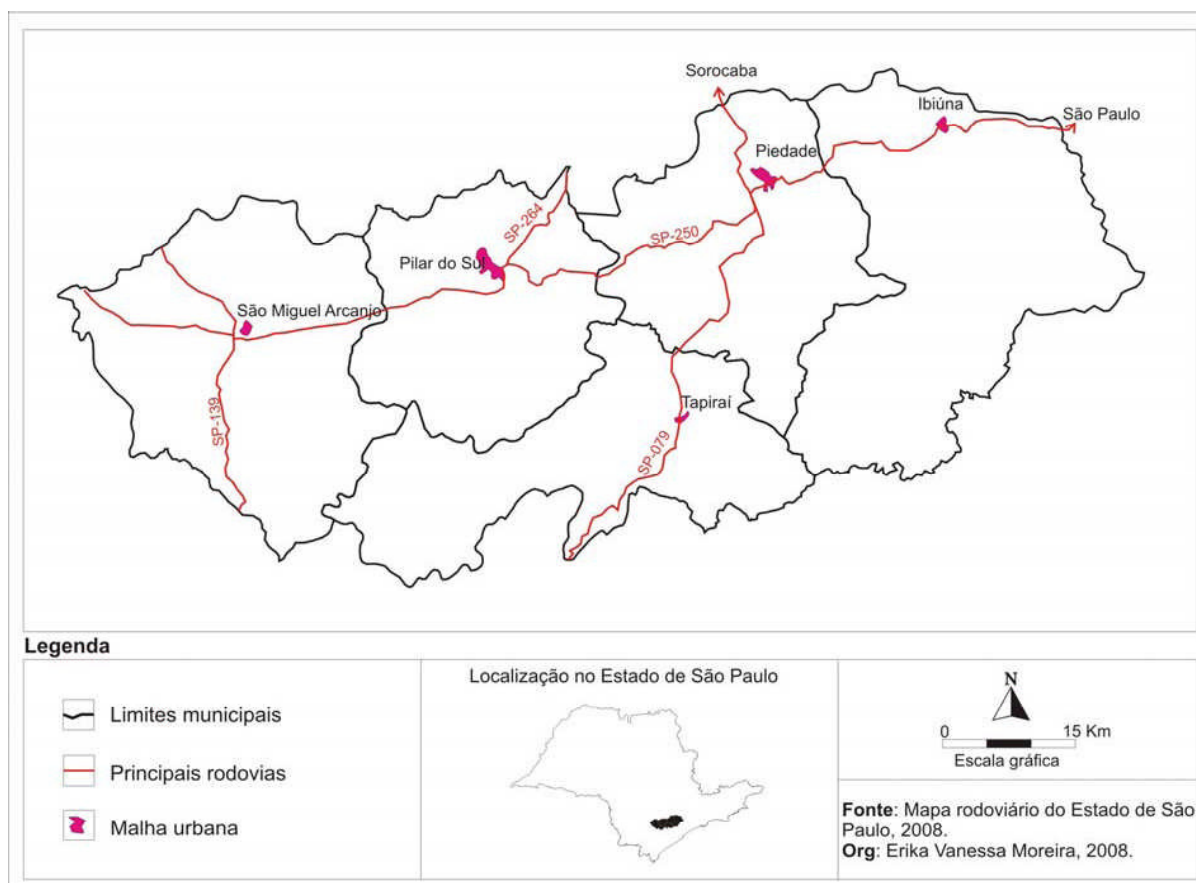
A forma que está organizada a cadeia de FLV (produção, distribuição e comercialização nos mercados consumidores) é resultado de um processo de formação. Portanto no capítulo 04 está explicada a formação de Piedade até atingir a década de 1990. Neste capítulo partimos das primeiras ocupações, a estruturação dos bairros, das produções e dos canais de comercialização. Ainda no capítulo 04 estão apresentadas as transformações do período de consolidação de Piedade no abastecimento alimentar brasileiro no período de 1930 a 1990.

Nos capítulos 05 e 06 apresentamos as mudanças no mundo, no Brasil e em Piedade através da implantação do Estado neoliberal. No capítulo 05 demonstramos em escala global e nacional o que é e como se deu a implantação do neoliberalismo a partir dos primeiros países a implantar estas políticas. No capítulo 06 analisamos como o neoliberalismo propiciou a crise da cebolicultura piedadense e a expansão do Cinturão Verde da RMSP. Contém também os resultados deste estudo: a identificação dos canais de comercialização, o funcionamento da produção e da distribuição da produção agrícola de Piedade.

Piedade localiza-se a 32 km ao sul de Sorocaba e a 98 km a oeste da cidade de São Paulo (ver MAPA 01). De acordo com o IBGE (2010) possui 51.214 habitantes, uma área de 729 km², sendo 40,17 km² no perímetro urbano e 688,83 km² no perímetro rural e uma taxa de urbanização de 44%, bem diferente da taxa de urbanização do estado de São Paulo que é de 93,4%. Este quadro mostra um perfil de distribuição da população atípica no estado, principalmente se tratando da área mais urbanizada do país. Para MOREIRA (2009) isso ocorre devido à grande produção agrícola no município, uma vez que a população ocupa os bairros rurais (considerada população rural) para trabalharem nas atividades agrícolas.

O Cinturão Verde localiza-se ao redor da RMSP, ao norte estão, por exemplo, os municípios de Jundiaí e Vinhedo (região produtora de frutas), a leste há outra fração do Cinturão Verde e a oeste há outra parte do Cinturão onde estão os municípios de Piedade, Ibiúna, Vargem Grande Paulista entre outros (ver MAPA 01). Neste trabalho trataremos apenas da fração a oeste da RMSP (fração onde se localiza Piedade), portanto quando citado o Cinturão Verde deve-se entender pela fração oeste deste.

MAPA 01: LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO E PRINCIPAIS RODOVIAS.



FONTE: MOREIRA, 2009.

Piedade surgiu como parada para as tropas no séc.XVII e desde então possui uma produção agrícola dinâmica e ligada ao mercado interno e recentemente ao externo. A pequena produção mercantil no séc.XIX e primeira metade do XX, assim como alguns ciclos como o algodão e a cebola contribuíram para o desenvolvimento das forças produtivas do município.

A urbanização da região aumentou muito, assim como a demanda por alimentos. A partir de 1950 a CAC aumentou suas vendas para a RMSP e muitos agricultores de Piedade tornaram-se cooperados. Na década de 1990 houve a crise da atividade ceboleira e ocorreu a diversificação da produção no município. Esta mudança, juntamente com a instalação de poucas indústrias no município, fez parcela da população deixar o meio rural e buscar empregos no meio urbano (em Piedade, em Votorantin e em Sorocaba), reduzindo a oferta de trabalhadores no campo. Nas duas últimas décadas observou-se a maior participação das grandes redes varejistas na distribuição de alimentos. Essas alterações nos últimos vinte anos fizeram as atividades de distribuição das mercadorias concentrarem-se nas mãos de alguns transportadores e dos agricultores maiores. Os agricultores menores fornecem suas produções aos agricultores maiores ou transportadores através de relações capitalistas e pré-capitalistas e dependem destes agentes para escoar suas produções.

Em Piedade há uma agricultura dinâmica com grande quantidade de capital aplicado, porém carente de canais de escoamento e dependentes de outros produtores. Pretende-se neste trabalho um esclarecimento sobre a integração da agricultura piedadense com o mercado, sobre quais são os meios de comercialização, sobre as formas de negociações, as relações entre agricultores, transportadores, comerciantes e consumidores. Almeja-se esclarecer como os produtos agrícolas de Piedade saem do campo e chegam até o consumidor. Por fim, deseja-se contribuir para esclarecer como a dinâmica do capitalismo contribui para a formação do espaço no meio rural no município de Piedade.

Piedade se formou com uma agricultura dinâmica e integrada ao mercado interno durante o tropeirismo, pois está ao lado da cidade que foi a maior feira das tropas no sudeste: Sorocaba. Teve grande crescimento e destaque nacional com a produção de cebola na segunda metade do séc. XX. Sofreu com o neoliberalismo implantado na década de 1990 e se reestruturou com a expansão do Cinturão Verde da RMSP diversificando a produção. No início da década de 1990 a maior participação de grandes redes supermercadistas e menor participação do Estado formou o quadro atual piedadense. Portanto, a primeira parte do trabalho demonstra o processo de formação municipal inserida no processo de formação sócio-espacial regional e nacional, integrada aos mercados internos através da pequena produção mercantil. No final deste trabalho há a apresentação dos canais de comercialização da produção piedadense.

Diante do exposto, evidencia-se a importância do processo de formação de uma sociedade para se compreendê-la. A formação sócio-espacial nos mostra elementos que explicam uma cidade, uma região, o país, como ocorrem as relações entre as pessoas, como funcionam as atividades produtivas e os diferentes estágios das forças produtivas do modo de produção, assim como a coexistência de resquícios de outro modo de produção. Diante deste esclarecimento este estudo se iniciou pelo levantamento bibliográfico sobre o município, seu processo de formação, as características da produção e de seus canais de escoamento. Em paralelo foram realizadas pesquisas de campo com órgãos públicos municipais (Secretaria Municipal de Agricultura, Casa do Agricultor Municipal e Centro de Abastecimento de Piedade - CEABASP). Foram entrevistados também agricultores, comerciantes municipais, transportadores (caminhoneiros) e habitantes idosos que participavam anteriormente da produção e comercialização municipal.

Os resultados preliminares mostraram a necessidade de maior empenho sobre o processo de formação municipal para esclarecer o funcionamento atual dos canais de escoamento da produção piedadense. A pesquisa bibliografia continuou até o final do estudo. Os resultados preliminares mostraram também a diversidade de agentes envolvidos na comercialização em Piedade. Portanto foram elaborados questionários para identificá-los.

Os principais canais de comercialização são através de dois agentes: 1) grandes produtores que compram a produção dos pequenos e 2) empreiteiros que colhem e

compram a produção. Estes agentes transportam a produção até o CEABASP onde é feita a transferência para os transportadores (caminhoneiros).

Depois de identificados os agentes participantes nos canais de comercialização pensou-se em quantificá-los. O município não dispõe de dados estatísticos e nem de dados cartográficos, o que dificultou a quantificação da produção, da mão-de-obra, da circulação do capital, de capital investido, etc. O município de Piedade possui 2.843 produtores agrícolas (SÃO PAULO, PROJETO LUPA, 2008), entretanto acredita-se que este número não é correto.¹ Muitos produtores não são proprietários das terras, arrendam-na para produzir. O arrendamento muitas vezes dura meses ou poucos anos e em seguida o produtor arrenda outra terra de outro proprietário. Muitas culturas são de ciclo curto, são poucas semanas que vai da data do plantio até a colheita, o que propicia que o produtor rapidamente tenha resultados de seu investimento, pague a renda da terra ao proprietário e se desvincule da terra ficando livre para arrendar outra parcela de outro proprietário. Isso cria instabilidade dos dados municipais sobre a produção.

Ocorre também do proprietário de terras arrendar sua propriedade para muitos produtores, mas no levantamento municipal o dado apresentado é de apenas um produtor, o que não é de acordo com a realidade, pois o que se observa são vários produtores independentes que pagam arrendamento ao proprietário.

Outro fator é que o município não dispõe de estradas pavimentadas em toda extensão, o que propiciou maior dificuldade de locomoção às unidades produtivas.

Por fim optou-se pela aplicação de questionários abertos com coleta de informações com pessoas que atuam em diferentes tarefas na divisão social do trabalho (produtores rurais, caminhoneiros, comerciantes, empreiteiros e trabalhadores volantes). Foram aplicados também questionários abertos e fechados com os técnicos da Casa da Agricultura Municipal. Estes forneceram informações importantes e esclareceram a impossibilidade de atingir porcentagem relevante dos produtores para se utilizar questionário fechados e tabulação estatística da produção em Piedade.

A comercialização dos produtos é concentrada no Centro de Abastecimento de Piedade (CEABASP) e nos acostamentos da Rodovia Bunjiro Nakao.² Portanto optou-se por aplicar os questionários no CEABASP para produtores, empreiteiros e transportadores. Foram aplicados questionários nos pontos de transferência das mercadorias na Rodovia Bunjiro Nakao para produtores, empreiteiros e transportadores. Nos bairros rurais foram entrevistados trabalhadores volantes e empreiteiros. Foram entrevistados também produtores agrícolas que possuem atividades diferentes na divisão social do trabalho na

1 Informação obtida em entrevista com o Sr. C. M. da Casa da Agricultura Municipal. O órgão possui dificuldade em quantificar e atuar efetivamente com os produtores agrícolas devido a falta de informações municipais sobre a produção.

2 Alguns grandes produtores alugam o box diretamente no CEAGESP, mas são minoria, portanto parte pequena da comercialização é feita diretamente pelo produtor no CEAGESP (em Sorocaba, Campinas e São Paulo).

cadeia de distribuição em Piedade. Com a utilização de questionários abertos foi possível identificar os agentes, o funcionamento da produção e da comercialização.

A bibliografia foi dividida em informações sobre a formação de Piedade; sobre o desenvolvimento do capitalismo no campo; sobre produção, comercialização e consumo de alimentos no Brasil; e sobre a dinâmica do capitalismo em escalas locais, nacionais e globais. Por fim foi feita a organização das informações coletadas em campo, o confronto com as teorias bibliográficas e a produção deste trabalho.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica demonstra a forma de análise do processo de formação de Piedade e do funcionamento da cadeia de produção e comercialização de frutas, legumes e verduras (FLV). As teorias demonstram também quais os elementos que explicam a produção e comercializam da produção agrícola, portanto evidencia quais os elementos importantes a serem questionados e observados durante a pesquisa bibliográfica e durante os trabalhos de campo.

3.1. Os modos de produção e a agricultura

Os modos de produção existentes na história da humanidade diferem-se pelo meio produtivo (são os recursos usados para se produzir os itens necessários à vida humana) e pelo modo de propriedade sobre este meio produtivo, ou seja, como o recurso produtivo é manipulado. Portanto temos organizações da divisão social do trabalho diferentes com recursos produtivos diferentes e as manipulações que são feitas destes recursos também são diferenciadas. Os modos de produção são cinco: o comunismo primitivo, o escravismo, feudalismo, capitalismo e o socialismo. Cada período da história da humanidade há uma hegemonia de um modo de produção. Isso quer dizer que, nas diferentes localidades do mundo, coexistem diferentes modos de produção, entretanto há um que é o modo de produção hegemônico. Quando um modo de produção deixa de ser hegemônico e outro se estrutura como sendo o principal no planeta, nas várias regiões do mundo, resquícios de modos de produção mantêm-se vigorando. Isso ocorre por diversos motivos, mas o principal é que são diferentes as formas com que as regiões se conectam ao centro dinâmico do novo modo de produção que se estruturou, portanto absorvem de formas diferentes as inovações tecnológicas, as novas relações produtivas e sociais. (MARX, 1979 in: PEREIRA e VIEIRA, 2009).

Nos modos de produção comunismo primitivo e escravista o homem era o recurso produtivo, sendo que no primeiro a propriedade é coletiva e no segundo a propriedade é privada. No modo de produção feudal o recurso produtivo é a terra e a propriedade é privada. Nestes três modos de produção o recurso trata-se de um elemento natural, proveniente da natureza e dependente diretamente dela, sujeito às variações naturais (MARX, 1979 in: PEREIRA e VIEIRA, 2009). Cada modo de produção esteve hegemônico num período da história: Pré-história - comunismo primitivo, Antiguidade - escravismo, Idade Média - feudalismo, Idade Moderna – mercantilismo (ou capitalismo comercial) e Idade contemporânea – capitalismo industrial. Entretanto nas diferentes localidades do planeta havia diferentes formações sociais e diferentes modos de produção. Somente após as grandes navegações, quando as nações começaram a efetivar grandes integrações ente os países (que ainda estavam se formando) o capitalismo passou a ser o modo de produção

hegemônico. É sobre esta perspectiva que vamos analisar a história de formação do Brasil – que é também a história da formação do território brasileiro, da formação do povo brasileiro, a história da formação da geografia brasileira e a formação de Piedade.

O marxismo na Europa ocidental foi sendo difundido nas universidades no começo do séc. XX. No Brasil esta corrente influenciou o pensamento de uma série de intelectuais na década de 1930 (Caio Prado Jr., Ignácio Rangel, etc.) e na década de 1950 (Manoel Correia de Andrade, Orlando Valverde e Pedro Geiger, etc.). Na década de 1960 a esquerda brasileira era dividida entre conservadores e progressistas. No seio do debate estavam as chamadas questões de base. O país se modernizava e a discussão era como a industrialização propiciaria o desenvolvimento nacional e melhoria das condições de vida da população. Nesta discussão estava Alberto Passos Guimarães, Caio Prado Jr., Celso Furtado, Ignácio Rangel e Ruy Miller Paiva (GONÇALVES, 1999).

Na Geografia foi Milton Santos, por influência de J. Tricart, - de quem utilizou as idéias de espaço como combinação de formas, funções, estruturas e processo - fez parte da aproximação da geografia com o marxismo e apresentou a categoria formação sócio-espacial no Boletim Paulista de Geografia em 1977, “onde pela primeira vez se disse claramente que formação social e geografia humana são praticamente coincidentes.” (MAMIGONIAN, 1996).

A geografia agrária brasileira é marcada, basicamente, pela divergência entre autores que analisam o desenvolvimento do capitalismo defendendo a manutenção do “modo de produção camponês” e entre os que analisam o desenvolvimento do capitalismo e a inevitável extinção dos resquícios de outros modos de produção – dentro destas duas correntes há outras divergências de acordo com diferentes teorias. O marxismo no Brasil na década de 1960 e a geografia a partir da segunda metade da década de 1970 foram influenciados pelas teorias de Chayanov e Shanin na defesa do campesinato como classe revolucionária e entre marxistas que se baseavam em Lênin e Kautsky para compreender o capitalismo³.

Por fim recorreu-se às teorias marxistas desenvolvidas por Lênin e Kautsky, à categorias de formação sócio-espacial, aos ciclos de Kondratieff, à dualidade brasileira e a formação da pequena produção mercantil no interior do estado de São Paulo para explicar a cadeia de produção e distribuição de FLV em Piedade.

3.2. A Formação sócio-espacial

A geografia tem por objeto o espaço, assim como outras categorias como lugar, região, território, etc. que têm o espaço como elemento principal, espaço que é construído socialmente por fenômenos naturais e sociais em diferentes escalas. O espaço, nas

³ No fim do século XIX e início do século XX autores como Lênin, Kautsky, Chayanov e Shanin estudaram a formação do modo de produção capitalista.

diferentes localidades do planeta, assume diferentes formas, entretanto, não é a forma que evidencia as verdades sobre o espaço e sobre a sociedade que o constrói, e sim a sua formação. A forma é a configuração em um determinado momento do espaço, a formação é o processo que construiu esta forma. Trata-se de uma análise espaço-temporal necessária para se compreendermos as formações espaciais.

O enfoque espaço-temporal é particularmente útil ao estudo da realidade social das regiões subdesenvolvidas, pois é o único que permite apreender sua heterogeneidade estrutural e compreender a maneira como, em cada lugar, se articulam, seguindo uma lógica funcional, variáveis ligadas a diferentes tempos históricos. (BARRIOS, 1976, p.20, apud SANTOS, 1977b. p.90).

A concepção de formação sócio-espacial é uma proposta metodológica na geografia elaborada por Milton Santos através da categoria Formação Econômico-Social (FES). A FES foi elaborada por Marx e Engels, mas foi Lênin que retomou a discussão para analisar as transformações no capitalismo no início do séc.XX, principalmente na Rússia. Outros autores como Plékhhanov, Kautsky e Chayanov também estudaram a FES a fim de compreender o mesmo período. Mas foi Emilio Sereni que retomou o conceito e em muito contribuiu para o entendimento das diferentes FES. (SANTOS, 1977).

O desenvolvimento das forças produtivas acarreta em novas relações sociais, econômicas e na superação dos modos de produção. Estas transformações configuram novas FES e novo espaço. Todas as atividades humanas possuem localização e materialização, trata-se da materialização do trabalho no espaço, portanto este último é a materialização da atividade necessária para a existência humana: o trabalho.

Em cada localidade do planeta a natureza oferece diferentes possibilidades de uso de seus elementos. Portanto permite que o homem realize seu trabalho de formas diferentes. A FES é formada por variáveis em diferentes escalas, são múltiplas determinações (CHOLLEY, 1964). Cada divisão social do trabalho, juntamente com o principal recurso produtivo e sua apropriação nos diferentes tempos e lugares da história formam as características do modo de produção. Mas como isso se efetiva nas regiões devido a cada uma ter tido um processo histórico e diferentes conexões com outras regiões formam particularidades em cada região do planeta, são as FES. Além da lógica do modo de produção e das particularidades da FES, o trabalho humano se materializa e esta materialidade permitirá uma nova FES no decorrer do processo histórico. Além da materialidade construída pelo trabalho a FES é também influenciado pelos elementos naturais, possibilitando particularidades nas FES. Portanto a Formação Econômico-Social possui uma variável fundamental: o espaço, e daí Milton Santos falar em Formação Sócio-Espacial (FSE), (SANTOS, 1977), construída socialmente por uma FES e pela lógica do modo de produção, ou seja, pela totalidade e pela especificidade.

Marx enfatizou as múltiplas determinações na formação da FES e esse processo se apropriando nos elementos da natureza transformando-a em segunda natureza - esta última utilizada pelo homem para produzir a vida através do trabalho, portanto transformando a primeira natureza em segunda natureza modificada e necessária em diferentes especificidades. Foi André Cholley que nos apresentou uma interpretação dos elementos da natureza como fatores que participam da formação de cada sociedade. Portanto importante destacar na transformação de cada sociedade e na FSE e a influência dos elementos da natureza numa múltipla determinação, agora considerando a combinação dos elementos sociais e humanos e considerando os elementos da natureza como elementos sociais: socialmente utilizados para a vida humana. Isso nos permite:

a) a identificação e a caracterização, ao longo do tempo, das combinações (A.Cholley) de elementos do quadro natural e do quadro humano, de forma a delimitar a sua unidade e localização espacial, o que implica na consideração de múltiplas determinações (K.Marx); b) a relação entre sociedade e natureza, dentro da perspectiva do materialismo histórico e dialético, ou seja, através do conceito de modo de produção, assegurando a sua localização temporal, que se concretiza sobre uma base territorial, historicamente determinada; c) o conceito de formação-social, o qual garante que a relação sociedade/natureza, seja apreendida tendo em mente processos históricos que, mesmo passíveis de generalização, têm suas particularidades definidas espacial e temporalmente. (PEREIRA e VIEIRA, 2009. p. 193).

A temporalidade permite entendermos o dinamismo das constantes transformações sociais. Através da compreensão da dinâmica temporal percebe-se que o quadro humano é dado em um recorte (recorte espacial e recorte temporal), é resultado de um processo de formação, ele possui determinada forma, ele não é esta forma, forma esta que continua em formação constante. A dinâmica temporal permite-nos analisar Piedade como resultado de uma formação e em constante formação. A forma com que Piedade está organizada, assim como a produção e comercialização de FLV ocorrem em Piedade é forma resultado de uma formação.

3.3. O capitalismo mundial: os ciclos de Kondratieff

A FSE brasileira teve sua gênese a partir de 1500 quando se iniciou a formação da colônia brasileira e os povos ameríndios tiveram contato com o colono português. Durante o período colonial não se pode falar em um Estado brasileiro, éramos uma colônia, subordinados ao reino de Portugal e este sim era um Estado. Esse período é marcado por um regime feudal entre a colônia e a metrópole, pois “a Europa tudo fez para enquadrar a América numa carapaça feudal” (RANGEL, 1998. 138), ficando parte do continente para a coroa portuguesa e outra para a coroa espanhola através do Tratado de Tordesilhas. O Tratado instituía “um dos princípios sobre os quais se ergue o edifício do Direito Feudal... toda terra pertence ao rei”. (RANGEL, 1998. p.138). As coroas européias estavam

construindo o capitalismo internamente, mas mantendo relações feudais com suas colônias, ou seja, exportando o que estavam deixando para traz internamente, mantendo relações de suserania e vassalagem entre os donatários e o rei.

Observa-se que o Brasil surge não somente com o modo de produção capitalista (ou mercantilismo, ou capitalismo mercantil), também mantêm relações externas feudais, além de que internamente no Brasil haviam as tribos indígenas organizadas no comunismo primitivo. Houve também as fazendas de cana-de-açúcar, a extração do ouro e durante o início do ciclo do café usavam mão-de-obra escrava, com características do escravismo, portanto houve a coexistência de diferentes modos de produção na história do Brasil (RANGEL, 1998).

A formação brasileira é sempre atrelada ao centro do sistema econômico. Durante o período colonial estávamos subordinados ao centro do sistema econômico mercantil: a metrópole portuguesa. Quando o capitalismo indústria inglês passou a exercer o papel de centro do sistema econômico capitalista, a Inglaterra passou a exercer o controle sobre muitas localidades periféricas, inclusive o Brasil. Esta mudança no modo de produção, passando de capitalismo mercantil para capitalismo industrial, juntamente com as transformações internas que vinham acontecendo nas regiões brasileiras, acarretou em mudanças no Brasil.

A partir da formação do capitalismo industrial podem ser observados os ciclos de Kondratieff. São ciclos de expansão e de crise do capitalismo durante cerca de 50 anos de cada ciclo. O desenvolvimento das forças produtivas e a passagem dos modos de produção no Brasil são diretamente ligadas ao centro do sistema econômico. Cada mudança no capitalismo no centro do sistema causa na periferia, inclusive o Brasil, mudanças: a periferia se reestrutura, mudando a economia, os artigos produzidos, a forma de se produzir e inclusive as classes sociais que exercem o poder sobre o Estado, no Brasil trata-se da dualidade brasileira (RANGEL, 1998).

Os ciclos longos do capitalismo, batizados pelo economista Joseph Schumpeter como ciclos de Kondratieff, mostram as fazes que o capitalismo esteve em crescimento e as fazes que esteve em crise.

Kondratieff considera dados relativos a juros, volume do comércio exterior, produção e consumo de carvão e exploração de ferro, estabelecendo relações entre estes e as ondas longas da economia... Kondratieff concluiu, a partir dos elementos examinados, pela existência de grandes ciclos... (CORRÊA, 2002. p. 29)

A fase de expansão, chamada de fase 'A' do primeiro ciclo se inicia no fim do séc.XVIII, perto de 1790, e vai até 1815. A crise, chamada de fase 'B', vai de 1815 até 1848. A fase 'A' do segundo ciclo vai de 1848 até 1873 e a fase 'B' de 1873 até 1896. A fase 'A' do terceiro ciclo vai de 1896 até 1921 e a fase 'B' de 1921 até 1948. A fase 'A' do quarto ciclo se inicia em 1948 até 1973 e a fase 'B' do quarto ciclo se iniciou em 1973 perdurando até os

dias atuais. Estas flutuações do capitalismo tiveram motivos diferentes. Por exemplo, quando a Inglaterra se estruturou como a nação controladora da economia capitalista e realizou a industrialização ainda no séc.XVIII passou a exercer influência político-econômica sobre alguns reinos europeus, inclusive Portugal. Tornou-se o centro dinâmico do capitalismo e houve mudanças com toda a periferia. A partir daí novas tecnologias, mudanças nos meios de transporte, mudanças no sistema financeiro, etc. fizeram mudar as relações no centro do capitalismo e suas relações com a periferia. É através destes ciclos que o capitalismo brasileiro se transforma.

A produção piedadense, assim como muitas outras atividades pelo Brasil, se desenvolveu atrelada às flutuações do capitalismo, sensíveis às mudanças da demanda, às inovações tecnológicas, etc. Conforme o capitalismo se transforma o Brasil altera suas relações com o centro do sistema, quando estas mudanças ocorreram, internamente as regiões brasileiras sofreram alterações. Em momentos da história brasileira Piedade produziu diferentes artigos, portanto a flutuação do capitalismo em escala global afeta o Brasil que por sua vez afeta as diferentes regiões, inclusive Piedade.

3.4. A Formação sócio-espacial brasileira

Para Rangel os diferentes modos de produção podem coexistir no Brasil em diferentes períodos e sempre dois deles permanecem unidos e representados por duas classes: a burguesia agrária, burguesia comercial e a burguesia industrial. Sempre duas destas elites assumiam maior influência formando o pacto de poder interno que compõem o Estado brasileiro. Este pacto se altera configurando a relação da elite com Estado, atrelado as atividades produtivas do Brasil ao centro mundial do sistema capitalista. Nos diferentes períodos de nossa história diferentes elites estiveram no poder, tivemos relações diferentes com o centro econômico mundial e, portanto os modos de produção sofreram alterações internamente, influenciadas pelas transformações do capitalismo mundial. A história do Brasil é a história das dualidades brasileiras, onde as transformações no modo de produção mudaram o Brasil alterando os modos de produção internamente, mudando as regiões, mudando o espaço e a sociedade brasileira.

A influência inglesa fez no início do séc. XIX, mais precisamente em 1808, o rei D.João VI proclamar a Abertura dos Portos às Nações Amigas. A Abertura anulou o Pacto Colonial (que até então vigorava e concedia a exclusividade do comércio brasileiro a Portugal). Este acontecimento permitiu que a burguesia comercial brasileira, que vinha crescendo lentamente devido ao crescimento de um embrionário mercado interno causado pelo ciclo do ouro, ganhasse mais poder político-econômico e passou a realizar o comércio com o centro do sistema capitalista: a Inglaterra. É a partir desta transformação que surge a primeira dualidade brasileira (RANGEL, 1998).

A primeira dualidade é o pacto entre a burguesia comercial e a agrária. Sempre, em todas as dualidades, há um sócio maior (com maior influência político-econômica) e o sócio menor (com menor influência). A primeira dualidade era composta pelos latifundiários escravistas (sócio maior) e a burguesia comercial (sócio menor). A segunda dualidade formou-se a partir das duas últimas décadas do séc. XIX e permaneceu durante a república velha. Neste período o sócio maior era a burguesia comercial e o sócio menor a elite agrária e houve o começo de uma industrialização devido à instalação da pequena produção mercantil no sul e sudeste brasileiro. Este início de industrialização foi acelerado por Getúlio Vargas e formou-se a terceira dualidade: burguesia industrial (sócio menor) e os fazendeiros comerciantes (sócio maior), ambos voltados para o mercado interno.

A crise no capitalismo iniciada em 1973 fez os países do centro da economia capitalista aderir políticas neoliberais para minimizar os gastos do Estado com o bem-estar social. O EUA parou de financiar a ditadura militar brasileira que veio a terminar na década de 1980 – quando teve fim a terceira dualidade brasileira. Durante a terceira dualidade o Brasil se modernizou, passou por grande industrialização, liberou grande parte da população brasileira das relações pré-capitalistas no campo, criou uma grande massa proletária, melhoraram os serviços de saúde e educação, aumentaram os números de trabalhadores regulares com carteira assinada, etc. Porém, na década de 1990, o Estado brasileiro não prosseguiu com as políticas de desenvolvimento nacional, valorizou a moeda que permitiu a entrada de produtos industrializados e prejudicou a indústria brasileira. O Estado retirou os investimentos estatais em infra-estruturas e em vários setores da economia. Esta mudança causou vários resultados negativos ao Brasil, inclusive prejuízos à produção agrícola de Piedade.

As dualidades brasileiras esclarecem a formação do Estado brasileiro que, de acordo com os interesses das classes dominantes, influenciaram no desenvolvimento do capitalismo no Brasil e em Piedade.

3.5. A divisão social do trabalho e a relação campo-cidade

A divisão social do trabalho configura divisões espaciais do trabalho e criam, nos diferentes modos de produção, a relação campo-cidade (MARX e ENGELS, 2007).

As mudanças na produção agrícola no Brasil devem ser entendidas a partir da formação do mercado interno, na industrialização e no desenvolvimento econômico (BROIETTI; MEDEIROS e SAMPAIO, 2005), assim como o desenvolvimento das atividades agrícolas não é possível sem a criação de infra-estruturas, de canais de escoamento e um projeto nacional de formação de mercado interno.

A agricultura é “um ramo especializado da produção inserido na divisão social do trabalho” (BROIETTI; MEDEIROS e SAMPAIO, 2005) e, portanto, deve ser vista como um setor produtivo na divisão social do trabalho.

No séc.XIX o Brasil passou por profundas transformações, entre elas estavam a formação do Estado brasileiro com o pacto entre as burguesias e as conseqüentes transformações do modo de produção. Sabemos que estas mudanças não foram homogêneas pelo território acarretando diferentes formações sociais no Brasil, portanto a formação sócio-espacial brasileira era fragmentada, com particularidades em cada localidade de acordo com o processo de ocupação e formação de cada região. Duas grandes mudanças ocorridas neste século representam um avanço na estruturação do capitalismo: o fim da escravidão e a Lei de Terras que transformou a terra em mercadoria (IOTTI, 2001).

Durante o séc. XIX (principalmente o final) e início do séc.XX, devido a necessidade de mão-de-obra, o Brasil recebeu muitos imigrantes. Estes trabalhadores eram trazidos ou pelo Estado (pelo governo nacional e pelos governos das províncias) ou pela iniciativa privada. Fundaram-se colônias baseadas na Pequena Produção Mercantil (PPM) e outros muitos foram trabalhar nos cafezais do sudeste (IOTTI, 2001).

No período de 1850 a 1950 houve a chegada de milhares de colonos estruturando, em algumas regiões, outra forma de produção de alimentos: tratava-se de uma nova divisão social do trabalho estruturada na PPM voltada para o mercado interno. A PPM é um pequeno modo de produção existente entre os modos de produção (PEREIRA e VIEIRA, 2009). Trata-se da produção em pequenas unidades produtivas dedicadas primeiramente à agricultura e secundariamente à produção de toda a espécie de mercadorias necessárias à vida humana. As transformações na economia constroem nas regiões onde este pequeno modo de produção se estruturou à passagem para outro modo de produção. No caso de passagem para o capitalismo o crescimento das produções artesanais dentro das fazendas faz aumentar as trocas entre os produtores, em seguida há a especialização e transformação da produção de artesanal para a manufatura.

Até 1950 o campo brasileiro era constituído do que Inácio Rangel chamou de complexo rural, a relação campo-cidade possuía pequenos fluxos e nas próprias fazendas produziam-se os utensílios utilizados.

As fazendas, para produzir um determinado produto, tinham que produzir todos os bens intermediários e os meios de produção necessários, e ainda assegurar a reprodução da própria força de trabalho ocupada nestas atividades. O complexo rural internalizava nas fazendas um “departamento” de produção de meios de produção (insumos, maquinas e equipamentos), mais “um D1 assentado em bases artesanais” (para usar a terminologia de Rangel) como o ferreiro, o carpinteiro, o pedreiro, o mecânico, o domador de animais, o seleiro, etc. (GRAZIANO, 1998. p. 06).

O desenvolvimento das forças produtivas significa maior agilidade na produção de manufaturados, na produção agrícola, no extrativismo, etc. É o desenvolvimento dos diversos segmentos da economia. Este processo intensifica a divisão social do trabalho e

retira do campo as atividades não agrícolas, transformando a produção de artigos artesanalmente em produção industrial. Quando isso ocorre tem-se o fim do complexo rural. O fim do complexo rural e desenvolvimento do capitalismo não se tratam de roubar as atividades agrícolas do campo, mas sim as atividades não agrícolas, organizando-as e tornando-as mais produtivas para abastecer o mercado interno. Gradativamente a agricultura absorve as inovações tecnológicas, aumenta a produtividade e abastece o mercado interno urbano crescente devido à industrialização, assim a agricultura se converte na atividade que é nos países desenvolvidos: uma produção de bens primários, ou prontos para o consumo ou transferidos para uma série de indústrias específicas (RANGEL, 2005a).

Na década de 1950 intensificou-se o processo de industrialização brasileira e o êxodo rural intensificou-se. A população abandonou o campo (seja pelo atraso em algumas áreas ou pela modernização em outras) migrou para as cidades em busca de melhores condições de vida, portanto houve uma grande transição demográfica entre 1950 e 1970: a maior parcela da população, antes habitante do meio rural, passou a constituir a população urbana (ver Tabela 01).

TABELA 01: BRASIL – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL URBANA E RURAL 1920-2010.

	Total	Urbana	%	Rural	%
1920	30.635.605				
1940	41.236.315	12.880.182	31,2	28.356.133	68,8
1950	51.944.397	18.782.891	36,2	33.161.506	63,8
1960	70.070.457	31.303.034	44,7	38.767.423	55,3
1970	93.139.037	52.084.984	55,9	41.054.053	44,1
1980	119.011.052	80.436.409	67,6	38.566.297	32,4
1991	146.825.480	110.990.990	75,6	35.834.485	24,4
2000	169.799.959	137.953.959	81,2	31.845.221	18,8
2010	195.755.799	157.191.034	80,29	38.564.765	19,7

FONTE: CENSOS DEMOGRÁFICOS, VÁRIOS ANOS. IBGE. /N: BROIETTI; MEDEIROS e SAMPAIO, 2005. p. 31.

O crescimento das cidades não ocorreu de forma homogênea pelo Brasil, pois a população brasileira não migrou para as cidades regionais e sim para as principais cidades do sudeste, principalmente São Paulo. Este padrão de urbanização com uma principal cidade controlando a economia nacional Milton Santos denominou de macrocefalia.

Von Thunen afirmou, em sua teoria do “Estado Isolado”, que no entorno das aglomerações urbanas as atividades agrícolas distribuem-se em anéis e em cada anel

mudava-se o tipo de artigo produzido. O Estado Isolado seria composto por seis anéis mais uma área mais externa com florestas onde seria desenvolvida a caça. No primeiro anel localizavam-se os alimentos consumidos in-natura e que não podem manter-se estocados por muito tempo. Thunen era estatístico e elaborou sua teoria dentro de seu escritório apenas. Ele mesmo assumiu a dificuldade de aplicação idêntica de seu modelo a realidade devido a influência de rios navegáveis no transporte das mercadorias, admitiu que não há países que a condição socioeconômica seja idêntica por todo o território, assumiu a influência das diferenças regionais climáticas e também a importância nas vias de transportes construídas socialmente, destacando as estradas de ferro (muito usadas no final do séc.XIX) (WAIBEL, 1955).

Thunen teve importante contribuição para a geografia agrária. Uma importante contribuição de Thunen foi na defesa que em cada anel havia uma forma de economia. Estas diferentes economias influenciam a organização da produção. Devido seu método dedutivo Thunen não se aprofundou nas diferentes formas e organizações do trabalho, apenas criou teorias sobre a distribuição destas (WAIBEL, 1955).

Cada uma destas formas de economias se caracteriza especialmente numa superfície econômica em forma de anel, com aspecto inteiramente uniforme, determinado pela forma de atividade e pela finalidade da produção. Em outras palavras, segunda minha definição, trata-se aqui de formações econômicas. (WABEL, 1955. p. 280).

Para WAIBEL (1955) tratava-se de formações econômicas, porém trataremos como a Formação sócio-espacial brasileira como apresentado acima.

Em torno da cidade de São Paulo desenvolveu-se o chamado Cinturão Verde: região de grande produção agrícola de predomínio de hortifrúti (semelhante ao primeiro anel de Thunen). Entretanto a construção espacial e distribuição das atividades produtivas necessitam serem analisadas de acordo com seu processo de formação, na sua integração entre os diversos setores em diferentes escalas. A localização do Cinturão, inclusive da produção agrícola de Piedade, foi formada através de um processo histórico e, somente através do entendimento deste, é possível compreendermos a situação atual da produção, sua relação com os mercados para os quais o Cinturão Verde fornece e a situação das forças produtivas do capitalismo brasileiro. A história da humanidade e sua materialização é que configuram a distribuição da produção em um processo dialético.

A partir de 1950 a grande demanda por alimentos da RMSP fez os cinturões produtores de alimentos crescerem, justamente para atender às demandas. Em Cotia (SP) a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) que havia sido formada no final da década de 1930 expandiu o número de cooperados e alguns produtores de Piedade passaram a fazer parte da CAC.

Alem do município de Cotia, outros municípios a oeste da RMSP formavam o Cinturão Verde, entre estes municípios destacavam-se Vargem Grande Paulista, Ibiúna e Piedade. É a partir da macrocefalia centralizada na capital paulista e os mercados regionais de Sorocaba e Campinas que vai se desenvolver a atividade agrícola em Piedade durante a segunda metade do séc.XX. A produção de cebola neste período cresceu muito e, conforme SOARES (1981), Piedade fornecia cebola para todo o Brasil.

Lênin chamava a atenção para a necessidade da modernização da agricultura, para a extinção dos resquícios de outros modos de produção para o desenvolvimento das forças produtivas e para integração entre os produtores e o mercado para se desenvolver a economia nacional. Este processo é revolucionário quando expõe a classe trabalhadora à luta de classes tirando o homem do isolamento do campo. Os produtores passam a conhecer os outros setores da economia, passam a produzir voltados para o mercado e perceber a flutuação da economia capitalista. Estas transformações modernizam o campo liberando mão-de-obra: os trabalhadores ao se proletarizarem, no campo ou na cidade, intensificam a luta de classes e criam a possibilidade efetiva de superação do modo de produção capitalismo através do proletariado. Portanto é a intensificação da divisão social do trabalho e desenvolvimento do capitalismo (no campo e na cidade) que cria a condição de superação do capitalismo (LENIN, 1982).

Quando o capitalismo ainda não penetrou efetivamente no campo permanecem relações de trabalho pré-capitalistas: a produção de mercadorias ocorre através das diferentes rendas da terra. Para RICARDO (1982) quando o proprietário de terras aluga-a a um produtor e este paga o aluguel com parte de sua produção denomina-se renda da terra pré-capitalista. Para o autor as terras que propiciassem melhor produtividade produziram os alimentos necessários em um estágio inicial hipotético do crescimento de um país. Com o crescimento da população e da demanda por alimentos as terras menos produtivas passariam a serem cultivadas. Neste momento o proprietário da terra com maior produtividade poderia cobrar um aluguel mais alto e extrair maior renda de terra devido ao aumento da demanda por alimentos e maior procura por terras agricultáveis. Trata-se da transferência do ganho do agricultor ao proprietário de terras.

MARIGUELLA (1980) explica que através de acordos pré-estabelecidos entre o locador e o locatário a renda da terra pode ser paga através da renda trabalho, renda espécie e renda dinheiro. O pagamento da renda da terra em trabalho o agricultor trabalha parte de seus dias nas terras do proprietário, além de executar tarefas como cuidar dos animais, semear parcelas de terras, etc. A renda em espécie ocorre quando o agricultor paga parcela da produção ao proprietário em mercadorias sem converter esta ultima em dinheiro. A renda em dinheiro o agricultor paga parcela da produção ao proprietário porem converte a mercadoria em dinheiro no mercado antes de pagar ao proprietário das terras o combinado pelo uso da terra. O mais comum no Brasil é o meeiro, onde o agricultor paga a

metade do resultado de sua produção ao proprietário (em renda espécie ou renda dinheiro). De acordo com SOARES (1981) estas rendas coexistiram em Piedade durante o ciclo da cebola.

Quando o capitalismo se desenvolve na cidade, a geração de empregos liberta o homem do campo, pois este migra para a cidade em busca de melhores condições de vida. É na cidade que estão os serviços necessários ao homem (escolas, hospitais, comércios, etc.). O crescimento do capitalismo cria a oferta de máquinas e insumos para agricultura e cria demandas por alimentos, esse processo faz a agricultura atender às demandas crescentes e os produtores modernizarem sua produção. Isso faz o capitalismo penetrar efetivamente no campo, liberta o homem das relações pré-capitalista, possibilita novas classes sociais extinguindo o poder da elite agrária conservadora e eliminando os resquícios feudais.

Milton Santos tratando da reforma agrária fala sobre a relação campo-cidade e expõe que o homem sempre tende a migrar para a cidade em busca de melhores condições de vida.

A primeira coisa é saber que, se eu deixo o campo atrasado, as pessoas saem. Se eu modernizar o campo, as pessoas saem. A reforma agrária não tem o peso hoje que tinha antes. O Brasil é outro, o mundo é outro. Pedir às pessoas que fiquem no campo é uma herança romântica. Por que elas deveriam ficar no campo? No campo é mais difícil ter educação, saúde. É até mais difícil consumir ideologia. A idéia de prender o homem ao campo é um equívoco. Em uma economia de prosperidade eu vivo na cidade e trabalho no campo. (SANTOS, 1994).

Na década de 1990 as grandes redes varejistas expandiram suas lojas no Brasil e através da integração com outros segmentos (como a agroindústria e transporte) criaram-se facilidades na reposição dos alimentos e a diminuição de preços das mercadorias (inclusive com grande participação do capital internacional). A diminuição da inflação fez o consumidor diminuir os estoques e freqüentar mais os supermercados para comprar todos os tipos de mercadorias. Isso permitiu que aumentasse o consumo de produtos frescos que não podem ser armazenados por muito tempo, como FLV (GIAVANT, 2003).

Esta forma de comercialização de FLV é o que permitiu a formação de uma cadeia de distribuição de alimentos onde numa ponta estão os agricultores em Piedade e na outra estão dois tipos de comerciantes: 1º) as grandes redes varejistas participante do circuito superior da economia e 2º) os pequenos comerciantes (mercados pequenos, quitandas, feiras-livres, etc.) integrantes do circuito inferior da economia.

Piedade surgiu num momento de gênese do mercado interno brasileiro (ciclo do ouro no séc.XVII) e sua agricultura surgiu integrada, diferente de outras regiões brasileiras onde a atividade agrícola ou surgiu para a subsistência ou com a monocultura agro-exportadora. No decorrer da história elementos como a chegada dos imigrantes e a sempre crescente

integração com a economia urbana (principalmente após a década de 1950 – período de grande urbanização do sudeste) fizeram a produção agrícola crescer. Outros fatos como a ascensão e declínio da produção de cebola, seguida da reestruturação da demanda e do perfil dos varejistas acarretaram em mudanças produtivas. Por fim Piedade possui uma geografia formada por uma produção mercantil dinâmica, desigual, vulnerável às flutuações do mercado nas suas diferentes escalas e uma população carente de políticas de geração de emprego, incentivos na produção, no transporte, na comercialização e vítima do neoliberalismo. Um processo de formação complexo, conectada e ao mesmo tempo isolado. Próxima da área mais urbanizada do país e ao mesmo tempo carente de canais e escoamento. Esclarecimentos sobre a formação sócio-espacial, sobre as elites que compõem o Estado, sobre as flutuações do modo de produção, sobre as demandas do mercado interno são fundamentais para compreendermos a economia e seus diversos segmentos, inclusive as atividades agrícolas.

Estes processos analisados por Rangel e por Lênin são fundamentais para compreendermos as transformações nos complexos agroindustriais no Brasil, as mudanças técnico-produtivas na lavoura, a acumulação de capital, os mecanismos de comercialização e a dinâmica dos mercados consumidores. Os grandes períodos de mudança na dinâmica da produção agrícola e agroindustrial devem ser buscados na formação da economia de mercado interno do Brasil, no processo de industrialização, e na dinâmica cíclica do desenvolvimento econômico. (BROIETTI; MEDEIROS e SAMPAIO, 2.005. p. 28).

3.5.1. A Macrocefalia e os dois circuitos da economia urbana

A economia urbana, segundo SANTOS (2004), possui dois circuitos: o circuito superior e o circuito inferior. Ambos foram criados pelo mesmo processo de desenvolvimento das forças produtivas nos países subdesenvolvidos. Não se trata de um dualismo e oposição entre os dois circuitos e sim uma complementaridade. A migração campo-cidade cria a aglomeração urbana, seja pelo desenvolvimento do campo ou por este manter-se atrasado. O desenvolvimento dos setores primário e secundário absorve parcela desta população. Outra parcela da população que não consegue se privilegiar das melhorias causadas pelo desenvolvimento econômico cria atividades produtivas no setor secundário e principalmente no terciário. Estas novas atividades propiciam condições da população mais pobre sobreviver e gerar oferta de produtos e serviços para atender a parcela da população desprovida de grandes capitais para gastar, assim cria-se o circuito inferior da economia urbana. A produção de mercadorias e serviços neste circuito não faz uso de capital intensivo, usa pouca tecnologia e não há investimentos em melhorias. O motivo principal desta produção não é a maximização do lucro, e sim a subsistência. O lucro por unidade de mercadoria comercializada neste fluxo é alto, porem o número de unidades é baixo. Os preços são flexíveis estando sujeitos a alterações através de solicitação da clientela devido ao grau de informalidade neste fluxo e as relações entre fornecedores e clientes são

informais. O circuito superior é composto por maior burocracia e formalidade. Usa-se tecnologia e o uso de capital convertido em inovações é constante. O fim principal é o lucro e investimentos para maximização dos lucros futuros. O lucro por unidade vendida é baixo, entretanto a quantidade total é grande (SANTOS, 2004).

Os dois circuitos da economia urbana possuem diferenças no raio de atuação das relações. O circuito superior mantém relações mais intensas com áreas e grupos externos às localidades no qual estão inseridos. O circuito superior é capaz da produção espacial em grande escala, atingindo áreas maiores e muitas vezes distantes, criando, entre o local de instalação de uma empresa e/ou infra-estrutura e outro local com outras transformações, espaços sem contato com a atividade desenvolvida no circuito superior. Resumindo: o circuito superior é capaz de uma macro-organização do espaço (SANTOS, 2004).

A produção do espaço através da concentração das atividades produtivas depende diretamente do sistema de transportes e do quadro de integração do território e da economia nacional. Os países colonizados normalmente tiveram suas infra-estruturas de transportes criados para a exportação (seja de produtos agrícolas seja de minérios). Criava-se estradas e portos para a fluidez para o abastecimento da metrópole. Estas redes não constituíam a integração dos territórios. A industrialização é o processo que efetivamente promove a integração. Através do desenvolvimento da indústria em um país é necessário não apenas que se crie condições de locomoção das pessoas, mercadorias e que as decisões políticas e econômicas atinja todos os espaços do país. É importante que o resultado das atividades econômicas repercuta em outras regiões, transformando o país, desenvolvendo as regiões e integrando a economia através dos fluxos de alimentos, matérias-primas, manufaturados, capitais e mão-de-obra (SANTOS, 2004).

Os países subdesenvolvidos que passaram por algum momento de industrialização tiveram maior integração, urbanização e industrialização. Entretanto essa integração não existe em toda extensão dos territórios dos países subdesenvolvidos, somente nas áreas conhecidas como *core*: regiões centrais de concentração da economia nacional.

Quanto mais elevado é o nível de industrialização de um país, mais avançada é a integração da indústria no *core* e, por conseguinte, mais progride a integração do território. Mas essa integração é sempre relativa; a verdadeira integração só ocorre nos países desenvolvidos (SANTOS, 2004. p. 287).

No Brasil o ciclo econômico da cana-de-açúcar, o ciclo do ouro e o ciclo do café criaram cidades-portos e cidades nos caminhos para atender às demandas da atividade produtiva, cada qual em uma região brasileira. Isso propiciou “a formação de sistemas espaciais isolados, diretamente ligados ao exterior, por intermédio da cidade principal, centro de exportação e importação.” (SANTOS, 2004. p. 288). Estas cidades tornaram-se cidades históricas. Com o advento da industrialização criou-se a nova metrópole e tornou-se

o pólo econômico: a cidade de São Paulo. O Estado, no papel de criar condição de desenvolvimento da indústria e de atender às demandas por serviços básicos, concentrou nesta macro-região a maior quantidade de infra-estruturas. As velhas capitais históricas perderam cada vez mais importância nacional.

Nos países subdesenvolvidos existe a tendência de polarização das atividades na metrópole através de uma rede urbana piramidal. As cidades menores, com menos infra-estruturas, necessitam das cidades mais equipadas para completar-se. Assim como este segundo nível de cidades buscam em outra cidade a complementaridade. SANTOS (2004) explica que a cidade local 'A' complementa seus recursos utilizando da estrutura existente na cidade regional 'B', assim até a metrópole completa. Entretanto este é chamado por SANTOS como “esquema clássico”: no topo está a metrópole completa, e na base da pirâmide as cidades pequeníssimas, os distritos e vilarejos. Com o desenvolvimento da industrialização e melhorias do sistema de comunicação e transporte “produz-se um verdadeiro curto-circuito.” (SANTOS, 2004. p. 289). As cidades menores não necessitam das cidades médias locais, as pessoas não buscam nas cidades próximas os serviços e mercadorias que carecem. As pessoas relacionam-se e buscam serviços e infra-estruturas diretamente na cidade mais importante, diretamente com a metrópole. Essa integração é resultado e é também criadora da macrocefalia.

Na rede urbana dos países subdesenvolvidos existem as “regiões mais prósperas e dominantes e regiões menos desenvolvidas e dominadas” (SANTOS, 2004. p. 290), trata-se das relações entre a metrópole macrocefálica com as cidades locais e o campo. A metrópole detém os centros de decisões políticos e econômicos, os centros de tecnologias, os maiores mercados e maior produção de mercadorias, sendo o centro econômico do país, contudo

a cidade local e o campo são colocados na periferia sócio-econômica e pagam um preço elevado por sua defasagem: o do empobrecimento de seus habitantes em relação aos das zonas polares do país (SANTOS, 2004 p. 290).

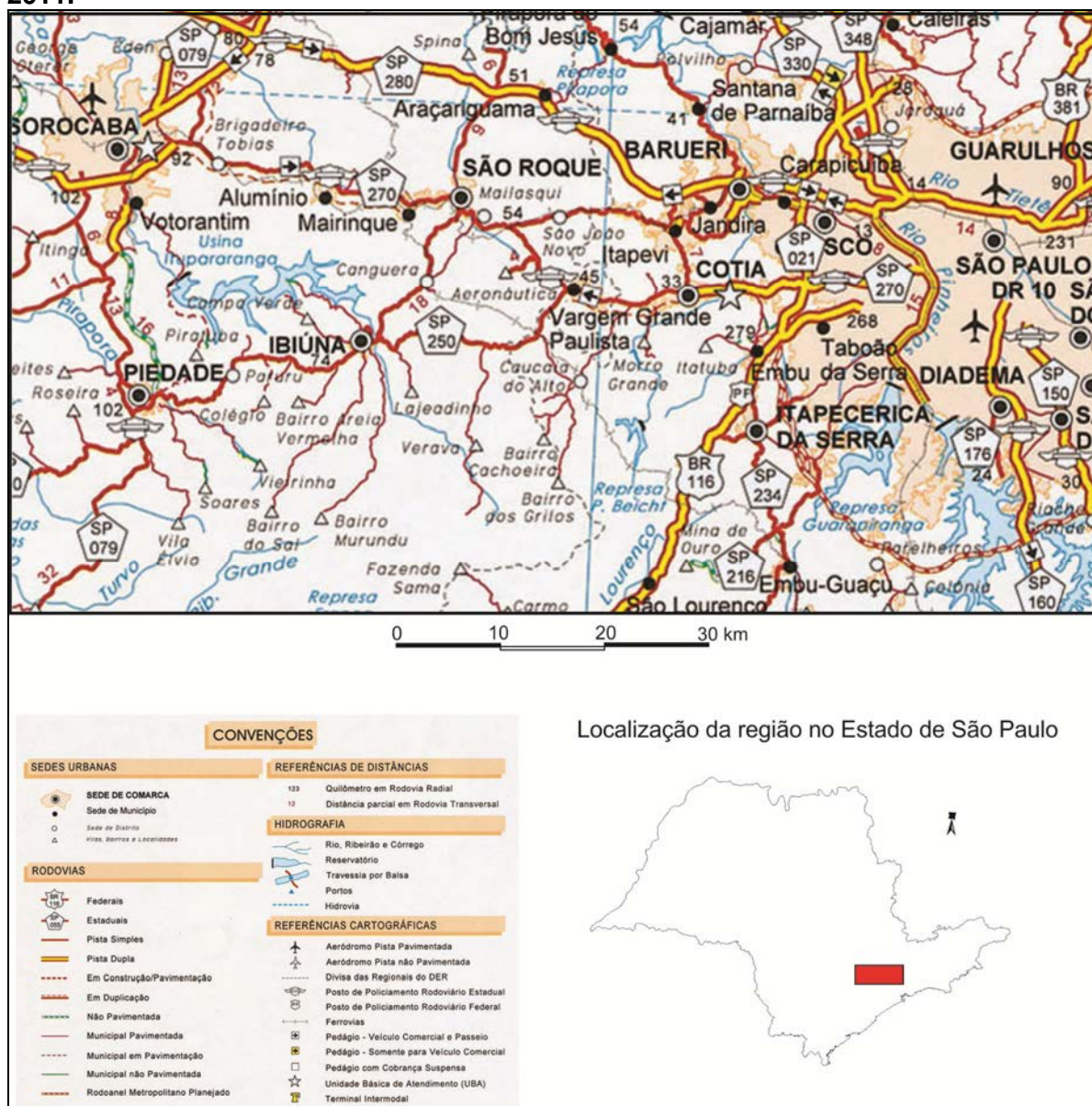
É fundamental que se esclareça a utilização do termo ‘periferia’ não se refere à distância física da metrópole e sim à acessibilidade de uma cidade e das áreas rurais à metrópole ou a outra cidade para à utilização de recursos tecnológicos, acesso a serviços financeiros, serviços de uso pessoal e distribuição da produção local para mercados diversos – podendo ser a própria metrópole ou cidades locais.

Nos países subdesenvolvidos, devido à desigualdade social, pode-se encontrar a coexistência de modernos meios de transportes e meios arcaicos, principalmente nas áreas periféricas nestes países. Este quadro de desigualdade é influenciador das disparidades espaciais, pois a acessibilidade e a integração dependem dos recursos tecnológicos de transportes (SANTOS, 2004).

Nas regiões não periféricas, onde há o predomínio das atividades agrícolas, o empobrecimento do produtor rural pode implicar no enfraquecimento das possibilidades de desenvolvimento das cidades local da região. Esta população representa consumidores para serviços urbanos e mercadorias industriais. Quando o produtor rural não tem possibilidade de realizar este consumo ocorre o empobrecimento do campo e da cidade nestas regiões. Para a mudança deste quadro é fundamental alguns fatores de dinamismo: 1) demanda por produtos agrícolas externos da região – integração dos produtores com novos mercados; 2) instalação de novas atividades terciárias (como serviços estatais) empregando massa salariada para aumento do consumo; 3) instalação de indústrias – também criando demanda por produtos agrícolas. (SANTOS, 2004). Nos três fatores de dinamismo econômico o principal que deve ser destacado é a integração econômica entre os setores primário secundário e terciário da economia. Quando não há demanda por produtos agrícolas na região ocorre a necessidade do Estado criar possibilidades de integração com novos mercados, assim possibilitando os produtores rurais consumirem produtos e serviços nas cidades aquecendo a economia. Também deve o Estado criar possibilidade de novas atividades urbanas, para criar demanda e mercado regional por produtos agrícolas, e assim criar condição de fluidez das mercadorias, mesmo em escala regional.

Esse processo macrocefálico desenvolveu-se efetivamente no Brasil após a década de 1950. A estrada Sorocaba - São Paulo foi construída em 1922, mas foi em 1951 que a Rodovia SP-270 foi devidamente pavimentada e recebeu o nome de Rodovia Raposo Tavares (ver MAPA 02).

MAPA 02: MAPA RODOVIÁRIO DA REGIÃO ENTRE PIEDADE E SÃO PAULO (SP), 2011.



FONTE: SÃO PAULO, Secretaria de Logística de Transportes, Departamento de Estradas de Rodagem; modificado por FERNANDES, 2011.

Na década de 1950 a rodovia Bunjiro Nakao (SP-250) recebeu asfalto ligando Piedade à rodovia Raposo Tavares (SP-270) e, portanto ligando Piedade a São Paulo por vias asfaltadas (ver MAPA 02). Esta facilidade fez muitos produtores filiarem-se à CAC, aumentou as vendas ao mercado paulistano, propiciou o desenvolvimento das atividades agrícolas na cidade de Piedade e, desde então, a produção agrícola piedadense ligou-se ao circuito superior e inferior da economia urbana.

Atualmente há alguns canais de ligação entre o produtor e os dois circuitos. Para esclarecer estes canais faremos o entendimento do processo de formação de Piedade.

4. A FORMAÇÃO DE PIEDADE

O espaço é a materialização da combinação das relações em diferentes escalas. A dinâmica do modo de produção capitalista cria demandas no centro do sistema que são atendidas pela periferia. Desta forma o centro do sistema se relaciona com as diferentes periferias do modo de produção por todo o mundo. A lógica de apropriação da riqueza é global, organização pelo modo de produção dominante e relaciona-se com as sociedades periféricas. Cada sociedade transforma o espaço de forma diferente ao espaço externo. Estas particularidades de cada região em combinação com a lógica global constroem as diferentes formações sócio-espaciais. O modo de produção é a possibilidade, o gênero, a FSE é a especificidade, a realização, a materialidade espacializada (SANTOS, 1977).

O capitalismo se estruturou como modo de produção dominante somente o séc.XIX, com o advento das Revoluções Industriais e mesmo após estas a periferia do sistema econômico, incluindo as diferentes regiões brasileiras, estavam estruturadas em diferentes modos de produção, estes já ultrapassados pelos países industrializados.

O mercantilismo europeu crescia no séc. XVI superando o feudalismo naquele continente. Entretanto a Europa ao se apossar do continente americano não construiu relações progressistas, ou seja, instituiu o poder através de relações feudais “tanto pelo aspecto econômico, como pelo jurídico” (RANGEL, 1998. p. 139). O tratado de Tordesilhas dividiu o continente entre a coroa portuguesa e espanhola.

Na América espanhola o encontro das minas de ouro e prata de imediato logo se constituiu numa sociedade mineradora e urbana. O Brasil, até o começo do séc.XVIII, era constituído de uma sociedade agrária devido as monoculturas escravistas da zona da mata nordestina e das regiões pastoris nos campus do sul e no sertão nordestino.

Somente no séc.XVIII foram encontradas as jazidas de ouro em Minas Gerais mudando a principal área da colônia brasileira do nordeste para a área mineradora. O séc.XVIII é marcado pelo ciclo do ouro e pelas transformações que este ciclo acarretou nas diferentes regiões. Antes da mineração havia no Brasil o predomínio de duas classes: os senhores de engenho e os escravos. A mineração fez surgir outro grupo, uma classe média urbana ocupada com os mais diversos serviços. Tratava-se de pessoas que habitavam as muitas cidades que surgiam no caminho do ouro e esta classe média atendia às demandas por serviços aos tropeiros que escoavam o ouro para o litoral. Muitos trabalhavam nas atividades portuárias, outros nas estalagens.

Surgiram neste processo muitas cidades no caminho das tropas vindas dos campus sulistas e do sertão nordestino em direção às minas. Estas tropas traziam comida, utensílios e animais, principalmente o charque e o couro. Desta forma o ciclo do ouro promoveu a primeira integração entre as regiões brasileiras (MOREIRA, 2005). Outra grande mudança

do ciclo do ouro foi a criação de uma burguesia comercial e a influência que esta passou a exercer sobre o Estado brasileiro quando houve a sua formação.

Mas o que esta relação internacional entre colônia e metrópole e estas transformações no território e na sociedade brasileira tem a ver com a formação da região de Piedade? A formação do município se deu através de um ponto de parada das tropas provenientes do sul e se dirigiam até a feira de Sorocaba (principal feira no séc.XVIII de abastecimento de todo o sudeste) e, posteriormente, foi a burguesia mercantil que influenciou na exportação do algodão plantado na região para a Inglaterra e que organizou a venda de terras para colonos europeus. Mas para a compreensão da formação de Piedade faz-se necessário explicarmos a formação da pequena produção mercantil sulista, formação está que em muito influenciou na formação da região de Piedade.

A ocupação do território brasileiro começou de forma desintegrada, No início do período colonial os portugueses ocuparam poucas áreas. A busca por metais preciosos fez a coroa portuguesa incentivar as missões jesuíticas e o bandeirantismo. As missões jesuíticas tinham como objetivo catequizar e aprisionar os índios para servirem de trabalho escravo na atividade açucareira em ascensão no nordeste. O bandeirantismo tratava-se de expedições adentrando ao Brasil em busca de metais preciosos e aprisionamento dos índios.

A aliança com algumas tribos indígenas, o apresamento e escravidão de índios aldeados e/ou reduzidos pela Igreja Católica, através da missão evangelizadora jesuítica, representa papel crucial na formação dos clãs bandeirantes do planalto meridional. (PEREIRA e VIEIRA, 2009. p. 172)

O marco de irradiação do bandeirantismo era a vila de São Vicente no litoral do sudeste. Segundo MOREIRA o bandeirantismo possui quatro direções partindo de São Vicente:

[...] o litoral sul, seguindo pelo costeamento; o sudoeste, rumo ao território das missões jesuíticas; o oeste e noroeste rumo aos territórios das comunidades indígenas do planalto central e da Amazônia ; e o nordeste, rumo aos territórios quilombolas rebelados contra os centros canavieiros da zona da mata nordestina. (MOREIRA, 2005. p. 08).

Estas duas investidas em explorar a Colônia são importantes para o esclarecimento sobre a ocupação do município de Piedade.

4.1. As primeiras ocupações em Piedade

Em 1554 os jesuítas fundaram um colégio nos campos de Piratininga e em 1564 o colégio tornou-se Vila e posteriormente tornou-se a cidade de São Paulo. O município de Piedade localiza-se a 98 km a leste da cidade de São Paulo e a 32 km a sudoeste de

Sorocaba (ver o MAPA 01). Esta região durante o período colonial brasileiro era pouco ocupada.

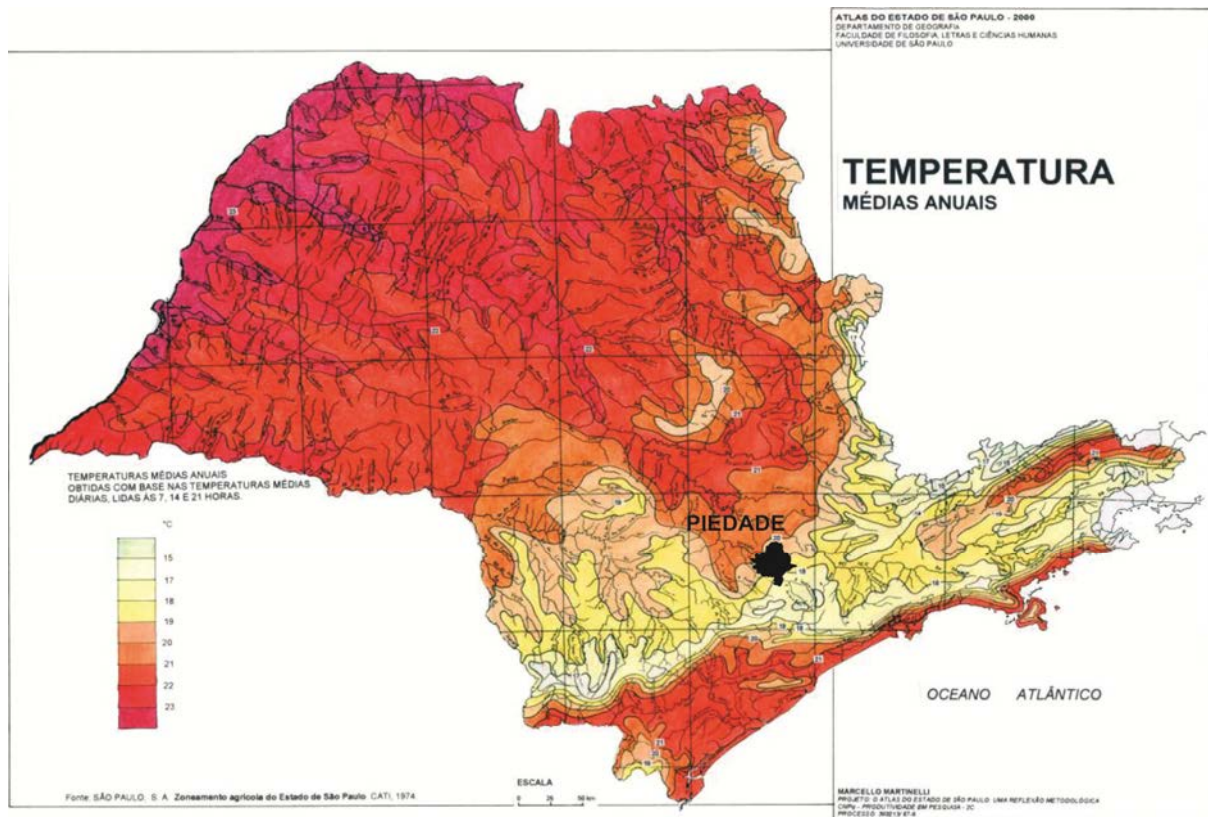
Piedade tem temperaturas médias anuais de 16 C° (ver MAPA 03) e de acordo com a classificação de Koppen Piedade está entre os Climas Cfa: quente sem estação seca e Cfb: temperado sem estação seca.

O mapa síntese apresenta os tipos de climas do estado de São Paulo de acordo com a classificação de Koppen (ver MAPA 04). Este sistema classifica os climas mundiais em cinco tipos utilizando cinco letras: A, B, C, D e E. Os diferentes tipos de climas recebem mais uma ou duas letras para especificar os diferentes tipos de climas totalizando onze climas diferentes. Outras variáveis como temperatura e pluviosidade são consideradas pela classificação de Koppen (MATINELLI, 2001). Vejamos os diferentes tipos de climas de acordo com esta classificação:

Af: Floresta tropical; Aw: Savana tropical; BS: Clima de estepe; BW: Clima desértico; Cw: Clima chuvoso temperado com inverno seco; Cf: Clima chuvoso temperado úmido em todas as estações; Cs: Clima chuvoso temperado com verão seco; Df: Clima de floresta, frio com neve, úmido todas as estações; Dw: Clima de floresta, frio com neve com inverno seco; ET: Clima de tundra; EF: clima de gelo permanente.

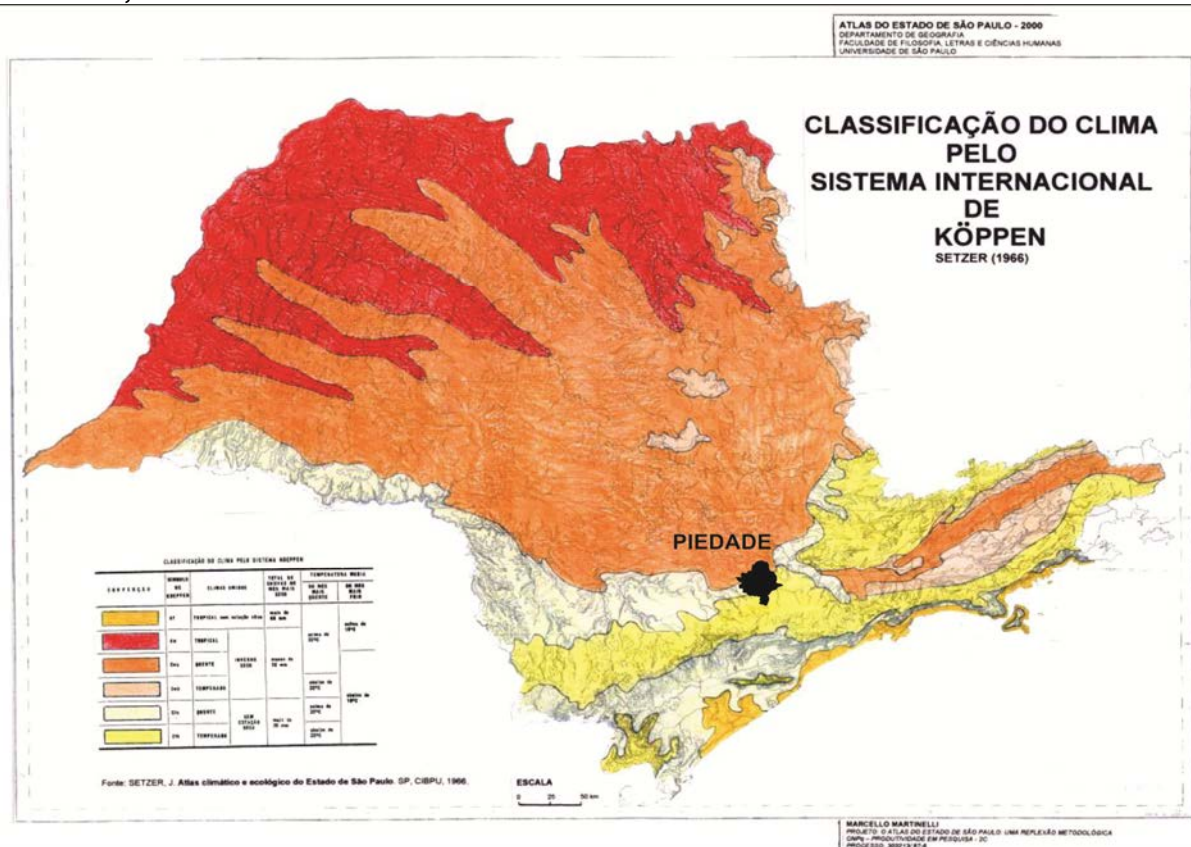
De acordo com esta classificação há no estado de São Paulo os climas Af (tropical úmido sem estação seca), Aw (tropical úmido com inverno seco), Cwa (quente com inverno seco), Cwb (temperado com inverno seco), Cfa (quente sem estação seca) e Cfb (temperado sem estação seca) (ver MAPA 04).

MAPA 03: ESTADO DE SÃO PAULO - TEMPERATURAS MÉDIAS ANUAIS, 2000.



FONTE: MARTINELLI, 2010; modificado por FERNANDES, 2011.

MAPA 04: ESTADO DE SÃO PAULO – CLASSIFICAÇÃO DO CLIMA PELO SISTEMA DE KÖPPEN, 2000.



FONTE: MARTINELLI, 2010; modificado por FERNANDES, 2011.

Piedade possui a biodiversidade da Mata Atlântica, oferecendo diversidade de vegetais e animais às tribos indígenas. Entretanto as baixas temperaturas é a principal hipótese que alguns historiadores defendem sobre a escassez de tribos indígenas na região.

As tribos indígenas eram organizadas no modo de produção comunismo primitivo. Neste modo de produção o meio produtivo é o próprio homem. Dentre os elementos que influenciam os meios produtivos há a influência dos elementos naturais (CHOLLEY, 1964). No caso das tribos ameríndias o clima é um fator importante, pois qualquer elemento que atinja o meio de produção (neste caso o próprio homem) prejudica o trabalho, seja no extrativismo vegetal na floresta, na caça, na pesca, etc. Portanto as localidades na América onde o clima era menos frio havia maior povoamento.

Algumas missões de jesuítas saíam de Itapecerica da Serra no séc. XVII e iam em busca de ouro na região. Chegaram a fundar um colégio jesuíta onde hoje é o Bairro do Colégio pertencente ao município de Ibiúna. Mas a região não oferecia nem o ouro (principal objeto de interesse bandeirante) nem os índios (catequizados e/ou escravizados – muitas tribos faziam alianças com os bandeirantes no aprisionamento de outras para estas últimas serem enviadas para a região canavieira), o que ocasionou pouca ocupação na região de Piedade durante o período colonial brasileiro.

O período colonial brasileiro é a gênese da formação sócio-espacial brasileira. Neste período o Brasil não era um país, nem um império, nem constituía um Estado, éramos uma colônia. Somente após a independência em 1822 podemos falar em Estado brasileiro. A formação sócio-espacial durante o período colonial está associada à exploração que a metrópole fez de nosso país.

4.2. A Paragem de Pirapora

A primeira ocupação do município de Piedade foi a Paragem de Pirapora. A paragem foi criada para atender às tropas provenientes do sul no séc.XVIII, o que possibilitou o contato com a economia que se estruturava no sul do Brasil.

A formação da região sul brasileira é constituída de dois meios geográficos: o latifúndio pastoril nas áreas de campos e a pequena produção mercantil nas áreas de matas. A área subtropical brasileira foi explorada tardiamente pelos portugueses, pois o clima subtropical não permitia a produção de produtos tropicais como era feito no Brasil tropical no período colonial.

Quando outras áreas brasileiras já produziam para um mercado externo metropolitano, o Sul não tinha condições de concorrer para esse comércio, pois aí não se podia obter produtos naturais. Este fator de ordem natural, a subtropicalidade, influída nas modalidades de aproveitamento econômico, foi, pois, o responsável pela tardia efetivação do povoamento. (MONTEIRO, 1969. p. 70 in: PEREIRA e VIEIRA, 2009. p. 167).

As tribos indígenas que ocupavam a porção sul do território brasileiro não eram muito populosas e viviam no modo de produção do comunismo primitivo num sistema nômade ou semi-nômade.

No séc. XVII a coroa portuguesa concedeu sesmarias aos vicentinos que passaram a ocupar o sul. Havia a preocupação da ocupação da área pela coroa espanhola.

Procedentes da capitania de São Vicente, homens de posses deslocavam-se com escravos e agregados pelo litoral, fundando ao longo da costa vários núcleos de povoamento em sítios portuários, movidos seja pela busca do ouro, seja pela disputa colonial... (PEREIRA e VIEIRA, 2009. p.170).

No séc. XVII a coroa portuguesa começou a enviar os açorianos para ocupar efetivamente o litoral sulino e explorar o óleo de baleia. Fundaram-se outros povoamentos e a pequena produção mercantil. Os açorianos, na sua maioria, trabalhavam na pesca da baleia e na produção do óleo. Estes trabalhadores, diferente do Brasil tropical, tinham a liberdade de produzir outros artigos e comercializar os excedentes.

O colono açoriano, diferente do escravo, tinha liberdade de praticar uma policultura de subsistência e usar seu excedente na melhoria de sua propriedade. Esse foi um dos fatores fundamentais que propiciaram precocemente a emersão do litoral catarinense à posição de destaque no cenário colonial da época como uma das áreas fornecedoras de gêneros alimentícios. (BASTOS in PEREIRA e VIEIRA, 2009. p. 170).

No atual estado do Rio Grande do Sul os açorianos adentraram e ocuparam parte do oeste e iniciaram o plantio de trigo e criação de gado. Mas foi no final do séc. XVII que os jesuítas ajudaram na ocupação do território fundando vilarejos e desenvolvendo a atividade pecuária.

De acordo com PEREIRA e VIEIRA (2009. p. 173) a descoberta do ouro no sudeste fez a atividade pecuária crescer. Primeiramente, ainda no séc.XVII, no estado do Paraná “tanto no litoral (Paranaguá, Antonina e Morretes) quanto no planalto (São José dos Pinhais, Bocaiúva e Curitiba)” a atividade mineradora, mesmo com pouca produção, deu origem a estas cidades e tal atividade “implicou no nascimento da atividade pastoril, em especial nos Campos de Curitiba e posteriormente nos Campos de Gerais, de Palmas e de Guarapuava”. No início da mineração no sudeste foi esta produção paranaense que fornecia o gado.

No Rio Grande do Sul a produção de gado proliferava a partir das estâncias jesuítas e, juntamente a produção paranaense abastecia o sudeste. Este abastecimento da produção sulista deu origem a várias cidades, entre elas Sorocaba e Piedade.

O grande obstáculo para o transporte do gado na fase inicial de relacionamento da planície platina com a região de mineração, será a Serra do Mar e as Escarpas do Planalto, a Serra Geral. Até cerca de 1730, o percurso arterial de tropas, orientado pelas manchas no campo, liga

Viamão, Laguna, Lages, Curitiba e Sorocaba. A partir de então, o litoral catarinense se desarticula das terras de Serra Acima, alijando Laguna e fortalecendo a posição de Lages, que permanece no circuito das tropas, fortalecendo a atuação da corrente planáltica de ocupação. Ligando os criatórios sul-riograndenses ao principal mercado pecuário da época – Sorocaba –, os caminhos das tropas criaram condições para o aparecimento, nos três estados, de várias povoações, como Viamão, Cruz Alta, Lagoa Vermelha, Vacaria, Lages, Curitiba, Mafra, Palmas, Lapa, Guarapuava, Ponta Grossa, Castro e Jaguariá, entre outros. (PEREIRA e VIEIRA, 2009, p. 173-174).

As transformações na sociedade advindas do ciclo do ouro e a demanda por gado fizeram

sustar o ciclo de predadores de homens, substituindo-o pelo de predadores de animais... O meio de produção fundamental deixou de ser o próprio Homem – os indígenas – sendo substituído pelo gado bovino, cavalar, muar, que se proliferara no Rio Grande do Sul, a partir das estâncias jesuíticas. A propriedade dos homens, fonte da riqueza dos bandeirantes paulistas, é substituída pela propriedade dos animais. (PEREIRA e VIEIRA, 2009, p. 173).

Em 1661 fundou-se a vila de Sorocaba devido ao crescimento da demanda por infraestrutura para a parada das tropas. Mas em 1750 surgiu um registro de animais que fez os tributos pagos pelos tropeiros subirem, levando ao surgimento de novas rotas até a capital paulista. Em 1733 foi criado o caminho que as tropas desviavam de Sorocaba e passavam por onde é a cidade de Piedade.

Até 1750, somente índios, garimpeiros e com algumas ressalvas, os jesuítas, andaram por essas terras. Nesse ano foi criado em Sorocaba o registro de Animais, para cobrar os impostos das tropas que vinham do sul pela estrada aberta por Cristóvão Pereira de Abreu, em 1733. Para burlar o fisco, os tropeiros procuraram outros caminhos... Assim foram se abrindo os caminhos pelo sertão. Nos caminhos foram surgindo as “paragens” ou os “pousos” para descanso das tropas. (NETTO, 1987, p. 13).

No sul a formação pastoril, antes de caráter nômade, sedentarizou-se, formou estâncias, vilas e o meio de produção deixou de ser o gado e tornou-se a terra, de riqueza móvel tornou-se riqueza fixa. Esta estrutura onde a terra é o recurso produtivo e a forma de acúmulo de riqueza é uma estrutura feudal ocorrida precocemente no sul brasileiro – assim como no sertão nordestino (RANGEL, 1998). Mesmo sendo feudal, esta produção de gado surgiu integrada e voltada ao mercado interno do sudeste, conforme este processo crescia construía a organização espacial brasileira.

Alguns documentos indicam a doação de duas sesmarias ao sul de Sorocaba em 1779 e numa delas foi criada a Paragem de Pirapora - que posteriormente tornar-se-á o município de Piedade. (NETTO, 1987).

No final do séc. XVII e nos primeiros anos do séc. XVIII houve a distribuição de outras sesmarias na região, entretanto ainda não existia povoamento como mostra o

recenseamento de 1780 da vila de Sorocaba (NETTO, 1987). Surgiram na região algumas paragens, entretanto a paragem do Pirapora

era ideal para os tropeiros que procuravam para seus pousos, lugares que oferecessem água e pastagem para seus animais. Um lugar como a confluência do rio Pirapora e o ribeirão dos Cotianos. Um lugar seguro no qual os rios serviam como cercas para impedir a fuga dos animais. (NETTO, 1987. p. 15).

Fica evidente a importância da combinação dos elementos da natureza na influência do desenvolvimento das forças produtivas. Como o animal era o principal recurso produtivo, sendo um elemento natural, necessita de outros elementos naturais: os rios e pastos, e evidenciam o caráter social que os elementos naturais possuem.

A concessão da sesmária não trouxe grandes mudanças. Foi a formação da paragem que possibilitou a ocupação e o início da agricultura na região. As primeiras famílias construíam pequenas casas para receber os tropeiros. No entorno surgiu uma pequena agricultura para abastecer o lugarejo. Com o aumento das tropas houve aumento da agricultura que não mais alimentava somente os viajantes, mas também vendia seus excedentes aos tropeiros que as revendiam nas feiras. Além da Paragem de Pirapora outros povoados próximos de Sorocaba surgiram devido ao tropeirismo, principalmente após 1750, pois outras paragens necessitavam serem criadas para que os tropeiros atingissem São Paulo burlando o fisco.

Municípios próximos a Piedade, tais como Pilar do Sul e São Miguel Arcanjo, também eram caminhos de contrabando. Durante a primeira metade do século XIX, funcionavam como pontos de abastecimento das tropas vindas do sul por Itapetininga ou Capão Bonito, pretendendo chegar a São Paulo por onde hoje está localizado o município de Cotia. (SONODA, 2007. p. 26).

Após certo crescimento da Paragem de Pirapora surgiu outro povoado ao lado da Paragem.

No recenseamento de 1836 do município de Sorocaba, o primeiro povoado contava com 45 famílias num total de 205 pessoas, entre as quais 3 escravos e 69 pardos. Plantavam milho, feijão, algodão e um pouco de fumo. O segundo povoado contava com 49 famílias num total de 279 pessoas, entre as quais, 45 escravos e 108 pardos. Plantavam milho feijão, algodão e um pouco de café e fumo.

O segundo povoamento era maior não só na população como na produção: 2500 alqueires de milho, 175 alqueires de feijão para 1457 alqueires de milho 201 de feijão do segundo povoado (NETTO, 1987. p. 16).

Em 1840 Vicente Garcia, um dos proprietários de terras que havia recebido uma sesmária, doou algumas terras para se formar um vilarejo juntamente da Paragem de Pirapora, portanto 20 de maio de 1840 é considerada a fundação de Piedade, entretanto

ainda como bairro. Em 1847 o bairro é elevado a freguesia pertencente à Câmara de Itu e em 1857 fundou-se a Câmara Municipal da Vila de Piedade (NETTO, 1987).

A partir da formação da Paragem foi constante a chegada de imigrantes provenientes de várias localidades do Brasil. A agricultura e a criação de animais cresceram e a cidade de Santos era o principal mercado consumidor de seus produtos.

Em 1857 a Freguesia de Piedade contava com 3445 habitantes, oito fazendas de café que produziam cinco mil arrobas; três fazendas de criar produziam cem cabeças de reses por ano (NETTO, 1987. p. 16).

No século XIX passaram a sair tropas de Piedade levando a produção local para os mercados regionais: Sorocaba, São Paulo e Santos.

No período de 1854 e 1857 o município exportou 1200 arrobas de açúcar, 12000 arrobas de café, 250 cabeças de gado, 2000 alqueires de farinha de milho e 2000 arrobas de toucinho, transportados por mais de mil bestas que trabalhavam em condução... (NETTO, 1987. p. 51).

O trabalho era essencialmente familiar, pouco se usava o trabalho escravo em Piedade. As famílias que chegavam trabalhavam na agricultura ou no comércio e logo ou recebiam terras para o plantio ou compravam-nas. Não foram encontrados registros de que tipos de relações eram estabelecidas entre os imigrantes e os que aqui habitavam. Pode-se afirmar que durante a primeira metade do séc. XIX Piedade cresceu muito, com base no trabalho familiar, com uma agricultura atendendo ao mercado regional e distribuindo suas próprias tropas. Na segunda metade do séc. XIX houve algumas mudanças como a cultura do algodão integrada à indústria de tecidos de Sorocaba, a instalação de novas estradas, aumento da população e da agricultura, a formação dos bairros rurais com a chegada de muitos imigrantes de contribuíram para o desenvolvimento de Piedade e o crescimento da extração de madeira (o que culminou na criação de uma grande indústria moveleira)

A formação da Paragem nos mostra as relações comerciais criadas ainda no séc.XVIII. O mercado interno crescente fez surgir o pequeno modo de produção que é revolucionário e aparece nos períodos de transição entre os modos de produção: a pequena produção mercantil. A aproximação e o contato com os mercados do sudeste e contato com os tropeiros fizeram surgir no entorno da vila a pequena produção mercantil.

4.3. 1850 – 1930: Oitenta anos de cafezais x pequena produção mercantil

Piedade surgiu com a agricultura ligada aos mercados do sudeste. Durante o séc.XIX imigrantes chegavam a Vila para trabalhar na agricultura que crescia com o aumento das tropas, na maioria provenientes de outras localidades do Brasil. Após 1850 o Brasil passou a receber novas correntes migratórias e surgiram os núcleos coloniais, inclusive em Piedade. Neste capítulo há um resgate da formação dos núcleos coloniais, da chegada dos

imigrantes ao Brasil e da formação dos projetos de colonização em Piedade. Posteriormente estes projetos de colonização se tornaram os bairros rurais no município.

4.3.1. A ocupação do estado de São Paulo

No final do séc.XVIII iniciou-se a fase “A” do primeiro ciclo longo do capitalismo iniciado pelo desenvolvimento das forças produtivas na Inglaterra que se industrializou e tornou-se o centro do sistema capitalista. Neste final de século outros grandes acontecimentos ocorreram pelo mundo, como a Revolução Francesa e a Independência do EUA, que influenciaram as transformações no Brasil. A família real portuguesa veio para o Brasil em 1808 fugindo de Napoleão Bonaparte e neste mesmo ano D. João VI declarou a Abertura dos Portos às Nações Amigas que colocou fim ao Pacto Colonial⁴, tudo isso por influência do centro do sistema capitalista, a Inglaterra. A potência pretendia conseguir mercados consumidores de seus manufaturados e também conseguir fornecedores de matérias primas.

No início do séc.XIX formaram-se no Brasil as duas classes que vão exercer maior influência sobre o Estado brasileiro (a dualidade brasileira): a oligarquia agrária (os senhores de terras/escravos) e a burguesia comercial. A oligarquia mantinha relações de suserania e vassalagem com a coroa portuguesa e a burguesia comercial vinha adquirindo maior espaço através da comercialização de manufaturados com a Inglaterra. A consolidação do poder político e econômico destas duas classes e a ligação cada vez maior do Brasil ao centro do sistema econômico culminou na independência brasileira.

O desenvolvimento das forças produtivas no Brasil no séc. XIX foi influenciado pelas imposições do centro do sistema capitalista e da composição do Estado brasileiro (a primeira e a segunda dualidade). Em escala internacional, de 1815 a 1850, o capitalismo passou pela sua fase “B” recessiva e em escala nacional o Brasil era controlado pela primeira dualidade (senhores de terras/escravos e a burguesia comercial). Erroneamente pode-se imaginar que o Brasil durante esta primeira metade do séc.XIX era completamente estruturado nas fazendas escravocratas monocultoras. Vimos que o sul do Brasil possuía já uma produção de alimentos baseada na pequena produção mercantil.

Em 1850 duas transformações influenciaram no desenvolvimento das forças produtivas: a Lei de Terras e a Lei Euzébio de Queiroz. Estas leis propiciaram a mudança sobre a propriedade do principal recurso produtivo, passando da corporeidade humana para a terra. A Lei Euzébio de Queiroz proibiu o comércio de escravos e os fazendeiros do sudeste passaram a adotar a mão-de-obra do colono proveniente principalmente da Europa. A Lei de Terras propiciou a comercialização das terras que antes não existia, somente havia o uso e ocupação através da doação de terras pela coroa. Sendo assim, a província de São

⁴ O pacto colonial instituiu que a colônia, Brasil, devia apenas manter relações externas com sua metrópole, Portugal.

Paulo, hoje estado de São Paulo, e o norte do Paraná que pertencia à província paulista, foram logo ocupados principalmente através da ação de companhias privadas de colonização. Estas compravam fazendas em leilões e vendiam-nas aos colonos criando núcleos de ocupação nestes dois estados.

A Lei de Terras pode ser interpretada como um resultado da vontade dos cafeicultores em dificultar o acesso à terra e direcionar o fluxo de imigrantes para os cafezais. Isso de fato ocorreu, entretanto paralelamente estavam criadas as condições para que a burguesia comercial lucrasse com a aliciação de colonos e com o comércio de terras na formação de núcleos coloniais.

Paralelamente ao sistema de parceria, a iniciativa privada passou a se interessar pela criação de núcleos coloniais, na medida em que mostrou ser um negócio altamente lucrativo. De 1850 a 1889 foram criadas 250 colônias no Brasil, sendo que destas 197 (78,8%) eram particulares, 50 (20%) imperiais e 3 (1,2%) provincianas. E, diversos foram os decretos promulgados depois de 1850, autorizando o funcionamento de sociedades colonizadoras e aprovando contratos celebrados entre o governo e particulares para venda e colonização de terras devolutas (IOTTI, 2001, p. 07).

De forma geral, o período de 1889 a 1914 caracterizou-se pela crescente participação do setor privado no empreendimento colonial. Tanto que, nestes anos, foram criadas 102 colônias, sendo que 84 (83%) eram particulares, 16 (15%) federais e 2 (2%) estaduais (GIRON; BERGAMASCHI, 1996:51, in IOTTI, 2001, p. 10).

Os cafeicultores não eram totalmente contra a formação dos núcleos de colonização, pois assumiam a importância da manutenção do fluxo de imigrantes para esta região do país. Propagavam a mensagem de que o colono trabalhador das fazendas de café trabalharia tempos nos cafezais para pagar a sua manutenção (comida, casa, roupas, etc.), além de reembolsar as despesas com a viagem para à empresa de aliciação.

[...] os núcleos paulistas, situados à margem do “império do café” deveriam funcionar como iscas para a corrente imigratória. Acenava-se aos imigrantes com a possibilidade de se tornarem pequenos proprietários depois de um estágio na fazenda de café, onde poderiam fazer poupança e onde teriam oportunidade de se familiarizarem com as técnicas de um país tropical. O imigrante deveria produzir nessas pequenas propriedades mercadorias – alimentos para o mercado interno em constante expansão. Funcionaria, portanto, como produtor intersticial no ‘império do café’, o que interessava à classe hegemônica – os cafeicultores - já que asseguraria o abastecimento das cidades que cresceriam diante da maior complexidade que a dinâmica da economia cafeeira exigia (IOTTI, 2001 p.08).

A mão-de-obra dos imigrantes que chegavam ao Brasil durante o séc.XIX era utilizada para dois fins: hora estes imigrantes eram direcionados para o trabalho nas lavouras de café do sudeste e hora fundava-se colônias e bairros rurais baseado na pequena produção mercantil, depende da classe que estava exercendo maior influência sobre o Estado em cada momento, hora era a burguesia comercial, que através das

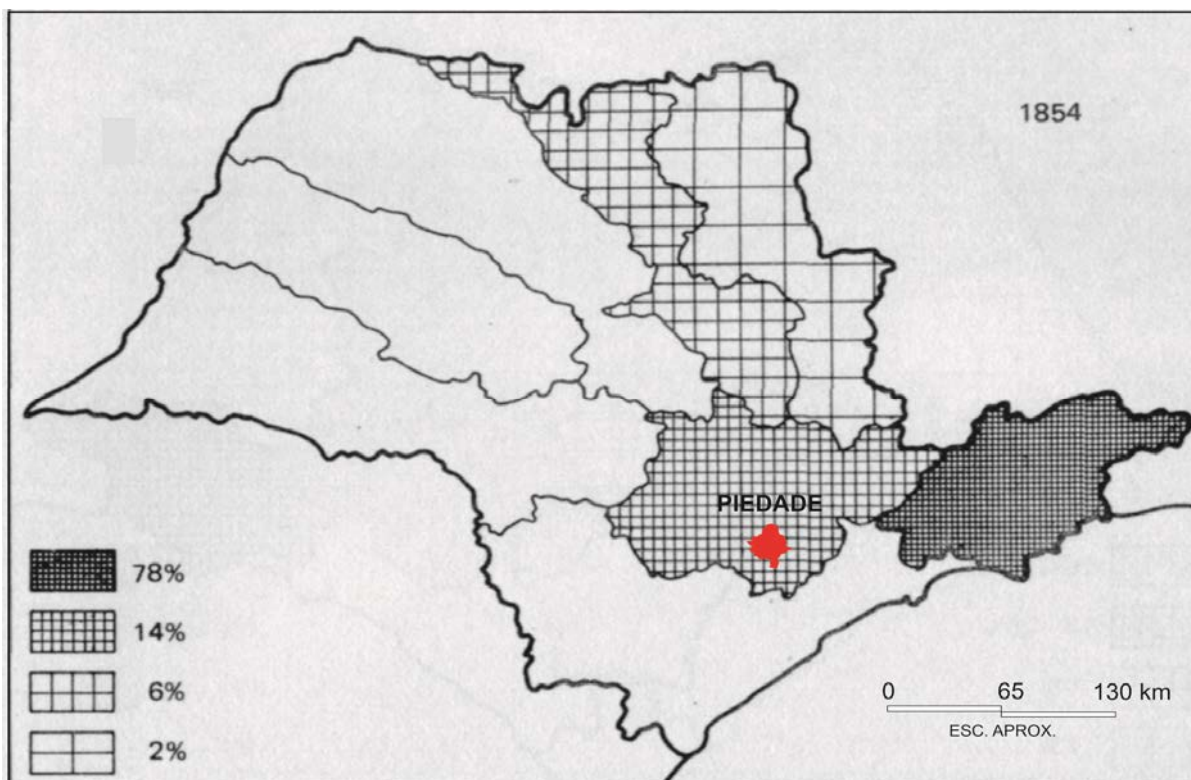
companhias privadas de colonização aliciavam colonos europeus, traziam-nos para o Brasil e revendiam as terras a estes (formando os núcleos de povoamento). Em outros momentos o Estado brasileiro era mais pressionado pelas elites oligárquicas e então os colonos trabalhadores eram aliciados e trazidos para o trabalho nas lavouras de café (IOTTI, 2001).

Os colonos produziam nas fazendas de café todos os recursos necessários ao trabalho e para manutenção da força de trabalho. Havia uma complementaridade entre as fazendas. Nas fazendas, nos espaços permitidos pelos fazendeiros (muitas vezes entre as ruas do café) plantava-se para a alimentação. As ferramentas eram produzidas dentro das fazendas. Isso criou um atraso da criação do mercado interno, tanto de alimentos quanto de manufaturados. Esse quadro RANGEL (2005) chamou de complexo rural.

MONBEIG (1984) demonstra como a cafeicultura se expandiu proveniente do sul de Minas Gerais em direção ao vale do rio Paraíba do Sul (região entre a cidade de São Paulo e a cidade do Rio de Janeiro). Continuou se expandindo ao nordeste do estado paulista e depois ao oeste do estado de São Paulo e norte do estado do Paraná. A região de Limeira, Piracicaba e Itu possuía grandes canaviais e usinas de cana-de-açúcar. Os grandes fazendeiros tiveram de princípio uma resistência à cafeicultura e ao trabalho colono, entretanto logo se adaptaram. A partir desta região, tanto para oeste como para o norte, o café se expandiu.

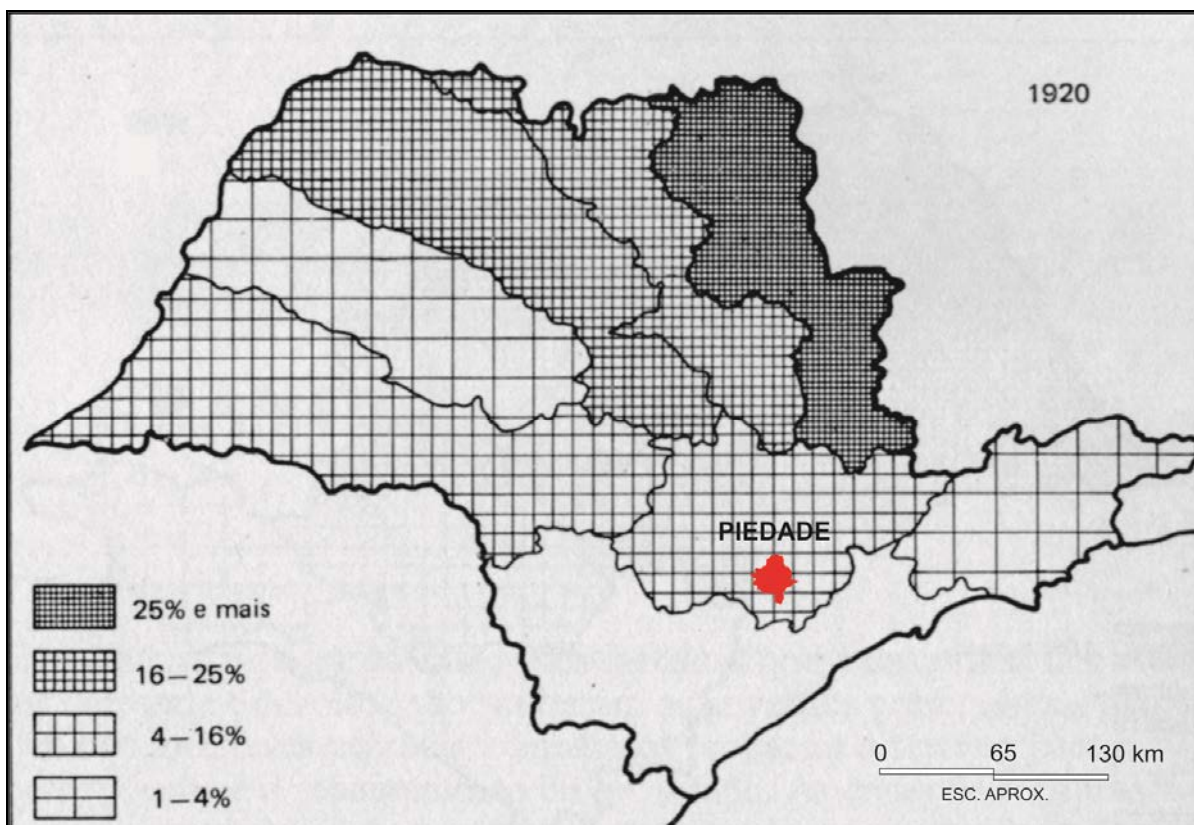
Os mapas 05 e 06 apresentam a expansão do café pelo estado de São Paulo. O mapa 05 apresenta a produção de café em 1854. MILLIET (1982) dividiu o estado de São Paulo em regiões e contabilizou a participação de cada região do total de 100% do estado de São Paulo. Em 1854 a região que se insere Piedade e Sorocaba correspondia a 14 da produção paulista. No mapa 06 observa-se a produção paulista de café em 1920. Neste mapa a região sorocabana produz de 4 a 16% da produção. Comparando os mapas 05 e 06 nota-se a expansão da cultura cafeeira a oeste e o destaque do nordeste paulista.

MAPA 05: DISTRIBUIÇÃO DOS CAFEZAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1854.



FONTE: MILLIET apud ANTONIO FILHO, 2010. p. 104; modificado por FERNANDES 2011.

MAPA 06: DISTRIBUIÇÃO DOS CAFEZAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1920.



FONTE: MILLIET apud ANTONIO FILHO, 2010. p. 156; modificado por FERNANDES 2011.

Os grandes fazendeiros que conquistaram terras através das doações da coroa possuíam grande poder em um domínio territorial grande. Estes viam as inovações do capitalismo europeu como algo perigoso à seu domínio feudal e escravista. As bandeiras, partindo de São Vicente, foram em busca de ouro e índios traçando seus caminhos nas várias direções entre o oeste e o norte partindo de São Vicente, ao seja, ao norte do trópico de capricórnio em diversos caminhos a noroestes partindo de São Vicente. Estes traçados povoaram o norte do estado de São Paulo e foi por onde se desenvolveram as plantações de café que vinha se expandindo do sul de Minas Gerais. Por fim, na segunda metade do séc.XIX as estradas de ferro possibilitaram a consolidação das plantações de café, sempre ao norte do trópico.

Nem todos os fazendeiros partilhavam dessa prosperidade, nem dessa maneira de pensar. Mais de um nas regiões montanhosas entre Rio e São Paulo, ou no interior de São Paulo, compravam-se em não comprar nada, a não ser “o sal e a pólvora”: seus domínios lhes forneciam não somente o restante, mas também um excedente exportável. Eram tais homens firmemente aferrados às tradições de uma vida fugal, sem brilho, mas também sem misérias; como a tinham vivido os paulistas desde o declínio das bandeiras até o advento do café. Assim, os plantadores de cana de Itu queriam ater-se “a uma espécie de feudalidade” favorável às grandes virtudes. Inquietava-os a chegada de estrangeiros ao seu círculo. Mas a necessidade dita a lei e esses sobreviventes de uma época extinta acabaram por adquirir ao movimento moderno. Renunciaram a velha cultura da cana, também plantaram cafeeiros, partiram para oeste em busca de novas terras. A tal ponto se desprenderam do passado, que fomos mais ardentes em reclamar a abolição da escravatura e em combater o império claudicante! (MONBEIG, 1984, p. 97).

Esta passagem de MONBEIG demonstra que no principio muitos fazendeiros foram um entrave à expansão do café, porem a estrutura fundiária e o poder econômico destes foram decisivos para a expansão dos cafezais. Em seguida, a união destes fazendeiros cafeicultores criou as ferrovias e ai sim o café pode crescer por quase todo o estado. Quase todo, pois ao sul do trópico de capricórnio, justamente onde os bandeirantes não haviam encontrado ouro e nem índios, não havia esta estrutura fundiária, estava mais distante do sul de Minas Gerais, de onde provinha a mancha da cafeicultura. Outro fator é a questão climática, pois o sul paulista possui menores temperaturas que o norte do Trópico de Capricórnio, o que fez o café não se desenvolver ao sul do estado paulista. A vila de Piedade, mesmo surgindo através das doações de sesmaria, não concentrou essa elite oligárquica cafeeira. A agricultura piedadense foi organizada na pequena produção mercantil, baseada em pequenas explorações agrícolas, com uma agricultura diversificada e dinâmica para atender ao mercado interno, diferente da estrutura produtiva das regiões cafeicultoras.

Somente após a década de 1930 a população trabalhadora dos cafezais teve uma possibilidade de vida fora das relações feudais das fazendas, inicia-se a industrialização intensificada por Getúlio Vargas. Na década de 1950 aumentou-se a industrialização, a

população abandonou o campo, a maioria da população brasileira deixou de ser rural e tornou-se urbana, aumentando o mercado interno e libertando a população de relações pré-capitalistas.

4.3.2. Migração, policultura e pequena produção mercantil em Piedade

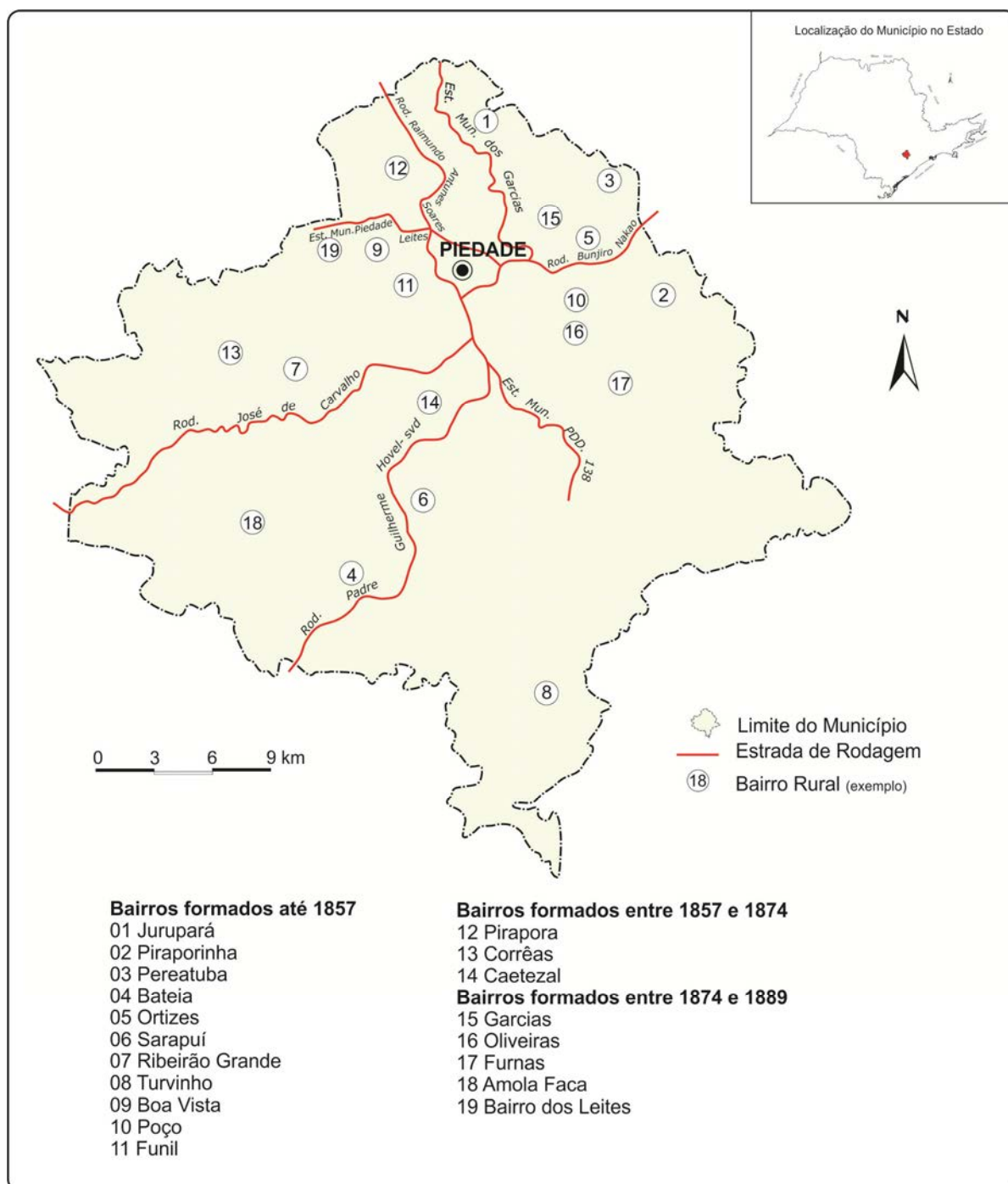
Em 1957 Piedade é elevada a Vila e durante a segunda metade do séc.XIX a Vila passou por muitas transformações. Uma delas é o aumento das plantações de algodão, chegando a ser exportada para a Inglaterra, mas a grande maioria era para atender às demandas das fábricas de tecidos de Sorocaba. Havia uma agricultura muito diversificada, plantava-se muitas coisas e, somada à criação de animais, produzia-se para o mercado interno, principalmente para Santos, São Paulo e Sorocaba.

Havia algumas plantações de café, entretanto esta cultura não teve destaque. Vale lembrar que é neste mesmo meio século que a cafeicultura se expandiu pelo sudeste, inclusive pelo interior de São Paulo.

Durante a segunda metade do séc.XIX algumas companhias privadas compraram terras em torno da Vila de Piedade. Estas terras foram vendidas a muitos imigrantes formando bairros rurais. No ano de 1957, ano de formação da vila, “talvez quinhentas pessoas das 3445 da freguesia residissem na sede.” (NETTO, 1987. p. 21). Neste ano os bairros já existentes eram Jurupará, Piraporinha, Pereatuba, Lavras Velhas⁵, Mato Dentro, Bateia, Ortiz, Sarapuí, Ribeirão Grande, Turvinho, Boa Vista, Poço, Funil. O surgimento de novos bairros no município continuou, em 1874 foram registrados a existência dos bairros Pirapora, Loureiro, Corrêas e Caetezal. Em 1889 registrou-se a existência também do Garcias, Ortizes, Oliveiras, Sarapuí de Cima, Sarapuí de Baixo, Turvo, Turvo de Cima, Bonito, Rosa Soares, Lavras, Alegre, Fogaça, Boa Vista, Pirapora, Furnas, Círiaco, Liberdade, Ribeirão Grande e o Amola Faca. No início do séc.XX surgiu o bairro dos Leites (ver MAPA 07) (NETTO, 1987).

⁵ Este bairro deixou de existir, não foi constatado o motivo do abandono dos moradores.

MAPA 07: DISTRIBUIÇÃO DOS BAIRROS EM PIEDADE



FONTE: MORENI, M. e ANDRADE, 2002, p.18; modificado por FERNANDES, 2011.

Os imigrantes provinham principalmente do interior, de regiões próximas das vilas de Sorocaba, Itu, São Roque, Santana de Parnaíba, Cotia e Una (hoje chamada de Ibiúna). A ausência da lavoura de café afastou da nossa região os imigrantes italianos. Mesmo assim, alguns se aventuraram por esses lados (NETTO, 1987). No início do séc.XX os anglo-saxões, japoneses e espanhóis chegaram a Piedade e então houve o aumento da produção agrícola.

Alem dos colonos que compravam suas terras e formavam a pequena produção mercantil muitos outros colonos ao chegarem a Piedade tinham que se sujeitar a trabalhar para outros produtores. Esta sujeição era estruturada em relações pré-capitalistas. Quando um colono chegava a Piedade caso tivesse algum capital comprava terras. Quando não possuía capital arrendava a terra de algum proprietário. Através de acordo pré-estabelecido o produtor pagava a renda da terra ao proprietário em trabalho ou em produto, portanto renda pré-capitalista.

Entre os colonos recém-chegados poucos moravam na Vila, a maioria ia morar dentro das próprias fazendas. Recebiam parcela da terra para plantar e pagavam ao proprietário parcela de seus ganhos. Esta parcela era pré-estabelecida e o pagamento poderia ser feito através da renda trabalho, renda produto ou em renda dinheiro, dependendo do acordo pré-estabelecido. A agricultura em Piedade sempre esteve ligada ao mercado, eram comuns as trocas de mercadorias, mas havia o predomínio do uso corrente da moeda. Portanto logo houve a monetarização das relações. Esse é um fator para os produtores passarem a acumular. Isso criou a facilidade para a libertação do produtor destas relações pré-capitalistas.

Neste período Piedade recebeu muitos imigrantes vindos de todo o Brasil e do exterior. A agricultura que se organizou em Piedade durante a segunda metade do séc.XIX difere do restante do estado de São Paulo pela sua policultura e integração predominantemente para o mercado interno. No restante do estado predominava a monocultura dos cafezais e secundariamente as policulturas para o sustento dos próprios colonos e para a família dos barões do café.

Ao analisar a formação do interior paulista, certamente a região onde hoje é o Cinturão Verde, incluindo Piedade, seria incluída num processo de formação diferente das formações por onde houve a produção do café. As relações pré-capitalistas impostas aos colonos nos cafezais construíram o complexo rural. Em Piedade predominava relações pré-capitalistas também e o recurso produtivo era também a terra. Porém a capitalização era corrente devido à ligação com o mercado interno, portanto esta região era mais dinâmica que nas regiões do café onde o objeto principal da produção era a monocultura exportadora. Em Piedade o objeto principal era o abastecimento do mercado regional com uma policultura baseada na pequena exploração: a pequena produção mercantil.

Pouco se usou o trabalho escravo em Piedade durante toda sua história. Foram registradas poucas compras e vendas destes trabalhadores, os “elevados preços que tornavam sua aquisição possível somente aos fazendeiros mais ricos e o clima frio e úmido, que punha em constante risco a vida do negro” (NETTO, 1987, p. 108)⁶. No princípio “a própria família cuidava do desmatamento, preparo da terra, plantio e da colheita.” (NETTO,

⁶ Por não ter havido muitos negros escravos em Piedade, para NETTO (1987, p. 108) que foi morador do referido município, “quase não existem traços da cultura negra nos nossos costumes e tradições.”

1987, p. 106). O colono quando chegava à Vila ia morar, na maioria das vezes, nas fazendas, pois já vinham por indicações, seja de parentes instalados na região ou das companhias privadas de colonização. Estabeleciam-se relações pré-capitalistas de trabalho. O proprietário concedia-lhes moradia e terra onde o colono deveria produzir parte de seu sustento e o maior volume para o mercado. Em troca deveria fazer o pagamento ao proprietário fornecendo-lhe a renda da terra, seja a renda trabalho, em espécie ou em dinheiro e sendo a metade, um terço, ou qual cota for, dependendo do combinado com o arrendatário.

O transporte era feito por tropas e na segunda metade do séc.XIX Piedade já organizava suas próprias caravanas. Dentro das fazendas o trabalho era familiar em terras próprias ou arrendadas e os canais de comercialização eram as tropas, seja vendida na Vila aos tropeiros que provinham do sul ou por tropas piedadenses organizadas pelos pequenos e grandes produtores.

Os moradores da Vila de Piedade também formavam as suas tropas para transportar milho, feijão, algodão e carne de porco para os centros consumidores como Sorocaba, São Paulo, Itu e Santos... Os fazendeiros também possuíam as suas tropas para transportar a própria produção (NETTO, 1987, p. 99).

A proclamação da república não provocou mudanças em Piedade. Continuaram chegando os imigrantes, o mercado interno regional crescia e a produção piedadense também. Merecem destaque duas atividades no município que tiveram grande contribuição: o algodão ligado ao mercado inglês e sorocabano das indústrias de tecidos e a extração de madeira que cresceu devido a expansão das áreas agricultáveis. O extrativismo cresceu a ponto das serrarias passarem a produzir utensílios - destaca-se a fábrica de móveis da Vila Élvio que foi a primeira fábrica de camas do Brasil.

Na década de 1920 chegou Werner Gunther (norte-americano) que adquiriu uma fazenda que posteriormente fundou a Colônia da Roseira e anos depois tornou-se o Bairro da Roseira. Nesta década Gunther trouxe muitos conterrâneos e estes trouxeram técnicas agrícolas, além de criarem comércio na cidade voltado para produtos para a agricultura, era a Sommer Becker e Kaunt.

Além de propiciar a colonização das terras que eram disponíveis em vastas áreas, a Sommer Becker e Kaunt instalou na cidade um estabelecimento comercial que vendia maquinário agrícola e seus implementos, fertilizantes e defensivos, que deram notável cobertura ao desenvolvimento iniciante. (NETTO, 1987. p. 150).

Outros dois grupos de imigrantes que merecem destaque no desenvolvimento de Piedade no início do séc.XX são os espanhóis e os japoneses. Os espanhóis chegaram na primeira metade deste século e uma grande contribuição destes foi o início do cultivo da

cebola. Já os japoneses chegaram na década de 1950. Estes últimos contribuíram muito com técnicas agrícolas e sempre foram muito atentos às flutuações das demandas do mercado interno. Na segunda metade do séc.XX destacou-se o cultivo de cebola, porém os japoneses sempre mantiveram a policultura.

Plantava-se muita cebola, mas nos bairros onde se concentrava a *japonesada*, tinha de tudo. Eles sempre foram atentos para plantar o que os compradores mais queriam. Os outros produtores costumam ser fiéis às suas culturas. Muitas vezes são acostumados com um artigo e não abrem mão dele, sem falar pela familiaridade de saber lidar com o cultivo. Com a *japonesada* não tinha essa não. São cheios das técnicas e o que se pede logo eles plantam e aprender como fazer. Mesmo quando dominava cebola a *japonesada* tinha de tudo. Quando a cebola foi acabando é que os outros produtores diversificaram.⁷

No final do séc.XIX, devido ao aumento da agricultura e chegada dos imigrantes, outras áreas começaram a serem exploradas em torno da Vila e dos bairros rurais causando desmatamento dos terrenos e o extrativismo da madeira devastando a Mata Atlântica. É neste período que “aparecem os engenhos de serrar madeira (como se denominaram as primeiras serrarias) para serrar o bálsamo, cabreúva, cedros, perobas, pinhos, jatobá vermelho, ipê e jacarandá.” (NETTO, 1987. p. 53). Um destes engenhos tornou-se a fábrica de Camas Patente na Vila Elvino.

Para RANGEL (1998) a formação brasileira é de forma dual em dois pólos, um interno e um externo. Cada um destes pólos possui um lado interno e um lado externo, portanto o lado interno e o lado externo do pólo interno e o lado interno e externo do pólo externo. Os dois lados internos são representados por duas classes dominantes, sendo uma mais influente sobre o Estado que a outra. A mais influente mantém maiores relações com o lado externo do pólo externo, ou seja, é a relação do nosso pólo externo com o pólo externo do país centro do sistema capitalista que determina a estrutura produtiva brasileira. Esta combinação se altera conforme as transformações no capitalismo.

O séc.XIX começa com nosso pólo interno sendo representado pelos senhores de escravos e do lado externo a relação de suserania e vassalagem destes escravistas com a coroa portuguesa. Portanto havia internamente o predomínio do modo de produção escravista e do lado externo o modo de produção feudal. Conforme se desenvolve o capitalismo no centro do sistema capitalista nosso modo de produção se reconfigurou. Quando no lado interno o trabalho escravo vai ser substituído pelo trabalho serviu do colono e o recurso produtivo do escravismo (o próprio homem – o escravo) vai ser substituído pelo recurso do modo de produção feudal (a terra) o escravocrata torna-se um senhor de terras explorador do colono (trabalhador pagante da renda da terra pré-capitalista). Esta formação social é a transferência da primeira para a segunda dualidade brasileira.

⁷ Depoimento concedido pelo Sr. C.T.Y., no dia 05/03/2011. O autor do depoimento é produtor rural do bairro dos Leites em Piedade

A formação de Piedade difere deste processo nacional. No município o trabalho escravo não foi largamente usado, não houve grandes latifúndios que propiciavam grande poder a uma aristocracia agrária, não houveram grandes monoculturas exportadoras. O que houve, desde o séc.XIX foi uma policultura organizada em pequenas propriedades, realizada pelo trabalho familiar e em relações pré-capitalistas. Portanto quando a abolição da escravatura e a Lei de Terras propiciaram à iniciativa privada a colonização do território e comercialização de terras, o entorno da Vila de Piedade era o terreno perfeito para a formação destes empreendimentos de colonização.

4.3.3. O algodão

A indústria de tecidos na Inglaterra cresceu desde a primeira revolução industrial ainda no séc.XVIII e houve sempre a necessidade de importar a matéria prima. Os principais fornecedores ingleses eram os estados sulistas do EUA. Entretanto com o advento da guerra de Secessão em 1861 o EUA parou sua exportação. Neste momento a Inglaterra passou a comprar o algodão de outros países, entre eles o Brasil.

A cidade de Sorocaba havia crescido durante o séc.XIX com a feira e as paragens das tropas sulistas. Este comércio criou a concentração de capital em uma burguesia comercial que logo tratou de produzir artigos, desde alimentos manufaturados como tecidos e utensílios domésticos, inicia-se na segunda metade do séc.XIX em Sorocaba a industrialização e substituição de importação de manufaturados.

Foi neste contexto que a cultura do algodão se expandiu em Piedade, grande parte da produção era exportada para a Inglaterra e a outra parte atendia a indústria sorocabana e as “lavouras de Piedade, que estavam encontrando dificuldades para cultivar o café devido às constantes geadas, aderiram à nova cultura com entusiasmo.” (NETTO, 1987. p. 56). No ano de 1865 nas cidades de Porto Feliz, Sorocaba e Itu foram instaladas as primeiras casas de beneficiamento de algodão. Nos anos seguintes surgiram novas fábricas em Itapetininga, Tatuí e Botucatu.

A partir de então, a região se adaptou a uma nova dinâmica, incorporou-se a um outro contexto econômico. Baseada num novo modo de produção e acumulação de capital, a sua divisão do trabalho passou por reestruturação. O capital regional de maior vulto passou a ser acumulado através do beneficiamento, enfardamento, transporte e intermédio das negociações para a exportação do produto (SONODA, 2007. p.11)

Em outras localidades do estado de São Paulo surgiram algodoais, mas em 1875 a cultura do algodão começou a decair – a guerra de Secessão acabou em 1875 e a exportação dos estados sulistas do EUA se reergueu. Pelo estado de São Paulo muitos produtores tiveram problemas na comercialização de suas colheitas. Em Piedade o algodão permaneceu até 1920. Após 1930 a industrialização Sorocaba não se desenvolveu. Para

SONODA (2007) Sorocaba não teve um grande crescimento industrial após 1930, pois não estava dentro da área de expansão do café paulista e portanto não teve as mesmas

transformações ocorridas na estrutura produtiva das demais regiões, fez diminuir o seu dinamismo econômico e a parcela relativa de sua participação na produção agrícola e industrial estadual (SONODA, 2007. p. 36).

O que se observou na região de Sorocaba foi que

a produção agrícola regional direcionou-se aos produtos com menor valor comercial, como o feijão, a cebola, a batata e o arroz, apesar de ter procurado servir à indústria de alimentos e à têxtil, produzindo milho, tomate, uva e algodão. (SONODA, 2007. p. 36)

Por fim, para prejudicar mais a cultura do algodão, uma praga se espalhou prejudicando as plantações e terminando de vez com a cultura algodoeira em Piedade.

Ao lado do milho [este era a base dos alimentos dos animais das tropas e de criação], o algodão foi a lavoura mais importante do nosso município. Foi ele que trouxe as riquezas que permitiram a construção do Club Literário, do prédio da cadeia, da Matriz, da ponte do rio Pirapora, de estradas e o florescimento dos bairros. Transformou o miserável lugarejo dos anos 1860, na próspera vida dos anos de 1880. (NETTO, 1987. p. 57).

A industrialização sorocabana criou a demanda por algodão, gerou o aumento da produção e o desenvolvimento das forças produtivas no campo em Piedade. Houve aumento da produção, utilização de máquinas para desencaroçar o algodão, o uso corrente da moeda nas relações de trabalho, a aplicação de capital em melhorias produtivas, tudo isso representa o desenvolvimento do capitalismo no campo e representa a integração do campo com a cidade.

4.4.1930 – 1990: A estruturação da economia e da cidade de Piedade

Durante o período de 1930 a 1990 o sudeste brasileiro se industrializou aumentando a demanda urbana por alimentos. Neste período se estruturou o Cinturão Verde da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e Piedade faz parte deste Cinturão. Dois processos foram marcantes em Piedade durante o crescimento do Cinturão de 1930 a 1990: a chegada de imigrantes e o crescimento da cebolicultura. Neste capítulo mostraremos as transformações na economia do sudeste como a urbanização, industrialização, as transformações do Cinturão Verde da RMSP, a participação dos imigrantes e o crescimento e crise da cebolicultura em Piedade.

4.4.1. A Formação dos Bairros

Na década de 1920 iniciou-se a fase recessiva do terceiro ciclo longo do capitalismo. Nesta fase as forças produtivas brasileiras (periferia do sistema) se reorganizaram adaptando-se às transformações mundiais.

No sul brasileiro as duas formações regionais (latifúndios feudais pastoris e a pequena produção mercantil) começaram o séc.XX atendendo ao sudeste com gado e charque e a pequena produção mercantil fornecia produtos agrícolas e artesanais (PEREIRA e VIEIRA, 2009. p. 184). Neste período no sudeste os colonos chegavam para trabalharem nas fazendas de café - estes iniciaram internamente nas fazendas a produção artesanal de ferramentas, artigos domésticos, artigos pessoais, etc. O crescimento desta produção, tanto do sudeste como no sul, são as bases para a substituição de importações durante a fase recessiva do capitalismo iniciada na década de 1920.

A pequena produção mercantil no sudeste instalou-se em algumas regiões por onde o café não se espalhou (como é o caso da região de Piedade). Em Piedade o desenvolvimento das atividades agrícolas, a ocupação de novas áreas e a formação de colônias iniciou a atividade extrativa de madeira e formação de serrarias.

A revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao governo brasileiro representam a formação da terceira dualidade brasileira. Este novo pacto trata-se da ascensão burguesia industrial com uma oligarquia agrária (ambas ligadas ao mercado interno).

No processo de formação do estado de São Paulo no fim do séc.XIX e início do séc.XX os colonos produziam policultura e mercadorias artesanais no interior das fazendas de café e com isso começaram a industrialização nesta região. No sul a pequena produção mercantil também aumentou sua produção artesanal até alcançar um estágio industrial, porem foi na cidade de São Paulo que a produção industrial concentrou-se e se destacou a partir de 1930.

A região a oeste do Cinturão Orogenético do Atlântico, a sudeste da Depressão Periférica Paulista e a nordeste do Vale do Rio Ribeira do Iguape (onde localiza-se Piedade e o atual Cinturão Verde da RMSP) na década de 1930 não teve desenvolvimento industrial. Em São Paulo aumentavam as indústrias, ao norte do trópico de capricórnio muitas manufaturas iam surgindo e aumentando sua produção. Muitas cidades foram privilegiadas pelas ferrovias antes usadas para o transporte do café e a partir de 1930 as ferrovias escoavam a matéria prima para a capital paulista e também os produtos manufaturados do interior para o mercado consumidor paulistano.

Na década de 1930 chegaram em Piedade muitas famílias de imigrantes, inclusive espanhóis⁸ o que propiciou a formação de núcleos coloniais e de muitos bairros, vejamos a

⁸ Estes imigrantes são responsáveis pelo início do cultivo de cebola. O crescimento desta cultura tornou Piedade conhecida como a capital nacional da cebola.

formação do Bairro Miguel Russo neste período. Em 1934 Miguel Mincovsch, de origem russa, instalou na estrada Piedade/Pilar do Sul um comércio. O estabelecimento cresceu e nas proximidades formou-se uma vila composta principalmente por parentes do Sr. Miguel, tratado desde então por Miguel Russo. As famílias russas sempre lutaram por melhorias no bairro como escolas, serviço de saúde, infra-estruturas de transporte, esgoto, etc. O lugarejo cresceu e tornou-se o Bairro Miguel Russo (MORENI e ANDRADE, 2002).

Na década 1930 chegaram em Piedade muitas famílias japonesas que contribuíram muito no desenvolvimento das forças produtivas do município. O Brasil recebeu muito destes imigrantes no período entre as duas guerras mundiais. Estes tinham práticas com o cultivo de hortaliças e aumentaram a produção destes artigos. Alguns municípios a oeste da cidade de São Paulo receberam estes imigrantes como Cotia, Vargem Grande Paulista, Ibiúna e Piedade⁹. Estes colonos contribuíram para a organização dos agricultores formando associações e cooperativas. Há registros de criação de serviços de saúde e até a criação de um sindicato rural para atender às reivindicações trabalhistas no município de Ibiúna.

Os japoneses também influenciaram a construção de estradas que interligavam os bairros mais distantes com a zona urbana, assim como as estradas que não davam acesso à rodovia Bunjiro Nakao (SP-250), principal via de acesso a Vagem Grande Paulista e capital. Envolvidos em política, economia, cultura, os japoneses foram os principais dinamizadores da economia agrícola que, por sua vez, alcançou outros setores como o comércio e os serviços do município (COUTO, 2007. p.58).

O caminho de Piedade para São Paulo passa por Ibiúna, Vargem Grande, Cotia, Osasco e por fim São Paulo. A citação acima demonstra a ligação de Ibiúna para São Paulo realizada pela influência japonesa. Anteriormente da ligação de Ibiúna direta para a Vargem Grande Paulista o escoamento para São Paulo era feito através de São Roque para depois ser transportado para São Paulo pela estrada São Paulo-Paraná (atual Rodovia Tavares) (COUTO, 2007).

Entre as principais famílias de imigrantes estão: Gunther, Bruckner, Pohl, Ambold, Friedrich, Gerulat, Luckner, Stelzer, Tanz, Atrat, Botcher, Schneider, Schleetz, Kaubatz, Gudonovitch, Kemerich, Huber, Hoffmann, Patrofh, Zanfirov, Konig, Trebs, Muller, Passelar, Buse, Boss, Bentz, Radiespil, Kessering, Horn e Heiland. Entre os espanhóis há os Sanches, Ortega, Domingues, Rodrigues, Veja Lourenço, Ijano, Robles, Martins, Gimenes, Vilatoro, Gusmão, Rojo, Henares, Escanhoela, Herrera, Surano e Brum. Entre os japoneses há os Abi, Aoki Sato, Nagao, Hatadani, Cassegawa, Tashiro, Matsuoka, Sambonssugue, Ono, Mori, Tiba, Hinada, Morikawa, Takahashi, Saito, Sakamoto, Murokawa e Toda. Muitas

⁹ Foram os imigrantes que fundaram a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) que vai influenciar no desenvolvimento da agricultura do Cinturão Verde de São Paulo.

outras famílias não citadas devido a impossibilidade de acesso a informações, isso diminui a importância em sua participação na formação e desenvolvimento do município¹⁰.

Outra comunidade de imigrantes que merece destaque são os italianos. Estes foram principalmente atender à demanda por mão-de-obra na fábrica de Camas Patente na Vila Élvio como veremos a seguir.

4.4.2. A Vila Élvio, uma vila diferente

Em 1915 em Araraquara (SP) o espanhol Celso Martínez Carrera passou a fabricar camas para atender à pequena demanda regional. Por causa das guerras mundiais as camas que eram importadas da Inglaterra não mais chegavam, pois o país fornecedor estava nos conflitos. É neste momento que a fábrica de camas se alcança maior mercado.

No início do séc.XX as forças produtivas brasileiras construíram um mercado interno com o sul fornecendo gêneros agrícolas e produtos manufaturados artesanalmente para o sudeste. No sudeste dentro das fazendas de café crescia timidamente a produção de artefatos, mesmo que na maioria para o consumo nas próprias fazendas. O mercado interno utilizava desta produção, pois um pequeno excedente era comercializado nos núcleos urbanos.

De 1920 a 1948 o capitalismo passou por uma fase recessiva, é a fase B da 3ª onda longa do capitalismo. Nesta fase o Brasil iniciou a substituição das importações. No sul do país os latifundiários feudais passaram a produzir carne e couro voltados para o mercado interno. Juntamente a esta formação social a Pequena Produção Mercantil passou a fornecer alimentos e manufaturados para o mercado interno. A união destas duas formações colocou Getúlio Vargas no poder e criou a terceira dualidade brasileira: a burguesia indústria nascente como sócio menor e os fazendeiros-comerciantes como sócio maior representando o lado interno. No pólo externo o EUA assumiu o papel como centro do sistema capitalista e possuía um capitalismo financeiro consolidado. Este capitalismo financeiro do EUA substituiu o inglês nas relações com nosso pólo externo. Portanto a revolução de 1930 é um grande passo a extinção do feudalismo brasileiro, continua com o capitalismo mercantil e intensifica o desenvolvimento das forças produtivas em direção do capitalismo industrial (RANGEL, 1998).

A história de Piedade exemplifica a passagem por estes modos de produção. O município estava no caminho das tropas provenientes do sul, surgiu como um ponto de

¹⁰ Durante o desenvolvimento deste estudo em campo e na bibliografia, levantei nomes das principais famílias de imigrantes formadores de Piedade. Nos anos de 2010 e 2011 tive a oportunidade de lecionar a disciplina de geografia em um colégio em Piedade e este trabalho me permitiu ter contato com os sobrenomes dos alunos e de diversas famílias piedadenses. Passei então a comparar os sobrenomes dos imigrantes e dos alunos. Em seguida foram realizadas entrevistas com parentes (pais, avós e tios) dos alunos e a confirmação da origem dos antepassados. Por fim foi possível observar a permanência das famílias dos imigrantes formadores de Piedade no município. Tal evidência observa-se ao analisarmos os nomes dos estabelecimentos comerciais, estes são os nomes da família de seus proprietários, justamente os descendentes dos imigrantes.

parada, teve no início a combinação de relações pré-capitalistas e do capitalismo mercantil. Criou-se uma agricultura e passou a enviar suas próprias tropas aos mercados. Quando a pequena produção mercantil se estruturou a formação de indústrias artesanais, semelhante à industrialização sulina e nos cafezais do sudeste. Assim como no interior paulista, as indústrias durante o séc.XX foram migrando para São Paulo por vantagens locais e em Piedade foi semelhante.

No ano de 1935 Luiz Liscio comprou terras no sul do município de Piedade e criou uma fábrica de camas utilizando a madeira extraída na região. A fábrica é considerada uma das primeiras fábricas de camas das Camas Patente, entretanto há controvérsias. Outros autores defendem que Luiz Liscio patenteou a fabricação de camas retirando a marca do espanhol Celso Martinez. O que é certo é que a fábrica em Piedade cresceu, ganhou o mercado nacional, o nome tornou-se Camas Patente Liscio e cada vez mais muitos imigrantes passaram a chegar no município de Piedade para trabalhar na fábrica. Um filho de Luiz Liscio, chamado Élvio faleceu aos 17 anos, após sua morte aquela região passou a se chamar Vila Élvio (MORENI e ANDRADE, 2002).

Como a produção da Cama Patente foi muito significativa para vila, uma usina hidrelétrica foi instalada na região, aproveitando-se a queda d'água do rio do Peixe.

A Vil Élvio, aos poucos, se transformou numa verdadeira cidade, com casas para moradia os funcionários, prédios para estocagem e funcionamento da indústria, restaurante, barbearia, farmácia, padaria, açougue, clube, cinema, escola, igreja, praça, campo de futebol, etc. (MORENI e ANDRADE, 2002. p.97).

Tornou-se um centro econômico municipal dividindo importância com o centro urbano, a partir de 1950 a indústria passou a crescer e demandar mão-de-obra. Desde então imigrantes, principalmente italianos, migraram para a Vila Élvio.

O contrato de café entre governo italiano e governo brasileiro, não tinha dado certo para nós imigrantes, então procuramos o consulado italiano para retornar a nosso país. No consulado existia um representante da Cama Patente que nos falou da Vila Élvio. (MORENI e ANDRADE, 2002. p.87).

Mesmo com tanta prosperidade na Vila Élvio a fábrica mudou-se para a cidade de São Paulo abandonando as instalações na Vila Élvio e parando a produção nesta unidade fabril.¹¹

Hoje ela é um verdadeiro cartão de visitas aos próprios moradores de Piedade e aos visitantes. Desenvolveram-se muitas chácaras e sítios nas imediações da vila. Atualmente muitos deles são locais de veraneio aos turistas que fogem da agitação dos grandes centros urbanos. (MORENI e ANDRADE, 2002. p.97).

¹¹ Em 1968 a fábrica foi vendida para outras empresas do ramo moveleiro.

Preservou-se a arquitetura industrial da vila operária. A figura 01 apresenta casas utilizadas por operários e são utilizadas até os dias atuais. A figura 02 mostra o centro comercial do bairro e a antiga fábrica de móveis a esquerda, alguns comércios dos dois lados da rua e a capela. A figura 03 mostra a antiga fábrica Camas Patente

FIGURA 01: ANTIGAS HABITAÇÕES DE OPERÁRIOS UTILIZADAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉC.XX NA VILÁ ÉLVIO EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 02: CENTRO COMERCIAL NA VILÁ ÉLVIO EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2001.

FIGURA 03: ANTIGA FÁBRICA DE CAMAS PATENTE NA VILA ÉLVIO EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2001.

A Vila Élvio foi um dos processos de industrialização mais marcantes de Piedade, mas vantagens locacionais fizeram a fábrica abandonar Piedade e transferir-se para a cidade de São Paulo que na segunda metade do séc.XX vai concentrar a maior parcela da atividade industrial do país.

Piedade recebeu algumas indústrias na década de 1990 devido a desconcentração industrial da RMSP, entretanto foram poucas indústrias que se instalaram no município.

4.4.3. A Cooperativa Agrícola de Cotia

Em 1913 chegaram a Cotia, município da RMSP, muitas famílias de japoneses. Cotia era um município pequeno, estritamente agrícola. Na primeira metade do séc.XX este município cresceu e tornou-se o principal fornecedor de gêneros agrícola de consumo in-natura (hortifrutigranjeiros) para a RMSP e anos mais tarde do sudeste, inclusive atingindo mercados internacionais. No início a principal cultura era a batata inglesa, mas logo nos primeiros anos houve uma grande diversificação das mercadorias para atender às demandas da crescente RMSP.

Havia muitos comerciantes que compravam as mercadorias, transportavam-nas e revendiam-nas no mercado de Pinheiros na cidade de São Paulo. O transporte era feito por tropas e levava aproximadamente três dias para a ida e volta. Durante as décadas de 1920

e 1930 os produtores tiveram alguns problemas com os canais de comercialização (intensificados com a crise de 1929 e queda da demanda paulistana). Essas dificuldades levaram os agricultores a se organizar fundando uma Cooperativa em 1928 que em 1932 tornou-se a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC).

Vencida mais essa crise, cuidou-se de diversificar a produção, medida que facultaria mais margem de segurança à subsistência da Cooperativa, deixando-se de fazer a sua estabilidade repousar sobre um só produto. Era o início do hoje chamado Cinturão Verde (A HISTÓRIA. 1957. p.10)

A CAC comprou seus próprios caminhões, abriu seus próprios mercados na capital e possuía vendedores ambulantes que rodavam a cidade de São Paulo vendendo os produtos nas feiras livres.

Com a grande demanda que a capital e os municípios do entorno necessitavam, houve a necessidade de organizar por intermédio de sindicatos, associações, cooperativas (como a CAC – Cooperativa Agrícola de Cotia, que abriu uma filia em Ibiúna) para um melhor controle demandado. (COUTO, 2007 p.57)

O capitalismo entrou na fase recessiva da 4ª onda longa com o marco no ano de 1973. Na década de 1980 o Estado brasileiro, com o endividamento externo e sem o financiamento dos órgãos internacionais, parou de fornecer créditos às cooperativas agrícolas. Para GONÇALVES e VEGRO (1994) a CAC desde sua formação utilizou os recursos federais para seu desenvolvimento. Com o fornecimento destes créditos os produtores sempre mantiveram dívidas com os órgãos credores. Quando o governo retirou os créditos os produtores estavam repletos de dívidas.

Junto das dívidas a CAC estava crescendo até o início da década de 1990. Durante a década de 1980 passou por novas organizações internas. No final desta década muitos produtores não se adaptavam às inovações organizativas. Portanto, para GONÇALVES e VEGRO (1994) os dois fatores fundamentais que levaram ao fim da CAC em 1994 foram 1) a retirada da participação do Estado que deixou os produtores sem capital e com grandes dívidas e 2) a reestruturação que causou a desorganização interna da Cooperativa.

4.4.4. A expansão do Cinturão Verde

O Brasil observou nas décadas de 1950 e 1960 grande mudança demográfica. Anteriormente a população brasileira era predominantemente rural. Nestas décadas observou-se grande êxodo rural, sendo a cidade de São Paulo o principal destino dos imigrantes.

São Paulo concentrou a maior produção industrial, sendo necessário um sistema de transporte eficiente para que fosse possível a chegada da matéria-prima e saída de

produtos manufaturados. O sistema de transporte adotado foi o sistema rodoviário e São Paulo passou a ser o centro econômico do país.

No entorno da RMSP configurou-se o Cinturão Verde. Trata-se de um conjunto de municípios responsáveis pela produção de hortifrutis. A oeste da RMSP fica o município de Cotia e neste município foi criada na década de 1930 a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) responsável pela distribuição das mercadorias do Cinturão.

Até a década de 1980 a CAC possuía cooperados em vários municípios (Cotia, Vargem Grande Paulista, Ibiúna, Piedade) e era o principal canal de comercialização do Cinturão Verde. Piedade na segunda metade do séc.XX fornecia diversos gêneros agrícolas, mas merece destaque a cebola (disparada em primeiro lugar) e secundariamente e cenoura.

De acordo com a Lei de Von Thunen próximo das aglomerações urbanas fica o primeiro anel responsável pela produção de produtos perecíveis e que necessitam de consumo quase imediato e in-natura. O Cinturão Verde da RMSP sempre fez este papel tendo a CAC até o início da década de 1990 como o principal agente organizativo.

A partir de 1950 houveram diversas intervenções estatais no desenvolvimento do agricultura brasileira. O Estado criou políticas de créditos e condições de desenvolvimento de empresas de produção de máquinas e utensílios agrícolas. Para COUTO (2007) o Estado brasileiro modernizou a indústria que permitiu uma modernização agrícola, tornando o campo decisivo no desenvolvimento das forças produtivas brasileiras, pois o campo passava a consumir a produção industrial. Esta divisão espacial do trabalho criou diferentes usos do território brasileiro pelo capital privado. Para SOARES (1981) o governo federal foi decisivo quando no início da década de 1980 criou o programa de créditos para os cebolicultores em Piedade.

A CAC até a década de 1980 utilizava de créditos agrícolas concedidos pelo governo federal. Mas no fim desta década do governo federal, influenciado pela onda neoliberal mundial que ditava a retirada do Estado das intervenções sociais, parou de executar o papel de agente financeiro no desenvolvimento agrícola. Portanto o crescimento da CAC através de créditos gerou um grande endividamento dos produtores. No início da década de 1990 dois fatores fizeram a CAC falir: o endividamento dos produtores que juntamente do fim dos créditos concedidos pelo Estado propiciou déficits e, devido ao crescimento, a CAC necessitou de uma nova reorganização, pois até a década de 1980 aumentavam as vendas e o número de cooperador. Portanto a ausência de créditos e somado às dificuldades de reestruturação fez em 1994 a CAC se desfazer.

O capitalismo entrou em 1973 na fase recessiva do seu 4º ciclo criando crise econômica nos países do centro do sistema capitalista. A periferia do sistema, inclusive o Brasil, passou a sentir os feitos desta crise e se readaptar às alterações da fase recessiva do capitalismo mundial.

Iniciado na Inglaterra com o governo de Margaret Thatcher, no fim da década de 1970, o neoliberalismo é adotado como estratégia político-econômica. Até esta década o capitalismo cresceu com grande participação do Estado em diversas áreas. Segundo SANTOS (1979), o pós-guerra é conhecido como o período de grande participação do Estado capitalista. Após a segunda guerra mundial iniciou-se o fase de ascensão do capitalismo, é a fase A do 4º ciclo longo, ou 4º Kondratief, de 1948 a 1973. Neste período a política econômica adotada era de grandes investimentos estatais, a aplicação de capital em grandes obras públicas, grandes projetos faraônicos.¹² Havia também a política de bem estar social, onde o Estado se responsabilizava por serviços fornecidos à população. Após o início da crise na década de 1970, início da fase recessiva do 4º ciclo longo do capitalismo, os países capitalistas ficaram sem recursos para financiar estes gastos públicos. Desde então observamos a difusão do modelo de Estado neoliberal. Esta política defende a retirada do Estado como organizador do desenvolvimento do capitalismo e incentiva a competição.

O modelo inglês foi, ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos de Thatcher contraíram a emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controle sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desempregos massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E, finalmente – esta foi uma medida surpreendentemente tardia –, se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água. Este pacote é o mais sistemático e ambicioso de todas as experiências neoliberais em países de capitalismo avançado. (ANDERSON, 1996. p.46).

O EUA, maior credor brasileiro, durante a década de 1980, parou de financiar as obras brasileiras e no lugar de fornecer capital, elevou os juros da dívida externa. Portanto na década de 1980 o Brasil não teve crescimento econômico como observado até a década anterior.

Esta transformação na década de 1980 culminou no fim da ditadura militar, no prejuízo do crescimento industrial, na retirada do Estado como financiador de projetos de crescimento econômico e organizador das atividades produtivas brasileiras. Até a década de 1980 a burguesia industrial nacional era parte do Estado, fazia parte do pacto da terceira dualidade brasileira formada desde 1930 e que criou o desenvolvimento das forças produtivas no Brasil. Na década de 1980 esta classe perdeu poder, o desenvolvimento brasileiro foi freado e a formação da quarta dualidade - o que possivelmente daria ao Brasil

¹² Trata-se o início da guerra fria. O EUA tinha o interesse de exercer o controle político e econômico nos países subdesenvolvidos e interesse em reconstruir os países europeus e o Japão destruídos nas guerras mundiais. Portanto injetava capital nestes países através do Plano Marshall.

um sistema financeiro nacional suficiente sem depender do capitalismo financeiro internacional (RANGEL, 1998) – foi definitivamente abortada na década de 1990.

Segundo Mourão (2009a) e (2009b) durante o período de crescimento industrial brasileiro a indústria se concentrou principalmente na cidade de São Paulo, eram atraídas por vantagens locais. Estas vantagens (como mão-de-obra, fontes de energia, transportes, etc.) fez de São Paulo o centro econômico do país. Em 1952 foi criado o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) que para SILVA JUNIOR (2009, p. 63) trata-se de um dos “órgãos que melhor representa o aparelhamento do Estado brasileiro, e sem dúvida um dos mais atuantes no processo de ordenamento territorial do país nas últimas cinco décadas...”

Na década de 1970 através da intervenção estatal, houve uma desconcentração industrial. A indústria, antes instalada em São Paulo, passou a se instalar em outras localidades do país, principalmente no interior paulista. As forças que atraíam as indústrias para a cidade de São Paulo continuaram atuantes, entretanto outras cidades pelo país já possuíam alguns itens que facilitavam a instalação de um relativo parque industrial, portanto o Estado tentava desconcentrar a indústria em direção a estes núcleos urbanos.

Havia um projeto do Estado de articulação das empresas estatais e multinacionais. Isso levou a uma queda dos índices de concentração industrial em São Paulo, e a uma redistribuição no triângulo do sudeste (Rio-Belo Horizonte), assim como provocou crescimento maiores nas áreas periféricas, como Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul, em relação a São Paulo, que continua a crescer, mas num ritmo menor o do que outras áreas (MOURÃO, 2009b. p. 129).

Esta desconcentração criou nas regiões de Campinas, Sorocaba e São José dos Campos (SP) um relativo parque industrial, mas sempre ligado às rodovias que cruzam estas regiões para que o transporte (matéria-prima, pessoas, manufaturados) seja realizado com maior facilidade.

Outras áreas do interior paulista também receberam indústrias neste período, entretanto destacam-se o eixo da rodovia Presidente Castello Branco que liga São Paulo a Sorocaba, as rodovias Anhanguera e Bandeirantes que liga São Paulo a Campinas, a rodovia Presidente Dutra que liga São Paulo ao Rio de Janeiro passando por São José dos Campos e as rodovias dos Imigrantes e Anchieta que ligam São Paulo a baixada santistas.

Outra autora que impõem limites a esta desconcentração é a professora Sandra Lencione, colocando um espaço um pouco menor: 150 km ao longo da capital paulista, sendo que a maior parte da desconcentração da capital se deu nesta área. É verdade que ali há uma concentração maior, um predomínio, porém todas as regiões do Estado continuam a crescer. (MOURÃO, 2009b. p. 131).

A oeste da RMSP a concentração industrial ocorreu pelos municípios atravessados pela rodovia Presidente Castello Branco, principalmente até a cidade de Sorocaba. Os municípios ao sul da rodovia não receberam muitas indústrias neste período. O que se observou foi o inchaço urbano da cidade de Cotia a oeste da RMSP. As atividades agrícolas, antes instaladas neste município deslocaram-se para outros municípios mais para oeste e ao sul do eixo da rodovia Presidente Castello Branco. Este deslocamento aumentou as atividades agrícolas principalmente nos municípios de Vargem Grande Paulista, Ibiúna, Piedade.

O neoliberalismo adotado pelo Estado retirou os créditos agrícolas, gerou a desconcentração industrial paulistana concentrada nas proximidades da RMSP, causou o crescente inchaço urbano da RMSP, inclusive do município de Cotia. Neste município surgiram diversos bairros de luxo com condomínios urbanos e rurais servindo de casa de passeio para os moradores da capital. Houve grande crescimento dos bairros mais pobres e Cotia tornou-se cidade dormitório da mão-de-obra que se desloca para São Paulo todos os dias numa migração pendular. O inchaço urbano de Cotia, fim da CAC e falência de muitos agricultores fizeram o Cinturão Verde ser empurrado para o oeste, ou seja, a RMSP cresceu, o primeiro anel produtor de hortifrutis necessitou ser empurrado para oeste e Vargem Grande Paulista, Ibiúna e Piedade passaram a atender às demandas urbanas.¹³

Para UENO (1985), Piedade está dentro do Cinturão Verde paulistano, responsável por grande parte do abastecimento de hortifrutis da RMSP e de parte relevante de todo o estado de São Paulo. Para esta autora a partir da década de 1970, houve o deslocamento da produção de hortifrutis para locais mais distantes da RMSP. Os principais motivos foram as melhorias nas vias de circulação e o crescimento desordenado da metrópole paulista.

Sobre o Cinturão Verde, Couto observa que:

O deslocamento do cinturão verde na década de 1980 esteve associado principalmente ao crescimento urbano da cidade de São Paulo, pois se, de um lado, fora aumentada a demanda por produtos hortícolas, de outro, esse processo empurrou para lugares mais distantes as atividades agrícolas (como foi o caso de Ibiúna) que antes eram realizadas nos arredores da região metropolitana. Os produtos com menor durabilidade afastaram-se menos, como é o caso da alface que, nos últimos anos, é um dos produtos mais cultivados em Ibiúna, enquanto os legumes como tomate e pimentão, foram para áreas mais distantes (COUTO, 2008. p.140).

Para Moreira e Hespanhol afirmam que:

tanto em Piedade como em Pilar do Sul houve: a) a ampliação da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários; b) o aumento do número de estabelecimentos; c) a diminuição, ainda que sutil, da área ocupada pelas lavouras temporárias e, d) a expansão da área cultivada com

¹³ Houve nestes municípios o crescimento de casas de campo em condomínios de luxo para servirem ao turismo rural para a RMSP.

lavouras permanentes, com destaque à produção de frutas para consumo in natura (laranja, caqui, tangerina e uva) (MOREIRA e HESPANHOL, 2009. p. 09).

Na década de 1970 o governo federal passou a intervir na desconcentração industrial da grande São Paulo. A RMSP continuou exercendo atração, mas o Estado passou a criar condições do desenvolvimento industrial de outras regiões. Até 1985 a desconcentração ocorreu incentivada pelo Estado, após 1985 a desconcentração ocorreu devido às deseconomias de aglomeração na RMSP. Estas deseconomias são questões que significam maiores gastos, questões ambientais e políticas que desestimulam o crescimento industrial. Entre estas questões destacam-se:

- o surgimento de um novo sindicalismo na região do ABCD;
- as políticas municipais de incentivo à instalação industrial através da isenção tributária temporária e a criação de distritos industriais;
- os investimentos estaduais na construção de eixos viários, os quais ligaram o interior à RMSP e aos principais portos e aeroportos.
- A procura das empresas por locais próximos do mercado consumidor, dos bolsões de mão-de-obra, de uma complexa estrutura urbana e com melhores condições de infra-estrutura de transportes, comunicações, educação, instituições de pesquisa, etc. (CANO, 1998, p. 325, 326. apud. SONODA, 2007, p. 24).

Sorocaba possuía atrativos que as indústrias procuravam e começou, desde a década de 1970, a receber indústrias. Na década de 1990 poucas indústrias se instalaram em Piedade, mas o município está mais distante das rodovias Raposo Tavares e Presidente Castello Branco, principais vias de acesso a região. Além da rodovia Presidente Castello Branco Sorocaba recebeu

a ampliação e melhoria da rede ferroviária e das rodovias inter-regionais, como a própria Rodovia Raposo Tavares, a Santos Dumont e a Rodovia do Açúcar. Municípios da RG¹⁴ de Sorocaba mais próximos da RMSP, como Sorocaba, Itu, Salto, Votorantim e Mairinque, atraíram novas firmas através da construção de distritos industriais, concessões de terrenos às margens desses investimentos e ofertas de isenções tributárias. (SONODA, 2007. p. 24).

A industrialização pela desconcentração a oeste da RMSP seguiu o eixo da rodovia Castello Branco, pois estes municípios possuem fácil acesso à rodovia e outros fatores como isenção de impostos e mão-de-obra.

Na década de 1990 a desconcentração industrial da RMSP continuou e os municípios ao sul da rodovia Presidente Castello Branco continuaram sem receber estas

¹⁴ RG: Região de Governo. Trata-se da regionalização do estado de São Paulo utilizada anteriormente a 1982. Entretanto usaremos a regionalização feita pelo Núcleo de Estudos Sociais Urbanos e Regionais do Instituto de Economia da UNICAMP realizado em 1982. Este estudo determinou a divisão regional no estado de São Paulo em Regiões Administrativas (RA). A RA de Sorocaba é composta por 79 municípios, localiza-se a oeste e da RMSP e ao norte da RA de registro. Houveram pequenas mudanças em 1982 entre a RG de Sorocaba e a RA de Sorocaba, porém Piedade fazia parte da RG e faz parte da RA sorocabana atual.

indústrias que se espalhavam pelo estado devido aos mesmos motivos de vantagens locais.

Para UENO (1985) os motivos para o afastamento do Cinturão Verde da RMSP são:

- crescimento populacional da RMSP que gerou aumento da demanda por terras na RMSP e a supervalorização da terra, inclusive em Cotia.
- a implantação de melhorias vias de transporte rodoviário ligadas à desconcentração industrial paulistana;
- crescimento da industrialização no eixo da rodovia Presidente Castello Branco;
- industrialização e crescimento urbano no eixo da rodovia Presidente Castello Branco;
- aumento da poluição atmosférica e dos cursos d'água causados pela industrialização e urbanização na RMSP e no eixo da rodovia Presidente Castello Branco;
- crescimento de furtos nas produções agrícolas próximas das áreas urbanas, necessitando manter-se afastadas destas;
- a existência de um perfil de agrícola da região a oeste do RMSP.

Conforme a RMSP foi crescendo a área urbana de Cotia cresceu. A produção agrícola cotiana foi deslocada para oeste, inclusive para Piedade. Portanto os municípios ao sul do eixo industrial da rodovia Presidente Castello Branco não tinham as vantagens locais para receberem um parque industrial, mas tinham as características para receberem a expansão do Cinturão Verde. O que se observou não foi o deslocamento dos produtores de Cotia para oeste, e sim os produtores dos outros municípios (inclusive Piedade) começarem a atender às demandas, pois as produções em Cotia e no eixo da nova rodovia Presidente Castello Branco estavam diminuindo pelos motivos supracitados.

O fim da CAC gerou condições para os novos agentes organizativos de comercialização no Cinturão Verde. Assim como o fim da cebolicultura fez as atividades agrícolas em Piedade se diversificarem para se enquadrarem às novas demandas: a expansão do Cinturão Verde. Este é o processo que vai reestruturar a comercialização (e toda a produção) agrícola em Piedade no início da década de 1990.

4.4.5. A cebolicultura

Piedade fica no Planalto Cristalino do Atlântico - cinturão orogênico do Atlântico, marcado pelos "mares de morros" de relevo ondulado. Ao noroeste do município fica a depressão periférica paulista, ao sudeste a serra de Paranapiacaba (Serra do Mar). Como o relevo é repleto de morros arredondados há dificuldade de uso de máquinas agrícolas e necessidade de trabalho manual e maior uso mão-de-obra para o trabalho agrícola (ver FIGURA 04).

FIGURA 04: MARES DE MORROS AGRICULTAVEIS EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

Na década de 1930 chegaram em Piedade muitas famílias espanhola, foram estes imigrantes que deram início ao cultivo da cebola. A cebola em Piedade era cultivada/colhida em períodos diferentes do ano. No centro-sul do município o relevo possui maiores declividades devido a Serra de Paranapiacaba. Possui também pluviosidade média anual de 1.500mm inviável para a cebolicultura, portanto esta cultura concentrou-se na porção centro-norte do município (ver MAPA 07). Na área centro-norte o relevo é menos acidentado e as precipitações médias anuais de 1.250mm.

Existe mesmo um deslocamento “municipal” para plantio da cebola no campo, atendendo as variações de pluviosidade e temperaturas locais, bem como a área de maior dominância da massa de ar tropical. Usando como base o mapa de distribuição geográfica da cebola no município posso deixar mais clara essa afirmativa (SOARES, 1981. p. 50).

junho/ meados de julho, quando decrescem a oferta dos bulbinhos de Piedade e o mercado ainda não está plenamente abastecido pelas “claras” paulistas e pernambucanas. (SOARES, 1981. p.36-37).

De 1 a 10 de fevereiro ocorre o transplante do bulbo da cebola e o das mudas de 10 a 20 de junho ocorre ao sul da estrada Piedade-Pilar do Sul. Ao norte desta estrada o transplante do bulbo da “soqueira” é feito entre 10 e 15 de fevereiro e as mudas no começo do mês de junho. Da área urbana ao norte em direção a Votorantin e Ibiúna, noroeste e nordeste respectivamente, os bulbos da “soqueira” entre 15 a 20 de junho, e das mudas a partir de 10 de julho. As colheitas são realizadas pelo município em momentos diferentes, sendo as “soqueiras” entre maio/junho e as mudas outubro/novembro. (SOARES, 1981).

Durante a formação de Piedade nos séc.XIX e XX, o município recebeu muitos imigrantes e estes foram morar nos bairros rurais que eram projetos de colonização (na maioria organizada por companhias privadas). Como a produção agrícola foi sempre crescente sempre houve a absorção do excedente da mão-de-obra, portanto a cidade de Piedade não exercia grande atrativo, pois a demanda por mão-de-obra estava nas lavouras. Observa-se até os dias atuais que parcela relevante da população piedadense ocupa a zona rural, os bairros rurais afastados da área urbana e distritos do município.

De acordo com SOARES havia em 1980 em Piedade 3650 trabalhadores volantes dedicados à cebolicultura. Estes trabalhadores habitavam os bairros rurais e a área urbana de Piedade, inclusive parte relevante dos trabalhadores da lavoura piedadense habitava os bairros de municípios vizinhos. O empreiteiro era um organizador desta mão-de-obra. Era encarregado de recrutar os trabalhadores nas aglomerações, transportá-los para a roça. O empreiteiro detinha o recurso de transporte, um veículo (uma perua, caminhão, caminhonete, ou até mesmo um carro de passeio).

Quando o dono do caminhão, o empreiteiro consegue empregar mais de uma e até três turmas em propriedades diferentes, isto depende da área a ser trabalhada, passando o dia na fiscalização das mesmas. (SOARES, 1981. p. 52)

Muitas culturas não exigem mão-de-obra o ano inteiro. Dependendo do ciclo de cada planta os tratos demandam cuidado com a lavoura em momentos diferentes. Portanto muitos proprietários de terras arrendam a terra e transfere ao rendeiro as despesas com a cultura, o risco da não efetivação da colheita (como por variações climáticas, por exemplo) e se livram da necessidade de aplicar capital, seja diretamente para o cultivo, seja com a contratação da mão-de-obra.

Em síntese, caso o proprietário recorresse apenas à utilização da mão-de-obra volante teria que contar com uma disponibilidade de capital suficiente para pagamento das diárias, o que não ocorre com a meação. (SOARES, 1981. p.54).

O empreiteiro em Piedade surge da formação da demanda por mão-de-obra volante, desde o período da formação dos bairros rurais e este tipo de trabalho expande-se com a expansão da cultura da cebola.

O empreiteiro é um agente comum no meio rural brasileiro, inclusive na cafeicultura. Nesta cultura o empreiteiro recruta turmas de trabalhadores volantes para retirar a vegetação nativa, limpar o terreno e prepará-lo para o cultivo. É comum após este preparo ser contratado outra turma para formar o cafezal, novamente através do empreiteiro. A diferença é que na formação o empreiteiro é conhecido também como formador de café. Este arrenda a terra do proprietário (muitas vezes por meação) e passa a produzir café por um prazo determinado. Após o fim do prazo precisa entregar o cafezal formado e produzindo ao proprietário das terras. Durante os anos estipulados o formador de café contrata trabalhadores para o trabalho no cafezal, portanto age como empreiteiro, pois contrata trabalhadores volantes para o trabalho nas terras de outro. A renda da terra é extraída paga ao proprietário pelo arrendatário/formador/empreiteiro.

Quando contrata um empreiteiro por turmas, surge um intermediário capitalista, que logo é afastado, assim que termine o serviço empreitado, dispersando-se os peões em busca de novos mercados para a força de trabalho. A exploração por parte do fazendeiro continua então sob as mais variadas formas, não importando se é feita com a utilização de colonos trabalhadores. Em nada disso se modifica a propriedade da terra, o fazendeiro continua sendo o único apropriador de toda a renda. (MARIGUELLA, 1980. p. 31).

Esta estrutura de empreiteiros (seja o de turma ou o de formador de café) é observada na agricultura piedadense, o empreiteiro contratava o trabalhador volante nos bairros e realizava a colheitas nas produções de diversos produtores.

85% da comercialização da cebola era feita por atacadistas locais e o restante pelas cooperativas CAC e Sul-Brasil. Os atacadistas locais compravam a cebola dos produtores principalmente pequenos e médios, levavam-nas para a área urbana de Piedade, limpavam-nas, classificavam-nas, embalavam-nas e enviavam-nas para os mercados consumidores, principalmente para a cidade de São Paulo para “o mercado da rua Santa Rosa e Entrepasto Terminal São Paulo – CEAGESP.” (SOARES, 1981. p. 75).

Para SOARES em 1980 estava começando a se destacar comerciantes de outros tipos. Surgia em Piedade

varejistas e atacadistas de centros populacionais médios. As grandes redes de supermercados começam a manter na região de Piedade agentes de comercialização, que adquirem e despacham o produto à central de compras, ficando esta com o encargo de embalagem e distribuição pelas diversas lojas. Agentes de comercialização também são mantidos pelas indústrias alimentícias (sopas, temperos e cebolas em conservas). (SOARES, 1981. p.75).

Não se sabe ao certo em que período o empreiteiro passou a ser necessário na agricultura piedadense, talvez ele participe do processo produtivo desde a formação da agricultura do município. Este aliciador de mão-de-obra é fundamental para compreendermos as transformações da agricultura piedadense no início da década de 1990.

Alem da contratação do volante SOARES destacou outra relação de produção entre os agricultores: a meação.

A entrega da área pelo parceiro-proprietário, seu cultivo por parceiro-agricultor e a repartição dos “frutos” entre ambos na proporção que estipularem. Para o universo cebolicultor piedadense a repartição dos frutos é sempre à meia, fato que não ocorre na repartição das despesas. Fica excluído dessas repartições o pagamento dos diaristas e dos herbicidas usados para a efetivação da cultura, encargo de total responsabilidade dos meeiros. (SOARES, 1980, p.14).

Meação não é sinônimo de parceria, mas uma modalidade de parceria na qual o parceiro-outorgante (“patrão”) fornece a terra arada, sementes, insumos, máquinas, barracões e moradia. E o parceiro-outorgado (meeiro) paga a terra que utiliza com uma quantidade de produtos que corresponde a metade da produção obtida e do preço da venda do produto. (SOARES, 1981, p.14).

Nesta relação o produtor paga o aluguel da terra pré-acordado ao proprietário. Esta renda é paga conforme o acordo realizado. É paga uma parcela da produção, ou em espécie ou em dinheiro. Quando se paga a metade da produção ao proprietário chamamos esta relação de meação.

O importante a ser destacado desse resultado, bem como do conjunto de informações obtidas durante as pesquisas de campo, é que a parceria a meia concretizou-se como a relação de produção dominante para o universo cebolicultor piedadense em área de cultivo, em número de produtores e em volume de produção. (SOARES, 1981, p.11).

No ano de 1979, quando SOARES realizou o levantamento, foram contatados 1090 produtores agrícolas em Piedade. A autora afirma que “1500 produtores haviam deixado de fazer suas declarações” (SOARES, 1981, p. 07), portanto admite que suas fontes não eram precisas. Destes 1090 produtores 422 eram cebolicultores, 40 produziam outros artigos além da cebola, 259 produziam outras culturas que não a cebola, 28 realizavam outras atividades (como a criação de animais, por exemplo), 25 nada produziam e não foi possível a obtenção de dados de 316 produtores (entre outros motivos a pesquisadora não localizou-os). Somando os 422 produtores que só produziam cebolas com os 40 que produziam outras culturas haviam 462 produtores de cebola. Destes 462 eram proprietários de terras 292 e 170 utilizavam as terras de outro proprietário tendo que pagar a renda da terra ao proprietário, sendo a predominância da meação – paga em espécie ou dinheiro.

O aumento da demanda por cebola fez que no ano de 1973 o Brasil precisasse importar 48414 ton. de cebola da Argentina e do Chile. De 1974 a 1977 foram tomadas medidas para a redução das importações, diminuindo para apenas 25 ton. de cebolas

importadas. Mas em 1978 houve novamente um pequeno crescimento das importações. A situação se agravou quando “a safra do Rio Grande do Sul apresentou sensível queda devido a fatores de origem fitossanitária”. (SOARES, 1981, p.41). A diminuição da oferta fez ainda mais as importações aumentarem.

Naquele ano agricultores representados por sindicatos e associações, juntamente com atacadistas, passaram a se manifestar perante o governo federal para que se tomassem medida em conter as importações devido às safras seguintes serem o suficiente para suprir a demanda. Havia a preocupação de que a concorrência com o produto importado causasse quedas nos preços e a impossibilidade de realização dos lucros. (SOARES, 1981).

O aumento da demanda e a preocupação com o abastecimento com o mercado interno fez o governo federal criar o “Programa nacional de produção e Abastecimento de Cebola para o período de 1980/84, criado pela Secretaria Nacional de Abastecimento no início de 1980.” (SOARES, 1981, p.39).

Segundo SOARES a “sucessão solidária” das safras pretendia apenas regularizar as épocas do plantio, a colheita e automaticamente o abastecimento dos mercados consumidores organizando a periodicidade da oferta dos produtos no mercado através do crédito, por fim o disciplinamento do crédito deveria organizar a produção nacional.

SOARES expõe que caso não se efetive o Programa haveria (lembrando que sua tese é de 1981) grandes transformações na sociedade piedadense. Entretanto estas mudanças foram observadas em Piedade na década de 1990, pelo mesmo motivo: a entrada de produtos importados sem barreiras alfandegárias.

SOARES escreveu em 1981 supondo que o governo não criasse políticas protecionistas à produção nacional de diversos artigos algumas delas seriam prejudicadas (em Piedade seria a cebola). A entrada da cebola importada causaria possíveis transformações no município de Piedade.

[...] a sua não aplicação trará fortes repercussões na vida agrária da região apoiada que está significativamente na cultura da cebola. De um lado, levando os donos da terra que não tiverem possibilidades de saldar seus compromissos à venda de suas propriedades, em especial à candidatos interessados na formação de ‘sítios’ de lazer; e de outro lado, fazendo com que a mão-de-obra sem terra e sob meação tenha que se submeter à novas relações de trabalho no campo, como por exemplo a de volante ou de caseiro nos ‘sítios’ de lazer, ou mesmo, de se transformar em elementos semi-urbanizados dedicando-se os homens às atividades tais como ajudante de pedreiro, carregador de caminhão, ‘carpi-quintal’ e as mulheres a empregadas domésticas. (SOARES, 1981, p.43).

SOARES exemplifica as possíveis novas atividades que o trabalhador do campo pode exercer na cidade. Mas esta transferência ocorre da forma descrita quando o agricultor de desloca sem escolaridade, sem preparo e, portanto, seja homem ou mulher, necessita a se sujeitar a empregos de menor qualificação e de pior remuneração. Observamos que há

inclusive uma divisão sexual do trabalho na qual os homens ficam incumbidos de algumas atividades e as mulheres de outras. Quando o capitalismo se desenvolve (no campo e na cidade) as forças produtivas criam demandas por mão-de-obra na cidade (nos setores primários e secundários). A criação de tecnologia aplicada ao campo faz a agricultura modernizar-se liberando mão-de-obra e extinguindo os resquícios de outros modos de produção. Portanto a liberação da mão-de-obra do campo é estritamente necessária. Entretanto o Estado tem papel decisivo neste processo. Quando a produção agrícola passa por crises (seja regional ou nacional) os agricultores migram inevitavelmente para os centros urbanos. Quando isso ocorre o Estado necessita ser ativo, no campo e na cidade. Muitas destas transformações supracitadas por SOARES se efetivaram na década de 1990.

Na década de 1990 o Estado brasileiro aderiu políticas neoliberais. Entre as políticas neoliberais houve a colocação da moeda brasileira com o mesmo valor do dólar e a retirada das tarifas de importações. Isso permitiu importações com facilidade. Nesta década as redes atacadistas de alimentos passaram a comprar alguns alimentos de outros países, inclusive houve a dominação do mercado interno de cebola pelo produto produzido na Argentina.¹⁵

A cebola argentina é igual a nossa. Não tem nada de especial. A diferença, talvez pelo clima, não sabemos, é que a cebola deles tem uma aparência melhor. Na hora de comer é a mesma. Mas na prateleira o preço sendo o mesmo a cebola argentina vende mais, pois todo mundo prefere comprar um alimento com boa aparência, ainda mais quando se trata de um alimento consumido in natura.¹⁶

Os atacadistas e varejistas brasileiros não compravam mais a cebola de Piedade. As redes de supermercados rapidamente construíram estratégias de importação. Os produtores logo buscaram outros produtos para continuar com as atividades agrícolas. É a partir da desestruturação da produção cebolicultora no início da década de 1990 que parte dos agricultores faliram e precisaram vender suas terras, mas a maioria diversificou a produção e passou a atender às demandas por frutas, legumes e verduras (FLV), devido ao deslocamento do Cinturão Verde.

Outras transformações ocorreram com a mão-de-obra, com os empreiteiros, com os agricultores e nos canais de distribuição da produção agrícola em Piedade. É esta reestruturação produtiva que ocorreu no Brasil (rural e urbano) que atingiu o município de Piedade que veremos a seguir.

¹⁵ O município de Piedade não possui dados sobre as mudanças ocorridas na produção na primeira metade da década de 1990 (fim da cebolicultura). As informações sobre a mudança dos artigos produzidos são resultados das entrevistas realizadas com todos os agentes envolvidos na cadeia de produção e distribuição do município.

¹⁶ Depoimento concedido pelo Sr. N.T., no dia 10/12/2010. O autor do depoimento é produtor rural do bairro Furninhas em Piedade

5. O NEOLIBERALISMO E A REORGANIZAÇÃO PRODUTIVA

A fase de crise do quarto ciclo do capitalismo iniciou-se na década de 1970. Conforme os países centro do capitalismo foram se afetando com a crise novas estratégias foram sendo criadas e a principal estratégia foi a implantação do neoliberalismo.

No Brasil a década de 1980 foi marcada pela menor participação do Estado na economia e retirada das políticas de desenvolvimento. Mas é na década de 1990 que o Estado brasileiro adota completamente às políticas neoliberais.

O neoliberalismo acentuou a participação dos grupos estrangeiros na economia brasileira. A política cambial permitiu a entrada de produtos industrializados a baixo custo prejudicando a indústria. Investimentos em setores como educação, saúde foram abandonadas. Políticas de construção e modernização em setores chaves da infra-estrutura como transporte, habitação, comunicação não foram implantadas. O planejamento deixou de ser considerado um instrumento do desenvolvimento econômico e territorial.

Estas transformações levaram ao fim da CAC (que não tinha mais os programas federais de créditos), ao inchaço urbano descontrolado da RMSP, a descentralização da indústria da RMSP que passou a se deslocar influenciada pela guerra fiscal e pelas vantagens locacionais sem obedecer a um plano de desenvolvimento territorial.

BROIETTI et. al. (2005. p. 8) explica o que estas transformações acarretaram na agricultura brasileira no início da década de 1990.

- a) Centralização do capital nos setores agroindustriais, na indústria de insumos e equipamentos e na produção agrícola.
- b) Crescente utilização de novas técnicas e equipamentos de produção que elevaram a produtividade tanto da terra quanto da mão-de-obra.
- c) Ampliação da integração da agricultura com setores industriais, tanto produtores de insumos e equipamentos, quanto os beneficiadores da produção agrícola (agroindústria e indústria de alimentos).
- d) desnacionalização do controle societário das principais empresas do setor agroindustrial e da produção de insumos.
- e) Aumento da participação brasileira nas exportações mundiais (soja, suco de laranja, frutas, açúcar, carnes entre outros) e aumento da importação de diversos gêneros básicos ao mercado interno (arroz, feijão, leite em pó, trigo entre outros).
- f) Desenvolvimento de novos centros produtores com participação de grandes grupos nacionais e estrangeiros, com tecnologia de ponta e escalas ampliadas de produção, nas áreas de fronteira agrícola (centro-oeste, cerrado mineiro, oeste baiano entre outras).
- g) Reestruturação constante das relações entre os segmentos atuantes na produção agroalimentar (produtores, comerciantes, agroindústria, indústria de equipamentos e insumos, Estado, empresas de pesquisa, empresas de transporte entre outras), tendendo para oligopólios industriais e comerciais (em especial os grupos varejistas) e diminuição das margens de lucratividade nos setores produtores.
- h) Intensificação da exclusão dos produtores agrícolas diante da crise com a abertura de mercado, as retiradas de subsídios e ao acirramento da concorrência entre os grupos agroindustriais.
- i) Retirada do Estado das funções de comerciante e controlador do abastecimento agrícola.

Pode-se sintetizar este processo na centralização dos lucros em poucas empresas principalmente estrangeiras, com grande uso de tecnologia, maior integração entre os setores desde a produção até o consumidor final, espalhando-se pelo país, prejuízo aos produtores brasileiros, pois o capital estrangeiro passou a atuar na produção distribuição e comercialização. Houve o aumento da exportação de algumas culturas e importação de muitas outras, inclusive as básicas de consumo dos brasileiros. Tudo isso sem a intervenção do Estado.

A agricultura em Piedade não conseguiu competir com a entrada da cebola argentina, grandes redes de varejistas aumentaram sua participação na comercialização da produção e os canais de escoamento da produção se tornaram mais dependentes destes varejistas. Entre os produtores que conseguiram tornarem-se competitivos não houve grande desenvolvimento das forças produtivas com o uso de tecnologias e insumos agrícolas. Há grande uso de tecnologia, entretanto há também a manutenção de relações pré-capitalistas.

5.1. A produção agrícola na década de 1990 no Cinturão Verde

Até a década de 1970 a produção crescia e o Estado era ativo.

Ao final da década de 1970, a RA¹⁷ de Sorocaba tornou-se um dos principais centros de abastecimento de produtos agrícolas do estado, devido à redução das áreas produtoras na Grande São Paulo. Expandiu a produção de hortifrutigranjeiros, como tomate, cebola, uva, pêssego e maçã, com destaque, principalmente, para os municípios de Ibiúna e Piedade, próximos à capital e com extensa área rural (SONODA, 2007. p.29).

O abandono das políticas desenvolvimentistas pelo Estado brasileiro, combinada com o aumento do valor da moeda e os baixos juros na poupança, deixou de atrair capitais internacionais para investimentos no Brasil e permitiu o consumo de produtos internacionais que passaram a entrar no Brasil com preços competitivos aos nacionais. Vários setores se prejudicaram, pois não estavam preparados para a concorrência internacional. Piedade sofre com a entrada da cebola argentina que possuía melhor aparência e facilmente ganhou mercado no Brasil.

Na década de 1990 a participação do capital privado, principalmente capital internacional, cresceu, inclusive na produção e comercialização de alimentos

¹⁷ Usaremos a regionalização feita pelo Núcleo de Estudos Sociais Urbanos e Regionais do Instituto de Economia da UNICAMP realizado em 1982. Este estudo determinou a divisão regional no estado de São Paulo em Regiões Administrativas (RA). A RA de Sorocaba é composta por 79 municípios, localiza-se a oeste e da RMSP e ao norte da RA de registro.

De modo geral, a agricultura paulista no período 1980 a 2005, caracterizou-se pelo estabelecimento de uma importante integração e proximidade entre a lavoura, a pecuária e os estabelecimentos agroindustriais, e, pela especialização das instituições financeiras no segmento agroindustrial e no destino de recursos às unidades agrícolas mais capitalizadas a partir dos anos 90. Especialmente, as estruturas produtivas agrícolas mais complexas das regiões interioranas do estado de São Paulo, consideradas mais dinâmicas, localizaram-se entre os grandes eixos viários na direção das regiões noroeste e nordeste do estado, incluindo a região de Campinas. Enquanto as regiões litorâneas e da RMSP tiveram uma dinâmica particular, embora tenham ficado à margem da produção agrícola exportadora. A primeira pela atividade da pesca e a segunda pelo auto-abastecimento de sua demanda por produtos hortifrutigranjeiros. A RA de Registro foi a única região que se mostrou à margem da dinâmica do período. (SONODA, 2007. p. 51).

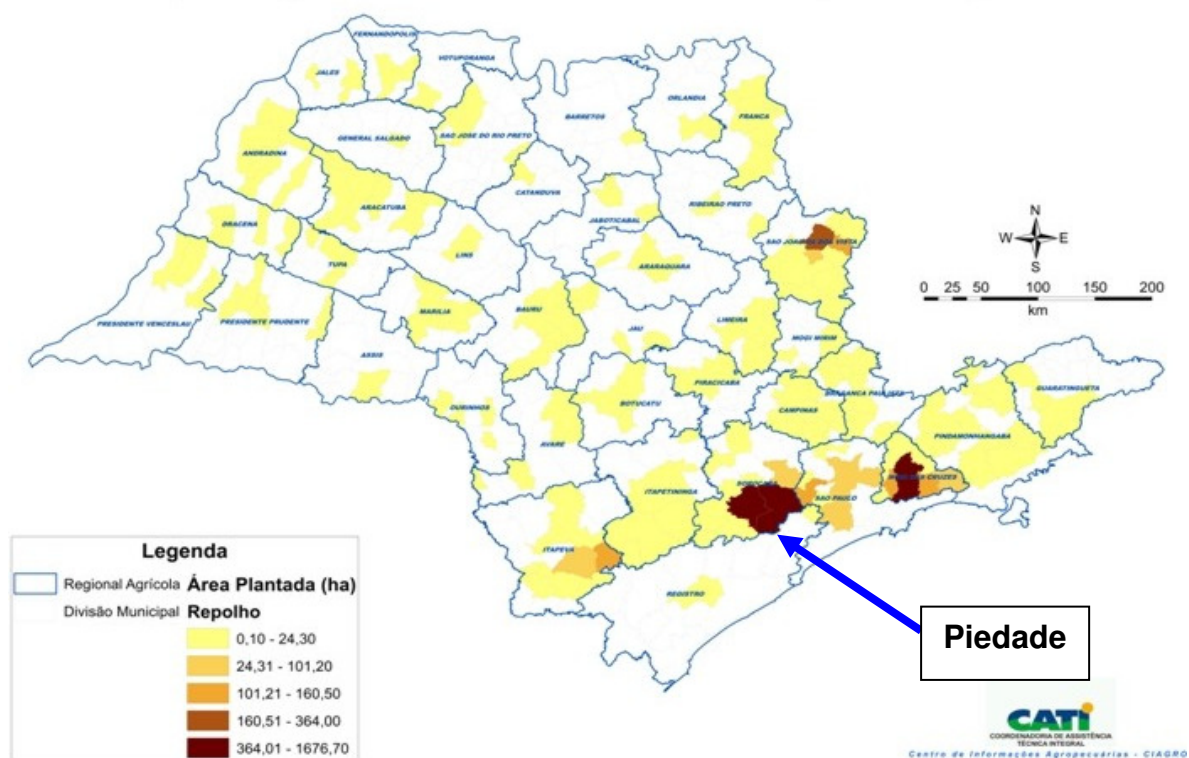
Semelhante a indústria, as atividades agrícolas se espalharam por localidades de acordo com as vantagens locais. Por exemplo as culturas ligadas ao processamento de grãos ou a agroindústria leiteira se instalaram onde houve condições do processamento pelas indústrias. Piedade passou por uma grande mudança produtiva, ocorreu o desmanche da cebolicultura e aumento da policultura. O Cinturão Verde que necessita se localizar nas proximidades do mercado consumidor, no caso da RMSP, foi afastado para oeste aumentando a produção da policultura em Piedade. Toda a RA de Sorocaba sofreu queda na produção na década de 1990

inclusive no cinturão-verde como é o caso de Ibiúna e Piedade. Parte das áreas produtivas desses municípios foi transformada em loteamentos e chácaras de veraneios. A queda do número de estabelecimentos agrícolas nessas áreas também sofreu impacto do movimento de imigração nessas áreas com a saída de grande parte dos agricultores de descendência japonesa. (SONODA, 2007. p.58).

O que se observou em Piedade foi um grande êxodo rural, parcela dos produtores se adaptaram e muitos outros abandonaram as atividades agrícolas.

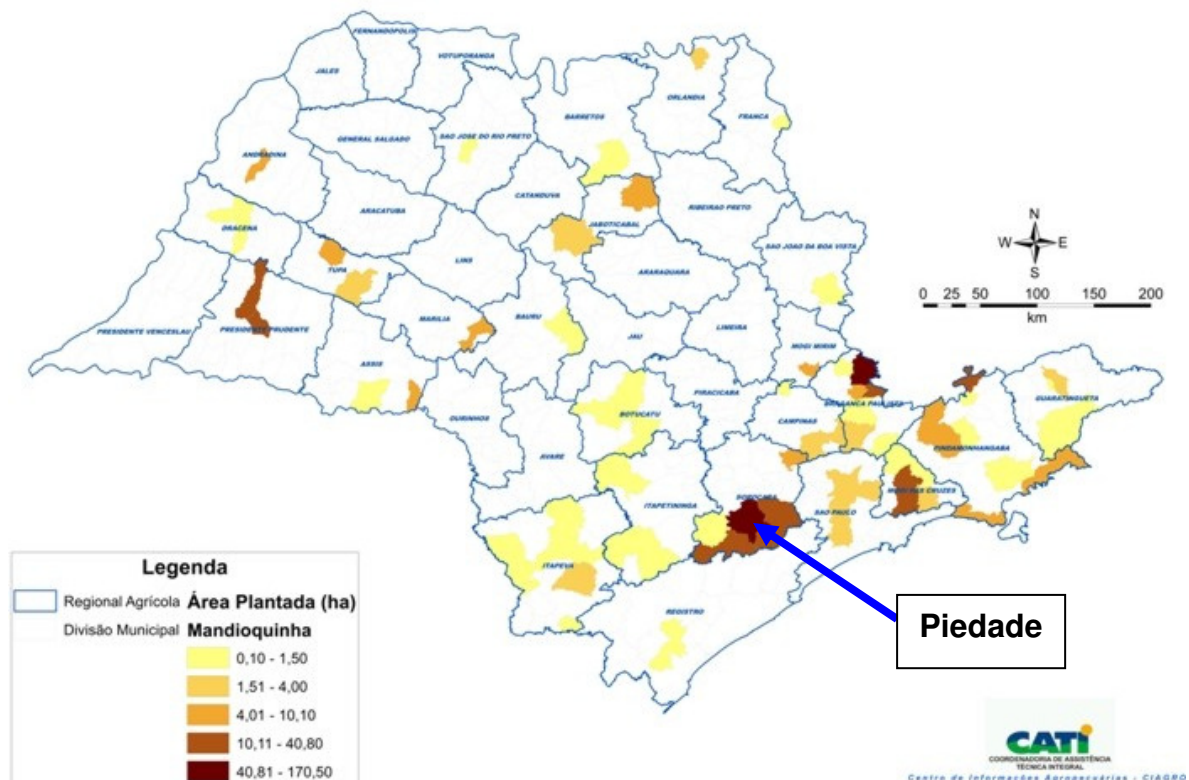
Alguns municípios a oeste e a leste da RMSP possuem destaque na produção de FLV. O Levantamento de Unidades de Produção Agropecuária (LUPA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo quantificou a produção agrícola dos municípios paulistas de acordo com a extensão das áreas agricultadas com determinadas culturas. Através dos resultados deste estudo Piedade se destaca na produção de repolho, mandioquinha, cenoura, beterraba e alcachofra conforme apresentado nos mapas 09, 10, 11, 12 e 13. Outras culturas como cebola, brócolis e alface Piedade está entre as principais cidades produtoras, mas em posições secundárias, conforme apresentado nos mapas 14, 15 e 16 respectivamente.

MAPA 09: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE REPOLHO NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



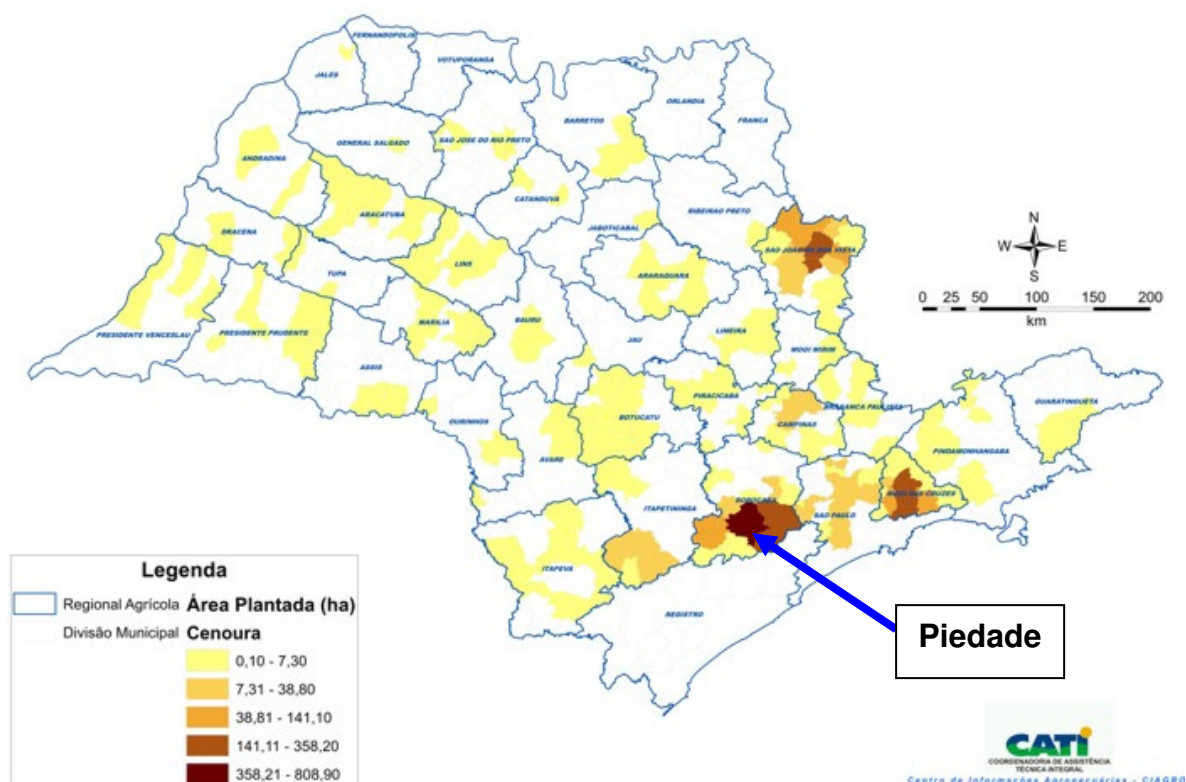
FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 10: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE MANDIOQUINHA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



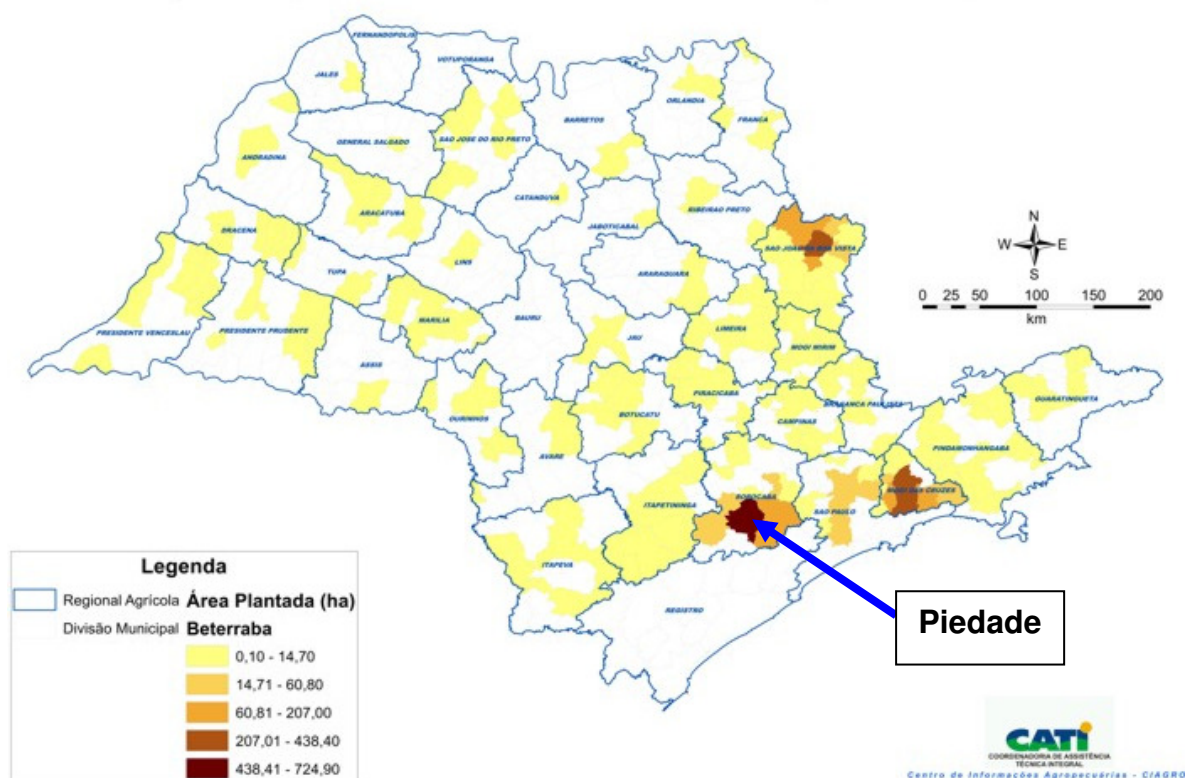
FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 11: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CENOURA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



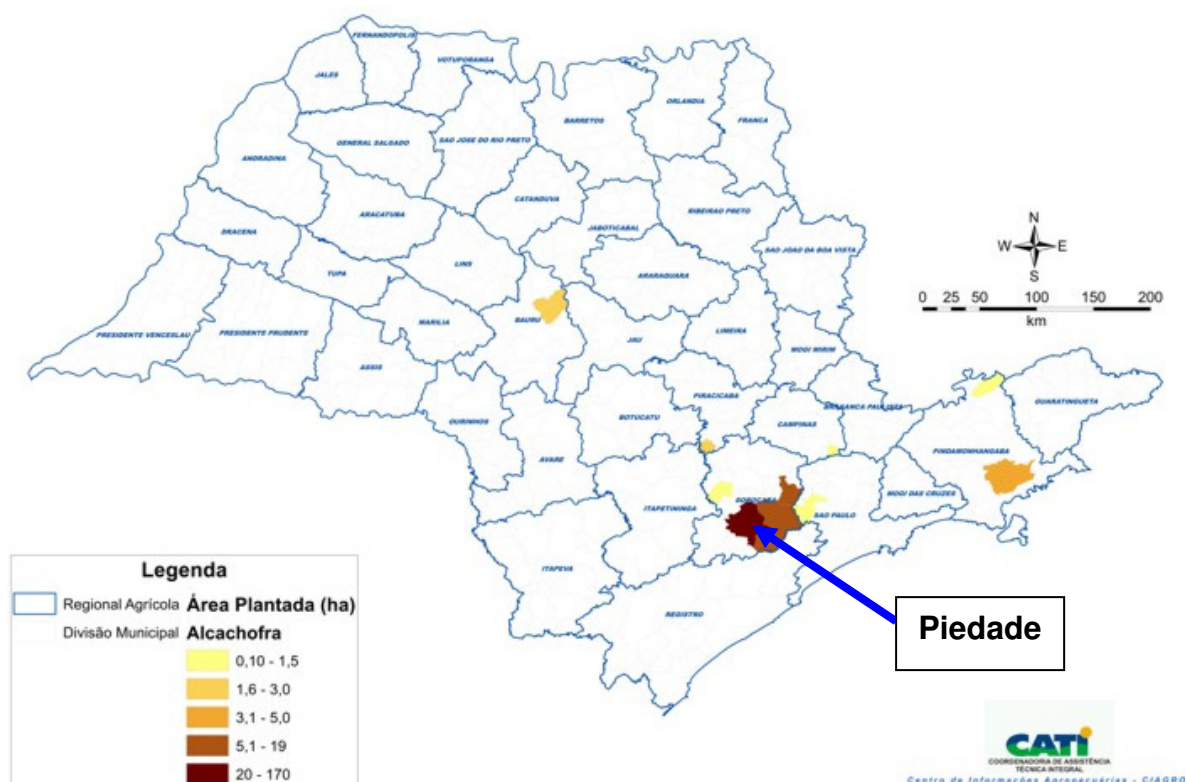
FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 12: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE BETERRABA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



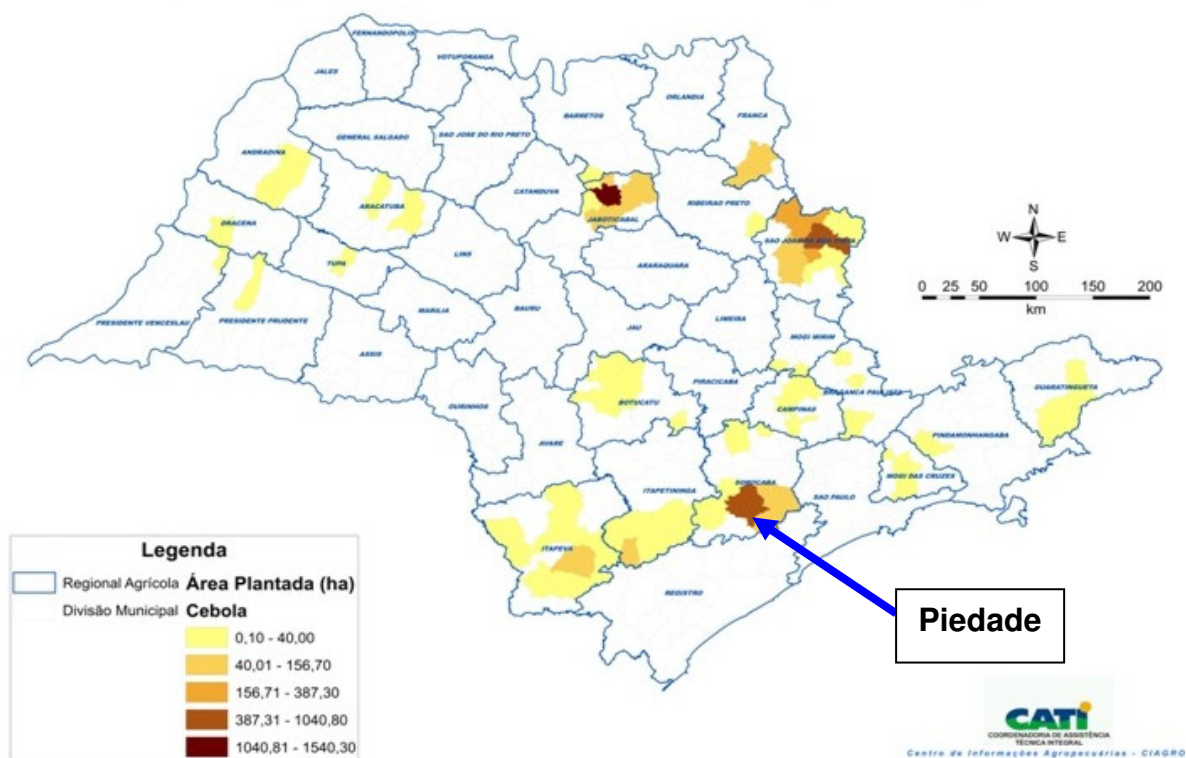
FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 13: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALCACHOFRA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



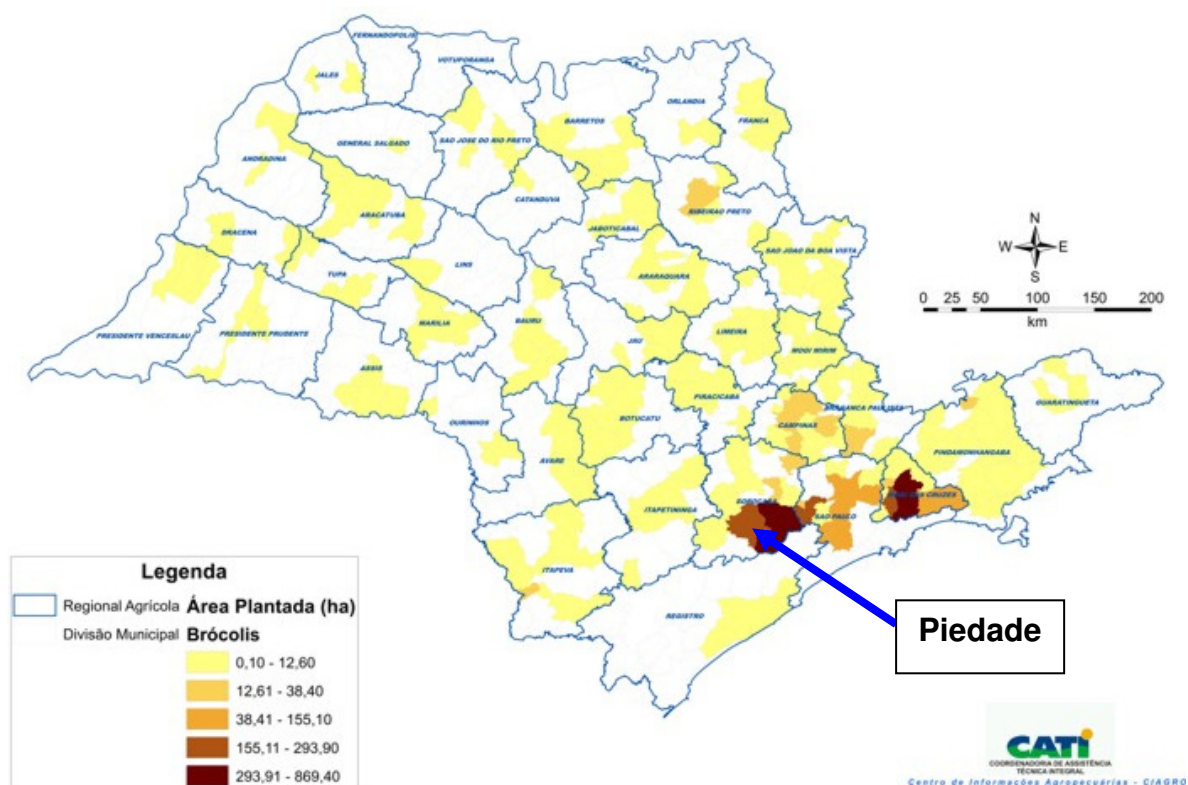
FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 14: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CEBOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



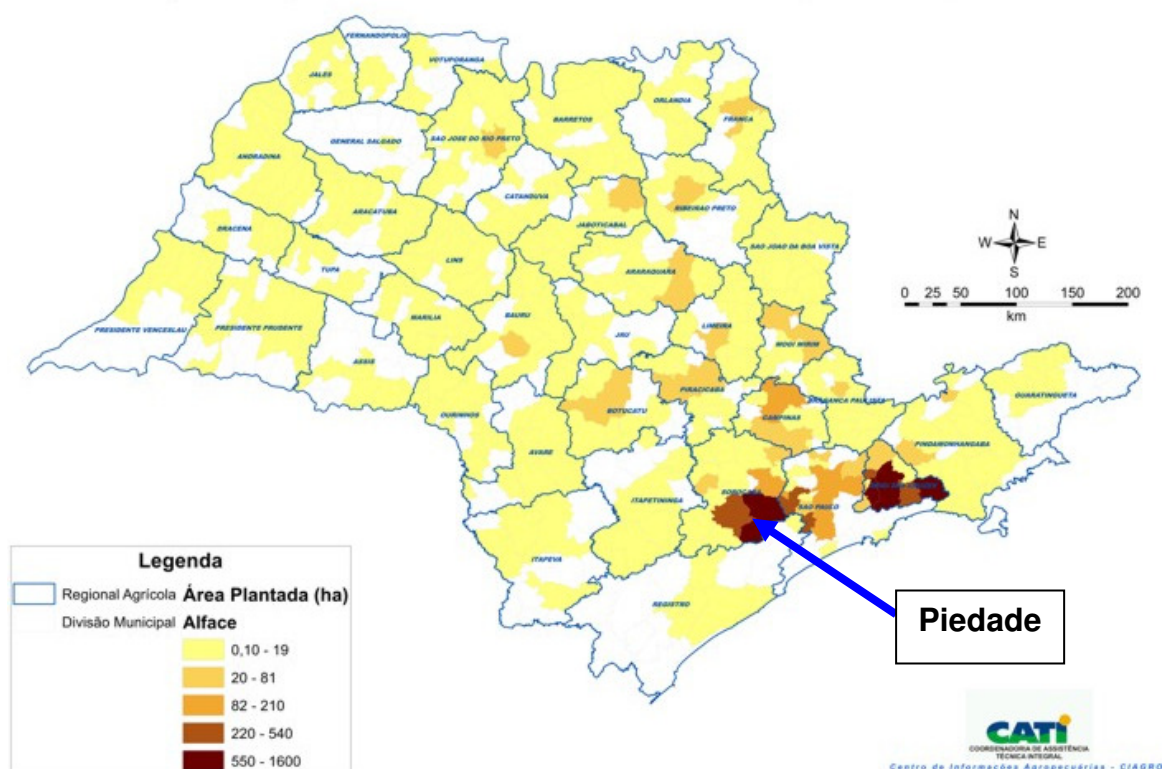
FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 15: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE BRÓCOLIS NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



FONTE: SÃO PAULO, 2008.

MAPA 16: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALFACE NO ESTADO DE SÃO PAULO, 2007/2008.



FONTE: SÃO PAULO, 2008.

5.2. A comercialização de frutas, legumes e verduras.

Quando se trata de distribuição de mercadorias, as distâncias, o material necessário para o transporte e especificidades da demanda, são importantes para entendermos essa distribuição. Ao analisarmos a distribuição de alimentos, principalmente alimentos in-natura, distância, tipo de transporte e demanda, necessitam serem planejados de acordo com as características da vulnerabilidade, do produto em questão, ou seja, se ele é pouco ou muito perecível. O crescimento das demandas e aumento da produção faz surgir agentes na intermediação entre o produtor e o consumidor final.

Até a década de 1960 no Brasil frutas, legumes e verduras (FLV) eram comercializados, na grande maioria, em feiras-livres. Havia nas cidades pequenos comércios (quitandas) que realizavam estas vendas. É nesta década que o Brasil passou por grande crescimento urbano e o comércio de alimentos demandou maiores e mais eficientes sistemas de distribuição de alimentos. O Brasil tinha crises de abastecimento interno e surgiram nas cidades grandes redes de supermercados.

No centro de São Paulo no início do séc.XX concentrava-se nas margens do rio Tamanduateí grande comércio de FLV. Em 1933 no mesmo local foi inaugurado o Mercado Municipal que passou a centralizar o comércio de atacado de FLV. Em 1966 foi criado o CEASA (Centro de Abastecimento de Alimentos) no ETSP (Entrepasto São Paulo) no bairro da Vila Leopoldina, próximo de Pinheiros em São Paulo. Em 1969 o CEASA tornou-se a Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais São Paulo (CEAGESP) que tem a função de ser central de comercialização, distribuição e abastecimento de alimentos para as grandes cidades do país. Portanto os produtores e cooperativas transportavam suas produções onde eram vendidas para os supermercadistas varejistas das cidades. (BELIK e CHAIM, 1999).

Já na década de 70, alguns supermercados brasileiros mantinham fazendas produtoras de verduras e legumes, sendo que algumas chegaram até mesmo a criar frangos e ovos. Com o fim de complementar estes sistemas de produção integrados, a solução era realizar diariamente compras nas principais Ceasas - Centrais de Abastecimento mantendo, para tanto, instalações atacadistas nestes entrepostos. (BELIK e CHAIM, 1999. p.2).

Até a década de 1980 o setor supermercadista realizava a compra de FLV nos entrepostos num comércio denominado *spot*. Trata-se de uma relação pontual, momentânea, sem relações com a cadeia produtiva da FLV. Influenciado pelas novas técnicas de organização industrial/logística denominado de *just-in-time*¹⁸ o setor supermercadista passou a se utilizar de duas estruturas: as Centrais de Compra (CC) e as Centrais de Distribuição (CD).

¹⁸ A Toyota criou na década de 1960 o sistema just-in-time. Este sistema faz com que haja estoque zero nas indústrias, a reposição de peças seja instantânea, pois aproxima o setor de compras de uma empresa com seus fornecedores. O estoque represente capital parado em prateleiras, portanto não está sendo reproduzido.

As CC podem ser dentro de um escritório da empresa onde compradores mantêm contato com os produtores ou com outra empresa fornecedora. Portanto a CC têm contato com um terceiro, entre o produtor e o mercado. O fornecedor conhece os produtores e a região produtora. Ele, após receber a solicitação de uma carga, imediatamente entra em contato com os vários produtores, agenda uma carga com o *mix*¹⁹ solicitado.

A CD localiza-se nas margens dos grandes centros urbanos. Funciona como uma indústria com trabalho em série. Os alimentos chegam, são selecionados, lavados, embalados, etiquetados, conforme a demanda agregando valor à mercadoria. As cargas são colocadas em vans e caminhões de pequenos portes que transitam com maior facilidade pelas grandes cidades e possuem menores custos de transporte. As cargas são distribuídas, gerando maiores ganhos aos supermercadistas e maior durabilidade aos alimentos.

As vantagens com a instituição do sistema de CCs e CDs para a Grande Distribuição são a redução acentuada dos custos de distribuição e estocagem, além da maior flexibilidade para a prática da segmentação e diferenciação de produto. Já pelo lado do produtor, a coordenação da cadeia imposta pela Grande Distribuição leva à necessidade de maior produtividade, regularidade e pontualidade na entrega, o que faz com que os produtores menos capacitados, ou aqueles que não possam fornecer grandes quantidades com regularidade e qualidade, acabem saindo deste mercado. (BELIK e CHAIM, 1999 p.5).

No Cinturão Verde da RMSP a CAC centralizava a função de distribuição de mercadorias. A CAC realizava o transporte dos alimentos até o CEAGESP em São Paulo, Sorocaba e Campinas onde supermercadistas compravam-nas. Em Piedade havia alguns transportadores que compravam a produção agrícola (principalmente a cebola durante a segunda metade do séc.XX) e estes levavam as mercadorias até a CAC em Cotia e de lá a Cooperativa transportava-a até São Paulo e Campinas. As mercadorias para Sorocaba eram levadas diretamente de Piedade.

Na década de 1990 o fim da CAC criou espaço para a atuação de novos agentes e esta abertura do mercado que surgem novas categorias entre o produtor rural piedadense e consumidor final. Em Ibiúna e Piedade surgiram muitas cooperativas, de menor porte que a CAC, com menos cooperados, quantidades menores de produtos e menos capital rotativo.

¹⁹ Mix é o termo utilizado para o conjunto de mercadorias de FLV. Normalmente as empresas fornecedoras compram dos produtores um mix bastante diversificado.

6. A PRODUÇÃO EM PIEDADE

Para desvendar o funcionamento da produção agrícola de Piedade, além da bibliografia consultada, foram feitas entrevistas na Secretaria Municipal de Agricultura, na Casa do Agricultor, no comércio do município e, em menor quantidade, com agricultores em diversos bairros.

Com os resultados obtidos foi possível compreender a principal questão deste trabalho: quais são os canais de escoamento da produção agrícola de Piedade?

6.1. Os agentes na cadeia de distribuição

Após a pesquisa de campo constatou-se a participação de diversos agentes na cadeia de distribuição da produção agrícola piedadense, vejamo-nos.

1) Os pequenos produtores (PP): produtores rurais que não são capazes de realizar a comercialização da produção, portanto dependentes de outros agentes. Suas terras são próprias ou arrendadas (normalmente dos grandes produtores). O critério para qualificar um produtor como PP não é o tamanho da terra, nem a quantidade de mercadorias e nem a diversidade do mix. O fator principal é a impossibilidade deste de realizar o comércio diretamente com os transportadores. No geral estes produtores não possuem caminhões/caminhonetes que o possibilitem o transporte para os locais de transmissão da carga, portanto os PP são dependentes de outros agentes para a comercialização. Outro fator que os matem dependentes é o fato dos grandes produtores (GP) possuírem o contato com os transportadores. Quando o transportador/comerciante (TC) recebe a solicitação de um mix faz o contato com o GP ou com o empreiteiro (EM), estes se encarregam de conseguirem o mix, seja com sua própria produção ou completando-a com a produção de vários PP's.

Sobre o tamanho das terras das unidades agrícolas Piedade apresenta o predomínio de pequenas propriedades com até 10 hectares e entre 20 a 50 hectares e nenhuma propriedade com mais de 1.000 hectares (MOREIRA e HESPANHOL, 2009). Entretanto muitas destas unidades produtivas utilizam grande tecnologia, com grande quantidade de aplicação de capital produtivo.

Para não se cometer o erro de considerar a produção agrícola realizada em áreas pequenas adotou-se a função do produtor na divisão social do trabalho para esclarecer sua condição de produtor e comerciante na cadeia de FLV em Piedade.

2) Os grandes produtores (GP): o critério para qualificar o produtor como GP é o mesmo para o PP, não se trata da área plantada, quantidade ou diversidade da produção e sim seu papel na divisão social do trabalho. O GP possui condições de realizar a comercialização de sua produção. Este recebe o contato via telefone dos transportadores. São proprietários de suas terras (e das terras de muitos PP's também), possuem meios de

transportes de carga (caminhão ou caminhonete), compram a produção dos PP's e revendem-na aos TC's.

Muitos destes produtores alugam os box nos CEAGESP's São Paulo, Sorocaba e Campinas. A venda direta do produtor no box do CEAGESP não altera sua posição na divisão social do trabalho em relação ao PP. A venda direta no box trata-se de um canal direto, mas a forma que o GP completa o mix extraíndo a renda da terra do PP é a mesma. Outros comerciantes do CEAGESP compram as mercadorias através dos TC's.

3) As cooperativas (COOP): tem o papel de centralizar a comercialização dos PP's. Os transportadores entram em contato com as COOP's e negociam o mix, portanto a cooperativa se encarrega de realizar a produção do mix e o transporte para o local combinado com o TC.

4) Transportadores/comerciantes (TC): são caminhoneiros que fazem o transporte de Piedade para os mercados consumidores. Estes são moradores de Piedade ou do município comprador. O supermercado faz o contato com o TC, este entra em contato com o GP ou com o EM. Um destes dois últimos produzirá o mix comprando a produção de alguns PP's. Parte do mix o TC vende ao comerciante que encomendou a carga, outra parte é vendida a outros comerciantes na cidade, portanto o TC atua também como atacadista – em alguns casos como varejista como veremos mais a frente. Os TC's fazem o mesmo com o transporte para os comerciantes do CEAGESP.

5) Empreiteiros (EM): são como prestadores de serviço, somente recebem o contato dos supermercados e se encarregam de comprarem o mix dos PP's. A particularidade do EM é que este agente contrata trabalhadores volantes (TV) (diaristas) na cidade ou nos bairros rurais e leva-os aos PP's. O EM compra “a roça”: trata-se da produção agrícola ainda no solo, sem ser colhida. Os TV's, contratados pelo EM, realizam a colheita e encaixotam toda a produção. Em seguida transporta-a para o local combinado com o transportador.

6) O trabalhador volante (TV): são habitantes dos bairros rurais e da área urbana de Piedade. Estes trabalhadores são conhecidos dos EM's que todos os dias no fim da tarde, após ter recebido a solicitação de um ou mais mix para ser entregue no dia seguinte contrata o trabalhador para uma tarefa. No dia seguinte o EM encontra os TV's no local combinado, transporta-os para as produções agrícolas, colhem a “roça” e encaixotam a produção. Após a colheita o EM transporta os TV's de volta para o bairro, apenas um ou poucos TV's continuam trabalhando para a transferência da carga para o TC.

8) Comerciante atacadista (CA): é o comerciante que compra o mix do TC. O CA possui um comercio grande, muitas vezes aluga um box em um CEAGESP e contrata o TC somente para o transporte. O CA revende o mix para os comerciantes varejistas.

9) Comerciante varejista (CV): é o comerciante que revende a produção para o consumidor final. O CV pode comprar a mercadoria do CA ou diretamente do TC. Muitas

redes de supermercados possuem o Centro de Compras (CC) que organiza a logística das compras e distribuição do mix. Nestes casos o supermercadista compra o mix do TC. Em outros casos o próprio CA realiza o transporte, portanto atua como TC e CV.

10) Consumidor final (CF): é o consumidor. Indivíduo que compra a mercadoria fracionada para o consumo.

Observamos esta diversidade canais e agentes envolvidos entre os varejistas e o produtor rural. Esta cadeia está repleta de relações pré-capitalistas e diferentes rendas da terra. Antes de nos aprofundarmos nas relações entre os agentes veremos o funcionamento do Centro de Abastecimento de Piedade (CEABASP).

6.2. O CEABASP

Até o início da década de 1990 a produção agrícola de Piedade era repassada aos transportadores por toda a cidade. Alguns galpões eram usados para que os grandes produtores e empreiteiros transferissem a mercadoria para os transportadores. Era muito comum encontrarmos esta transferência em postos de gasolina, praças, pelas ruas e estacionamentos de supermercados. Somente em 1994 foi criado pela prefeitura de Piedade o Centro de Abastecimento de Piedade (CEABASP).

O CEABASP fica na Rua Bento Chavier, 50 no Bairro Paulas e Mendes, funciona todos os dias da semana das 6 as 23 horas. Oferece banheiros com chuveiros para os TC. Há 12 plataformas de embarque e desembarque e cinco box alugados pelos GP e EM (ver FIGURAS 05, 06, 07, 08 e 09).

FIGURA 05: PLATAFORMAS DE TRANSFERÊNCIAS DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 06: PLATAFORMAS DE TRANSFERÊNCIAS DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 07: PLATAFORMAS DE TRANSFERÊNCIAS DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 08: BOX PARA ESTOCAGEM DE MERCADORIAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 09: BOX PARA ESTOCAGEM DE MERCADORIAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

No CEABASP diariamente GP's e EM's descarregam as produções (próprias e de muitos PP's). Os TC's encostam os caminhões nas vagas onde a transferência da carga é realizada (ver FIGURA 10).

FIGURA 10: TRANSFERÊNCIA DE CARGAS NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

A criação do CEABASP foi no início da década de 1990, mesmo período que a cebolicultura entrou em crise e a policultura cresceu. Anteriormente ao CEABASP os PP's vendiam suas produções para os GP's ou para os EM's. Quando houve a mudança da demanda de cebola para policultura, muitos PP's não se adaptaram e abandonaram as atividades agrícolas. Os que se adaptaram às demandas passaram a vender a produção para os GP's ou para os EM's. Estes começaram a utilizar o CEABASP para a transferência que era feita espalhada pela cidade.

Observa-se atualmente, principalmente na Rodovia Bunjiro Nakao que liga Piedade a Ibiúna e é a saída do município em direção a RMSP, muitos GP's e EM realizando a transferência da mercadoria nos canteiros da rodovia. Isso é feito, pois os transportadores que chegam ao município por este caminho não necessitam ir até a área urbana, economizando até 30 km de estrada por viagem. Esta atividade é reprovada pelo poder

público municipal e pela polícia rodoviária, pois não são raros os acidentes causados por estas transferências.

O mesmo não ocorre na rodovia Raimundo Antonio Soares que liga Piedade para Sorocaba, na região à noroeste do município há uma menor concentração de produtores. Os caminhões que provem de diversas regiões do estado acessam Piedade por esta estrada e, portanto, dirigem-se para o CEABASP.

A saída de Piedade para o sul possui muitos produtores, entretanto ao sul do município é o Vale do Rio Ribeira do Iguape, região menos povoada do estado de São Paulo e de menor demanda por alimentos. Portanto não foi registrado nenhum comprador desta região do estado em Piedade. Todos os produtores piedadense ao sul da área urbana fazem a transferência no CEABASP e dependem dos EM's ou dos GP's para o transporte até o local.

6.3. O funcionamento da distribuição piedadense

Organizamos a cadeia de comercialização de FLV em Piedade em 10 esquemas. Na cadeia estão apresentados os seguintes agentes: pequenos produtores (PP), grandes produtores (GP), empreiteiros (EM), trabalhadores volante (TV), cooperativas (COOP), transportadores comerciantes (TC), comerciantes atacadistas (CA), comerciantes varejistas (CV) e consumidor final (CF).

O processo inicia-se com os contatos via telefone entre os agentes realizando a compra, combinando pagamento e datas de entregas. Em seguida há as colheitas (realizadas não somente por agricultor). Posteriormente ocorrem as distribuições que é o momento da transferência da mercadoria para os transportadores que levam a produção de Piedade para os centros consumidores. Nas cidades consumidoras há a comercialização das mercadorias.

Em todos os esquemas apresentados dividimos a cadeia em dois estágios. O 1º estágio acontece em Piedade, se inicia com o plantio e se encerra com a transferência das mercadorias para o transportador que levará a mercadoria para o município consumidor. O 2º estágio trata-se das comercializações ocorridas no município entre TC, CA, CV e CF.

O GP recebe o telefone de pedido de um mix. Quando o GP não possui o mix completo imediatamente liga para alguns PP's. Normalmente o GP possui terras arrendadas para PP's que dependem do GP para comercializar a produção. Muitos destes produtores negociam o uso da terra no sistema de meação. Toda a produção do PP é fornecida ao GP mas o GP paga ao PP somente a metade, pois a outra metade é o pagamento pelo uso da terra, é a renda da terra pré capitalista paga em mercadoria.

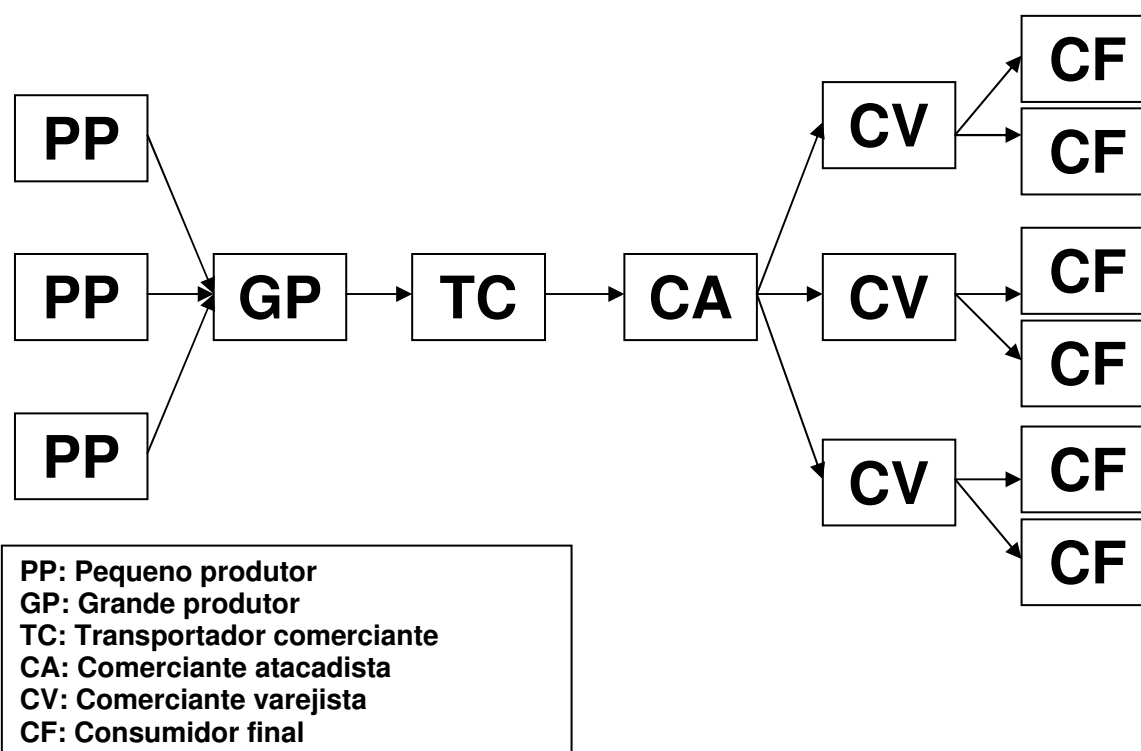
A diferença entre os esquemas 01GP, 02GP e 03GP está no 2º estágio, ou seja, quem faz a compra do GP e a comercialização da mercadoria no município consumidor. Nos

esquemas 01GP, 02GP e 03GP quem vende para o TC é o GP, a diferença entre estes três esquemas está na distribuição a partir do TC para o CA, CV ou diretamente para o CF.

Esquema 01GP: transportador - atacadista - varejista

O CV liga para o TC e solicita o mix; o TC liga para o GP; o GP liga para os PP's para solicitar as partes do mix para compor o mix completo e é agendado um horário para a retirada da produção com cada PP. No dia seguinte o GP passa pelas produções dos PP's e recolhe as mercadorias formando o mix. A colheita começa antes do dia clarear, entorno das cinco horas da manhã. Ainda no período da manhã o GP transporta a carga para o local combinado com o TC (no CEABASP ou na rodovia Bunjiro Nakao). No local combinado ocorre a transferência das mercadorias para o caminhão do TC. Durante a tarde o caminhoneiro transporta o mix para o município consumidor onde ocorrerá o segundo estágio. No esquema abaixo está apresentada o esquema 01GP que apresenta os canais de distribuição da mercadoria saindo do PP até o CF.

FIGURA 11: ESQUEMA 01GP: TRANSPORTADOR - ATACADISTA - VAREJISTA.



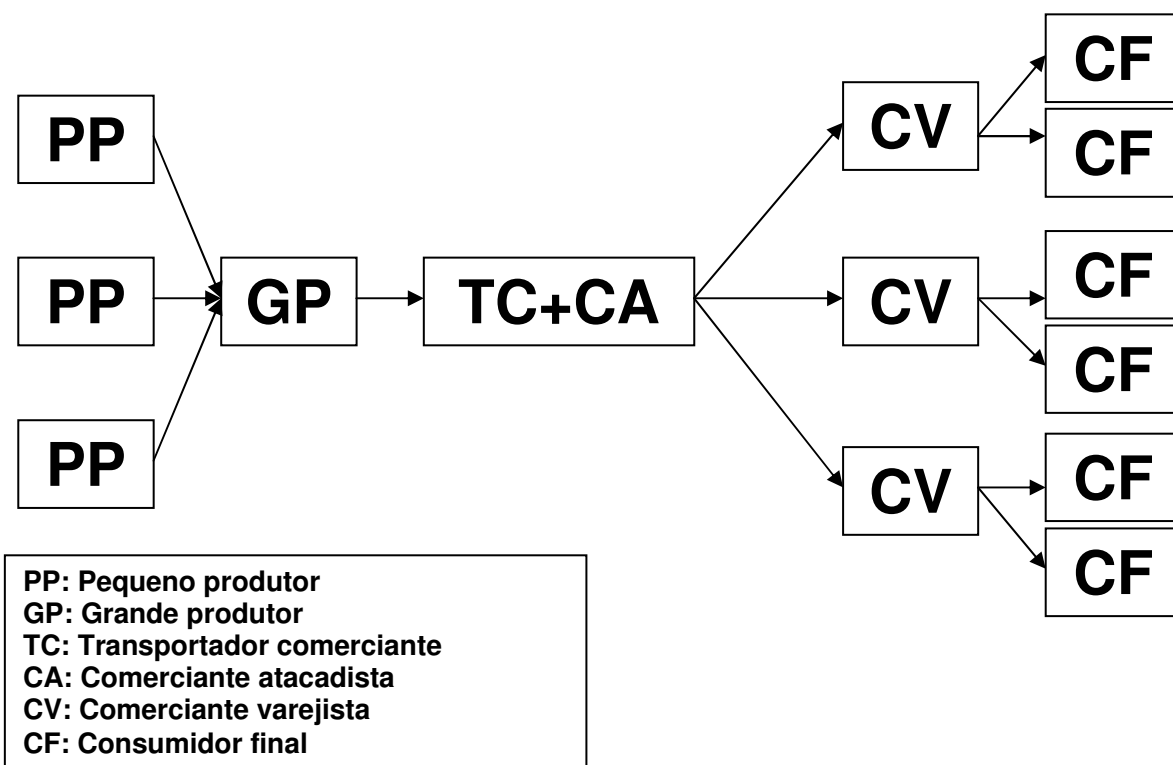
FERNANDES, 2011.

O TC leva o mix para o CA. Ocorre muitas vezes também do TC vender parte da carga para outros CA's. Por fim o CA vende para os CV que por sua vez vendem para o CF.

Esquema 02GP: transportador - varejista

No esquema 02GP o 1º estágio é idêntico ao esquema 01GP: o GP constrói o mix com a produção dos PP's e vende para o TC. A diferença do esquema 02GP para o esquema 01GP é que o TC faz o papel de CA. Estes TC's possuem lojas de atacado nos municípios, portanto o TC é CA ao mesmo tempo.

FIGURA 12: ESQUEMA 02GP: TRANSPORTADOR - VAREJISTA.

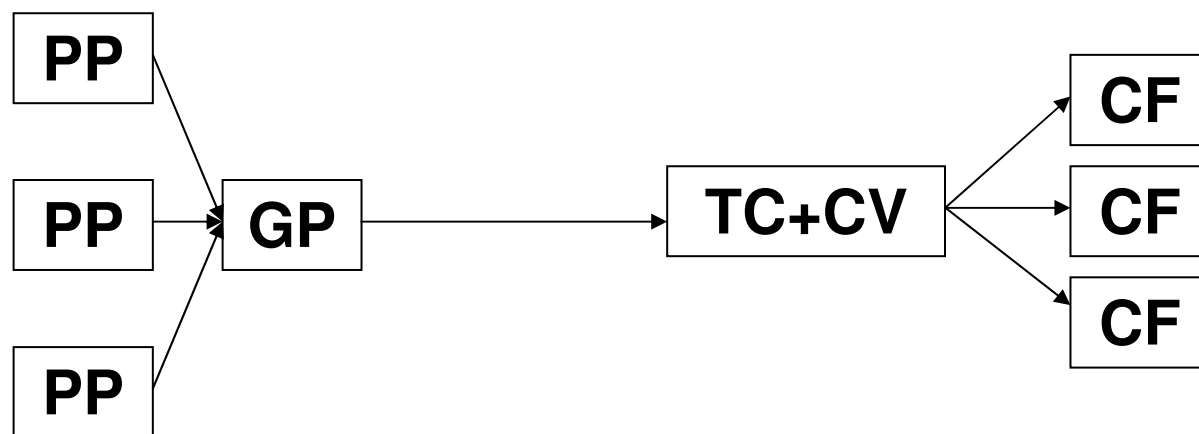


FERNANDES, 2011.

Esquema03GP: transportador – consumidor final.

No esquema 03GP o 1º estágio é idêntico ao esquema 01GP e 02GP, a diferença do esquema 03GP é que o TC faz o papel de CV. Os TC's possuem lojas conhecidas em algumas cidades como “verdurões”, “quitandas” ou mesmo supermercados. São lojas que possuem grande movimento de mercadorias, portanto organizam a compra do mix exclusivo para sua loja. Então o transportador é TC e CV neste esquema.

FIGURA 13: ESQUEMA 03GP: TRANSPORTADOR – CONSUMIDOR FINAL.



PP: Pequeno produtor
 GP: Grande produtor
 TC: Transportador comerciante
 CA: Comerciante atacadista
 CV: Comerciante varejista
 CF: Consumidor final

FERNANDES, 2011.

Resumindo as diferenças ente os esquemas anteriores:

Na produção o GP forma o mix através dos PP's nos três esquemas.

No esquema 01GP o TC vende para o CA, que vende para o CV e este ultimo vende para o CF.

No esquema 02GP não existe o CA, o próprio TC é o CA. O TC/CA vende para os CV e este ultimo vende para o CF.

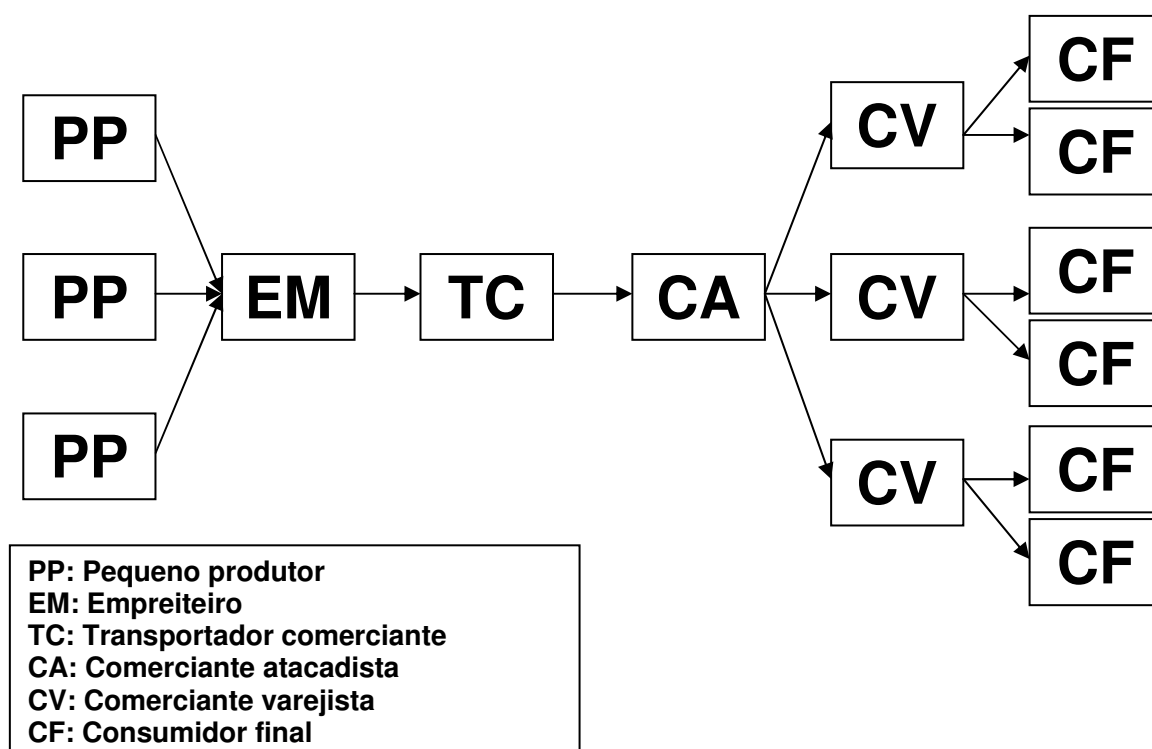
No esquema 03GP não existe o CA, o TC é também o CV, portanto o TC/CV compra do GP e revende para o CF.

Esquema 01EM: transportador – atacadista - varejista

Os esquemas 01EM, 02EM e 03EM são diferentes dos três esquemas anteriores somente no 1º estágio. A mudança está na produção e na colheita da mercadoria em Piedade. A transferência da produção e a comercialização entre TC, CA, CV e CF não se altera, o que muda nos esquemas 01EM, 02EM, 03EM é a não participação do GP e sim a do EM.

Em um dia o TC liga para o EM e solicita o mix. O EM entra em contato com os TV's para fazerem a colheita e distribuição das mercadorias. No outro dia por volta das cinco horas da manhã o EM leva os TV's para as produções dos PP's. O PP vende a "roça" para o EM. Os TV's fazem a colheita e o transporte para o local combinado pelo EM com o TC onde é feita a transferência. Depois que a mercadoria é passada para o TC a distribuição é feita igual aos esquemas 01GP. Neste esquema o valor que o PP vende a produção para o EM é menor que o valor vendido para o GP, pois o PP se isenta de realizar a colheita ficando disponível para realizar outra tarefa em outra cultura. Porém no esquema 02EM ele fica com todo o lucro da colheita, nos esquemas 01GP, 02GP e 03GP o PP paga parcela do seu lucro como renda da terra (normalmente a metade, é a meação). O EM paga valor menor pela produção do PP mas necessita pagar a mão-de-obra do TV.

FIGURA 14: ESQUEMA 01EM: TRANSPORTADOR – ATACADISTA – VAREJISTA.

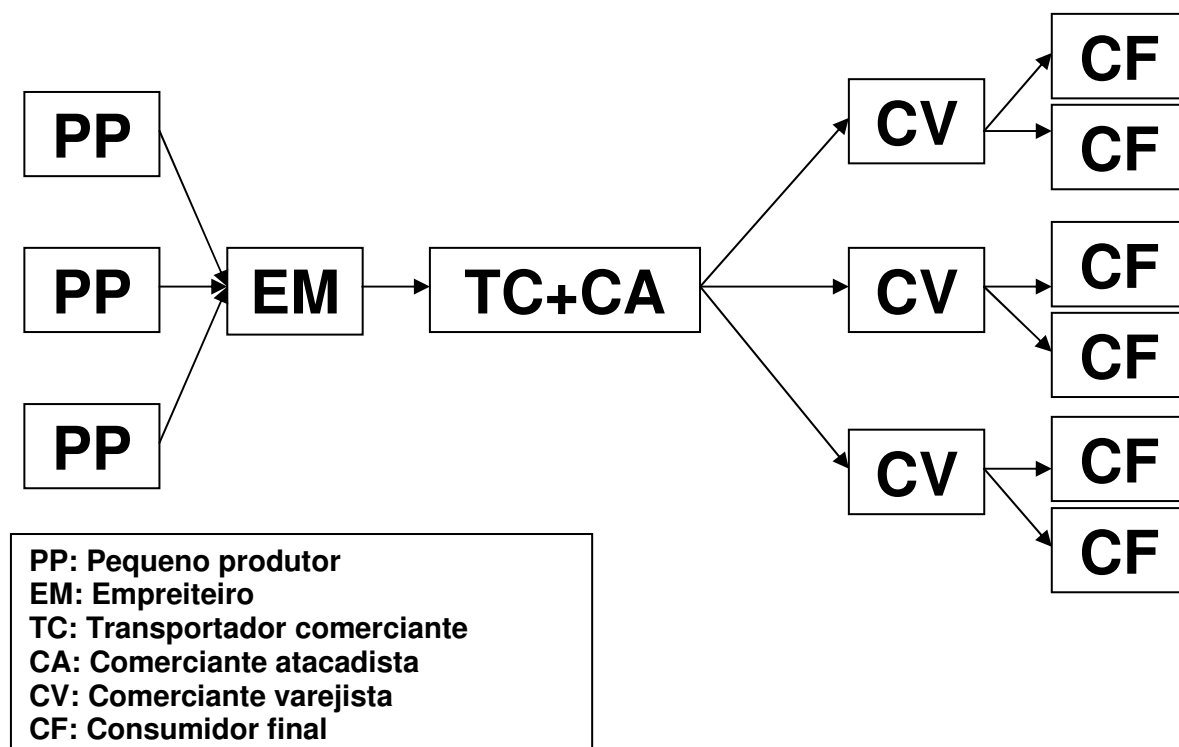


FERNANDES, 2011.

Esquema 02EM: transportador - varejista

Neste esquema o EM recebe a ligação do TC, alicia os TV's nos bairros rurais em um dia. No dia seguinte transporta os TV's para as produções, fazem a colheita e leva-a para o local de transferência para o TC. Neste esquema o TC é também o CA e vende a produção para os CV que por sua vez revende para o CF.

FIGURA 15: ESQUEMA 02EM: TRANSPORTADOR - VAREJISTA.

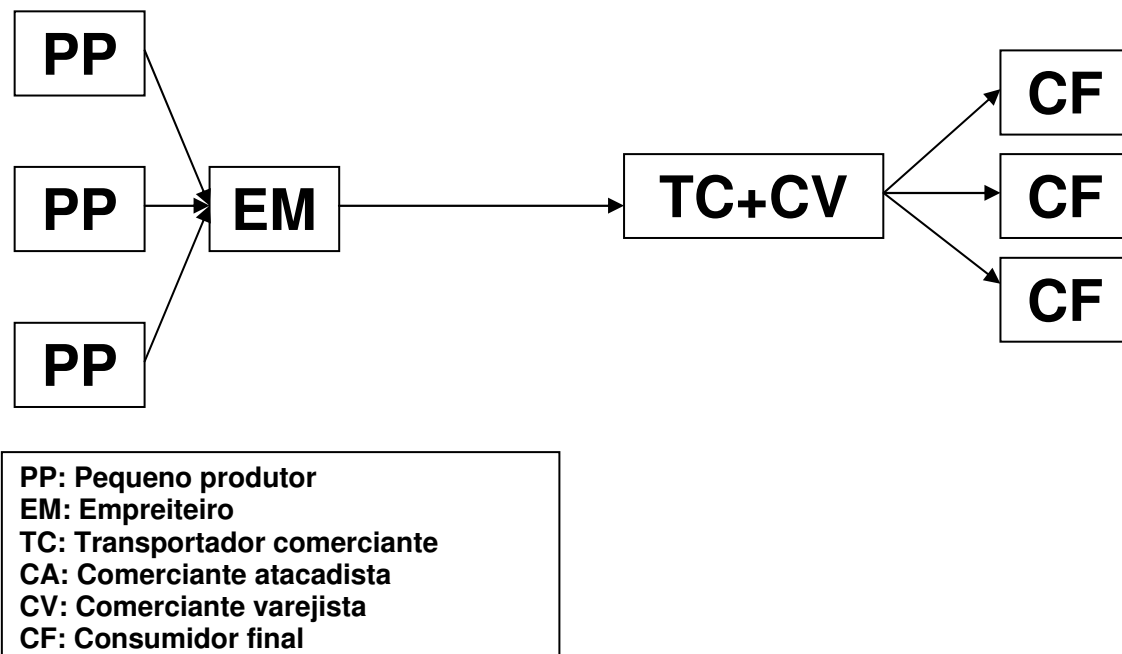


FERNANDES, 2011.

Esquema 03EM: transportador – consumidor final.

No esquema 03EM o EM recebe a ligação do TC, alicia os TV's nos bairros rurais em um dia. No dia seguinte transporta os TV's para as produções, fazem a colheita e leva-a para o local de transferência. Não existe o CA, o TC atua diretamente como CV vendendo para o CF.

FIGURA 16: ESQUEMA 03EM: TRANSPORTADOR – CONSUMIDOR FINAL.

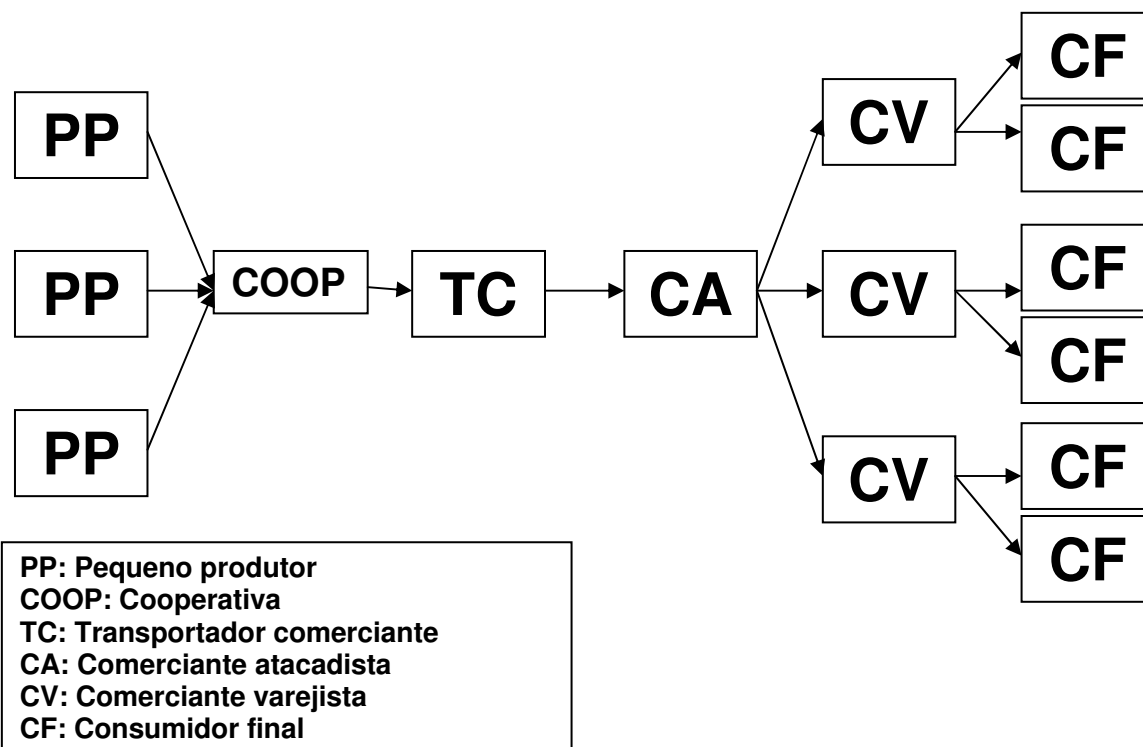


FERNANDES, 2011.

Esquema 01COOP: transportador – atacadista - varejista

No esquema 01COOP o TC não solicita o mix para o GP nem para o EM, faz o telefonema solicitando o mix para uma cooperativa (COOP). A COOP liga para os cooperados agendando a retirada da produção no dia seguinte. Um carro da COOP retira a produção e leva o mix para o local combinado com o TC. Após o TC carregar o mix o restante da cadeia é idêntico aos esquemas 01GP e 01EM: o TC vende para CA, CA vende para CV que vende para o CF.

FIGURA 17: ESQUEMA 01COOP: TRANSPORTADOR – ATACADISTA – VAREJISTA.

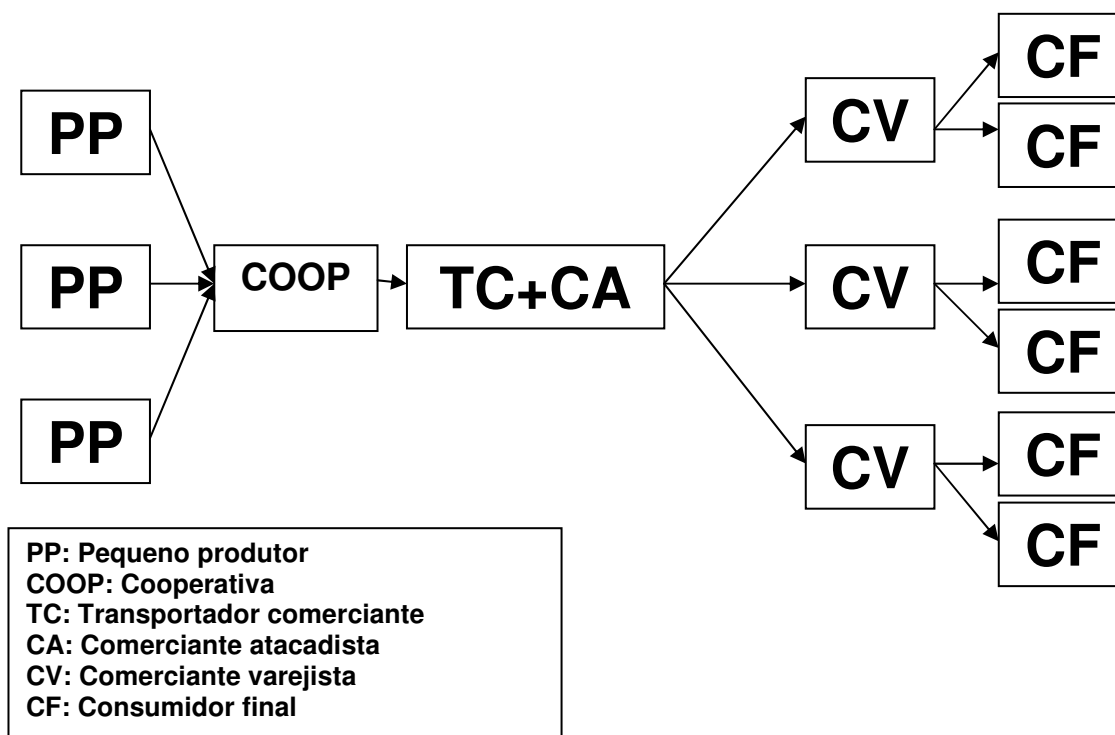


FERNANDES, 2011.

Esquema 02COOP: transportador - varejista

Este esquema é parecido com o 01GP e 01EM: não há CA, o TC compra o mix e revende diretamente para o CV que revende para o CF. A diferença do 01COOP para o 02COOP é que no 02COOP quem vende o mix para o TC é a COOP que recolhe a produção dos cooperados (PP's). A COOP recolhe a produção dos PP's, leva o mix para o local combinado e vende para o TC.

FIGURA 18: ESQUEMA 02COOP: TRANSPORTADOR - VAREJISTA.

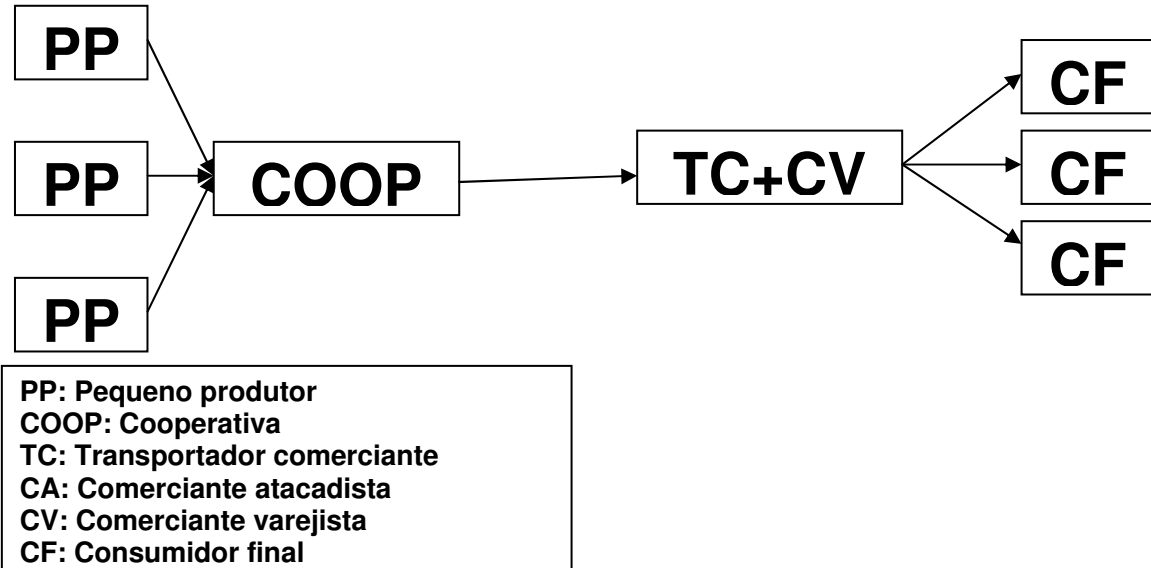


FERNANDES, 2011.

Esquema 03COOP: transportador – consumidor final

O esquema 03COOP se assemelha ao 03GP e 03EM: não há CA e nem CV, o TC atua também como CV e revende o mix para o CF diretamente. A COOP recolhe a produção dos cooperados (PP's), leva o mix para o local combinado e vende para o TC/CV.

FIGURA 19: ESQUEMA 03COOP: TRANSPORTADOR – CONSUMIDOR FINAL.

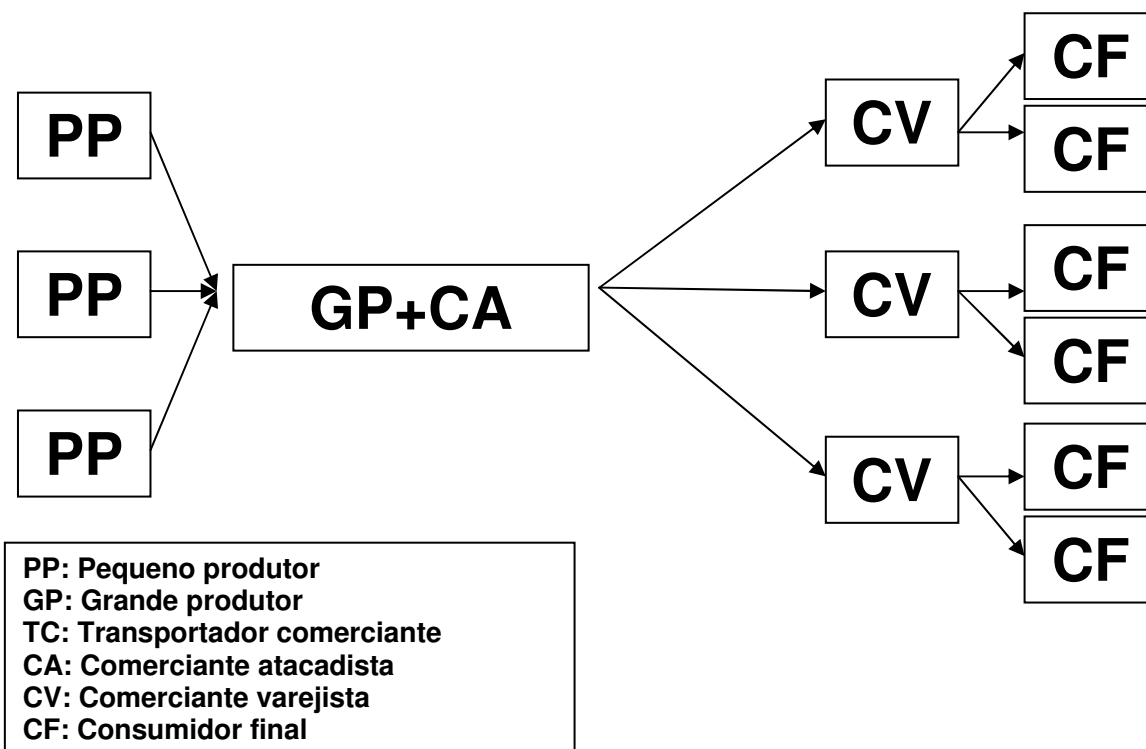


FERNANDES, 2011.

Esquema GP - varejista

Este esquema é o que há menos agentes envolvidos. O GP aluga o box nos CEAGESP's em São Paulo ou em Sorocaba. O GP constrói o mix com a produção de alguns PP's, recolhe a produção no começo da manhã e leva a produção para um CEAGESP. Não há TC e CA, o próprio GP é TC e CA. Os CV compram no CEAGESP e revendem para o CF.

FIGURA 20: ESQUEMA GP – VAREJISTA.



FERNANDES, 2011.

6.3.1. Os contatos

Quando o supermercado precisa do mix utiliza sua Central de Compra (CC) para entrar em contato com um TC e este último liga para o EM, ou para o GP ou para uma COOP solicitando o mix conforme o pedido da CC. Os supermercados que têm transportadores fazem contatos diretamente com os empreiteiros e com grandes produtores através da CC, neste caso os utilizam seus próprios caminhoneiros.

Quando o EM recebe a ligação necessita imediatamente ir até os locais de encontro dos trabalhadores para recrutar o TV. Os EM's são normalmente pessoas de destaque nos bairros. Muitos possuem pequenos comércios, são velhos moradores dos bairros rurais, muitos são representantes religiosos, participam dos cultos e são conhecidos também por isso. Assim dentro das comunidades conseguem contatos e conseguem saber sempre quem está necessitando de trabalho.

O EM recruta a mão-de-obra e também faz contato com os PP's. Como o EM possui este conhecimento do bairro e da região sabe quem são os PP's, possui os contatos e sabe também o que os PP's têm plantado. Ele liga e negocia a colheita da "roça" para a manhã do dia seguinte (horário marcado com os TV's). O EM transporta os TV's até a "roça", colhe os produtos, encaixota a mercadoria e leva-a para o local combinado com o TC, normalmente o CEABASP ou algum ponto na rodovia Bunjiro Nakao.

Quando o CA ou CV liga para o GP, o GP faz o procedimento semelhante que o EM: entre em contato com os pequenos e constrói o mix. A diferença é que o GP não faz a colheita, não recruta TV's, deixa tudo nas mãos do PP. Na maioria das vezes o PP arrenda a terra do GP, portanto parcela da mercadoria concedida é negociada anteriormente como forma de pagamento que o PP faz para o GP pelo uso da terra, ou seja, é a renda da terra em mercadoria.

6.3.2. A colheita

A colheita de alguns produtos é feita a noite para poder ser lavado e encaixotado. A grande maioria dos produtos é colhida bem cedo, começa por volta das quatro ou cinco horas da manhã. Quando o PP faz a colheita ele não pode combinar a venda de muitas mercadorias para o mesmo dia. Quando recebe a ligação do comprador (seja EM, GP ou COOP) ele imagina a quantidade de mão-de-obra necessária (na maioria das vezes familiar), calcula a dificuldade e quantidade de mercadorias a ser colhida e combina a hora da venda. Sendo assim na parte da manhã é feita a colheita, no fim da manhã e de tarde são feitas as transferências. Os produtores utilizam a parte da tarde no trabalho/preparo das culturas em suas terras.

O EM quando recebem pedidos precisam estimar a mão-de-obra e a composição de cada mix. Muitas vezes organizam várias tarefas na parte da manhã, transporta os TV's e

apenas fiscaliza o trabalho em várias unidades produtivas ao meso tempo (ver imagem 14). Horas depois começa o transporte para o ponto combinado.

O GP quando recebe a ligação entra em contato com os PP's e marcam a hora para a retirada das mercadorias. Neste caso fazem a busca pelos sítios e os PP's são responsáveis pela colheita e por encaixotar a produção. Por fim toda a produção é levada para o local combinado (CEABASP ou rodovias) (ver FIGURA 21).

FIGURA 21: TRANSFERÊNCIA DE CARGA NO CEABASP, PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

6.3.3. A transferência

No CEABASP por volta da 7 horas começam a chegar os TC, EM e GP. Mas é por volta das 10 horas que começa o movimento maior, pois antes das 10 horas ainda estão havendo as colheitas. Somente após 10 horas o movimento no CEABASP aumenta. EM's e GP's encostam os caminhões na plataforma e descarregam. Em seguida os TC encostam os caminhões e transferem as mercadorias (ver FIGURA 22).

FIGURA 22: TRANSFERÊNCIA DE CARGA NO CEABASP, PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

Os fornecedores (GP e EM) utilizam caminhões menores e os TC utilizam de caminhões grandes e carretas (ver FIGURA 23 e 24). Muitas vezes o TC não utiliza as plataformas de transferência e se posicionam ao lado da infra-estrutura, os caminhões menores se aproximam e ocorre a transferência (ver FIGURA 25).

FIGURA 23: CAMINHÕES PEQUENOS E CARROS UTILIZADOS PELOS FORNECEDORES NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 24: CAMINHÕES PEQUENOS UTILIZADOS PELOS FORNECEDORES NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011



FONTE: FERNANDES, 2011.

FIGURA 25: CAMINHÕES GRANDES RECEBEM MERCADORIA FORA DA PLATAFORMA NO CEABASP EM PIEDADE (SP), 2011.



FONTE: FERNANDES, 2011.

Durante o dia muitos TC's ao receberem o mix solicitado não vão embora imediatamente, ficam no CEABASP para comprar outras mercadorias para revendê-las em seus municípios. GP e EM levam quantidades maiores de mercadorias para o CEABASP para vender para TC's que ficam esperando mais carga.

O movimento no CEABASP diminui no fim do dia, mas ainda são realizadas transferência de mercadorias até as 23 horas. Os TC são parte de Piedade e outra parte dos municípios consumidores. As cargas vão para as maiores cidades do estado. Os TC's vêm de lugares distantes do estado de São Paulo porque fazem a compra do mix completo (algumas vezes compram parte do mix em Piedade e parte no município vizinho Ibiúna). Compram destes municípios pois ficaria mais trabalhoso e mais caro percorrer muitos municípios para adquirir todo o mix, pois não há na região de suas cidades locais com policultura diversificada que tenha o mix completo.²⁰

Na rodovia Bunjiro Nakao a transferência ocorre durante o dia todo. Nesta rodovia os comerciantes são TC provenientes da cidade de São Paulo, fizeram uma viagem curta, aproximadamente de uma hora de duração, portanto conseguem precisão no local marcado. Nestas transferências o TC não fica um tempo extra no local, pois não haverá outros GP ou EM que venderão seus excedentes como no CEABASP. O fornecedor e o TC encostam e esperam a chegada um do outro.

²⁰ Informações obtidas e confirmadas por todos os TC's entrevistados durante a pesquisa.

Não foi feita estatística do destino das mercadorias, entretanto as entrevistas demonstraram que cidades pequenas não buscam mercadorias em Piedade. Ocorre das maiores cidades do estado de São Paulo, que possuem centralidade regional comprarem o mix em Piedade e os CV e CA dos municípios ao redor compram do CA que compra de Piedade. Vejamos o exemplo da região da cidade de Piracicaba: muitos TC's levam cargas para o CEAGESP Piracicaba todos os dias. Os CA's de Piracicaba compram as mercadorias no CEAGESP e distribuem pelo município. CA e CV dos municípios do entorno de Piracicaba compram no CEAGESP em Piracicaba e distribuem pela região. Há também redes de supermercado como o Supermercado Enxuto de Piracicaba por exemplo, que constantemente compra o mix em Piedade, sendo assim o Enxuto atua como TC/CA.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança no modo de produção capitalista na nova ordem mundial através da expansão do neoliberalismo fez com muitos países da periferia do sistema se prejudicassem na tentativa de se reestruturarem para adaptar-se ao novo quadro capitalista. A crise iniciada na década de 1970 afetou o Brasil gradativamente até na década de 1990 o Estado adotar o neoliberalismo permitindo a atuação de empresas privadas em diversos setores, inclusive na produção, no beneficiamento e na distribuição de alimentos.

Milton Santos explica os dois circuitos da economia capitalista como sendo os dois circuitos da economia urbana, trata dos dois circuitos como sendo economia urbana. O circuito superior atinge grandes distâncias, conecta através do fluxo de informações, capital e mercadorias, milhares de pessoas e lugares distantes, portanto com grande capacidade de organização do espaço. O circuito inferior da economia urbana envolve poucas pessoas em cada processo, mesmo havendo milhares de pessoas dedicadas a este tipo de atividades nas cidades cada segmento envolve poucas pessoas e baixa quantidade de capital. Por fim o circuito inferior são atividades locais, não se conectam com áreas distantes da cidade que ocorrem, quando esta conexão ocorre é através da conexão do circuito inferior com o circuito superior e este último se encarrega das atividades de longa distância.

A conexão entre a produção piedadense e a área urbana, seja através da distribuição campo-cidade no fornecimento de alimentos, ou no fornecimento cidade-campo de tecnologias, máquinas e insumos em geral, ocorre através do circuito superior. São grandes empresas que realizam a relação campo-cidade em Piedade. O grande produtor (GP), os transportadores/comerciantes (TC) e comerciantes atacadistas e varejistas (CA e CV) são participantes do circuito superior e TC, CA e CV são agentes participantes do circuito superior da economia urbana atuantes nas cidades. Estes agentes utilizam tecnologia, realizam as vendas em relações formais e conectam áreas distantes. Este segmento do circuito superior se conecta com o circuito inferior quando o CV compra as mercadorias e as revende aos consumidores finais (CF). Os dois circuitos não se opõem, eles se completam. No caso da comercialização de alimentos exposta neste trabalho o circuito superior fornece para o circuito inferior da economia urbana.

Neste estudo não foi feito o levantamento do funcionamento do abastecimento das cidades nem como funciona o comércio atacadista e varejista. Apenas foi estudado como os transportadores distribuem as mercadorias para estes segmentos. Entretanto de acordo com as informações fornecidas pelos TC, constatou-se que o mix é vendido tanto para grandes comerciantes como para pequenos comerciantes, participantes dos dois circuitos da economia urbana. Por fim a produção piedadense atinge os mercados dos dois circuitos no estado de São Paulo.

Constatou-se também que as maiores cidades do estado de São Paulo compram alimentos de diversas localidades. Estas cidades, cidades regionais, fornecem para as cidades menores ao seu redor. Na distribuição de FLV a cidade de São Paulo através do CEAGESP ainda exerce centralidade, mas o que se observa nos últimos anos são os CV's e CA's se organizando e buscando as mercadorias diretamente no centro produtor, neste caso Piedade sem necessitar passar por São Paulo para conseguirem o mix. Os comerciantes adquirem o mix na região produtora.

Não se pretende criar uma nova categoria que poderia denominar-se “os dois circuitos da economia rural”, nem tampouco utilizar das teorias de Milton Santos como modelo para compreender as relações no meio rural. No entendimento do circuito superior foi fundamental a teoria do circuito superior da economia urbana, pois é este circuito que realiza a distribuição de FLV de Piedade devido a participação de grupos capitalistas na distribuição e comercialização. Entretanto o circuito inferior rural apenas se assemelha em alguns aspectos ao circuito inferior da economia urbana, pois a produção agropecuária que não participa do circuito superior da economia é repleta de particularidades, inclusive da existência de relações pré-capitalistas, particularidades diferentes do circuito inferior da economia urbana.

No circuito superior há o uso de tecnologia, grandes quantidades de capital, as relações de compra e venda são formais, há grande quantidade de itens vendidos e a atuação deste circuito conecta espaços distantes, inclusive com o exterior do país. No circuito inferior no meio rural em Piedade as relações são informais, não há grande uso de tecnologia e a conexão dos envolvidos no circuito inferior depende do circuito superior para atingir áreas e mercados distantes. Em Piedade o circuito superior, através do TC, se encarrega de distribuir o mix aos CA e CV. O PP está fora do circuito superior mas se conecta a ele, é neste ponto que se assemelha ao circuito inferior da economia urbana. Trata-se de um circuito produtivo fora do circuito superior que envolve indivíduos sem capital para produzirem no circuito superior, realizam suas produções sem as tecnologias e sem a formalidade do circuito superior, propicia a milhares de pessoas condições de subsistência e cria a oferta de mercadorias para as classes com menor poder aquisitivo utilizando de relações informais. Portanto no meio rural o circuito superior se conecta através da relação campo-cidade, mas o circuito inferior é diferente, inclusive com relações pré-capitalistas.

No capitalismo o recurso produtivo é o capital, é este recurso que se acumula, é ele que é convertido em mais capital, aplicasse capital para se gerar capital. O acúmulo de capital propicia a ascensão social, possibilita ao indivíduo maior consumo e participação em outra classe social. No circuito inferior da economia urbana os produtores são desprovidos de capital, são incapazes de se inserirem no circuito superior, o pouco capital circulante limita o produtor apenas à subsistência. No meio rural de Piedade esta condição de

incapacidade ocorre devido a parcela dos produtores serem desprovidos de capital e de terras e se sujeitarem a arrendar terras em relações pré capitalistas.

No meio urbano o indivíduo sem capital se insere no circuito inferior na prestação de serviços que não exijam qualificação, ou, quando é capaz, produz determinada mercadoria de menor qualidade. No meio rural em Piedade a grande demanda por serviços são as atividades agrícolas. O GP para se livrar do compromisso com a produção arrenda a terra ao indivíduo desprovido de capital e de terra criando o PP. No modo de produção feudal o recurso produtivo é a terra, o acúmulo de terra propicia poder e ascensão social. Não se trata em afirmar que em Piedade há feudalismo atualmente. Trata-se de demonstrar a função social que a terra exerce no meio rural, é o recurso produtivo. Trata-se de um entrave no desenvolvimento do modo de produção capitalista e na existência de relações pré-capitalistas, de resquícios de outro modo de produção, ou seja, na transição do feudalismo para o capitalismo.

O detentor de terras não cria a reprodução, não realiza agricultura, não paga salários e retira a renda da terra, assim não propicia o desenvolvimento das forças produtivas. O detentor de terra apenas as conserva em seu poder e utiliza dos desprovidos para extrair a renda da terra.

Em Piedade o PP produz na terra de propriedade do GP, o PP é incumbido de conseguir as mudas, ferramentas, contratar mão-de-obra, se sujeita às flutuações climáticas, etc., o PP está sujeito a todos os intempéris das atividades agrícolas. O GP se isenta destas preocupações, pois todo o rendimento do PP será dividido com o GP no momento da venda da produção.

O PP paga a renda da terra em espécie e não observa o capital passando por suas mãos para que possa ser convertido em melhorias técnicas, desenvolvimento de sua produção, nem tampouco acúmulo para a aquisição de sua terra própria. Apenas parcela, normalmente a metade através da meação, passa por seu domínio, a outra metade é canalizada para o GP.

Piedade surgiu ligada ao mercado com uma agricultura dinâmica. A estrutura de poder e forma de acesso aos recursos produtivos criaram relações pré-capitalistas durante sua formação. O Brasil passou por grande desenvolvimento e Piedade está na margem da região industrial atendendo às demandas urbanas por alimentos.

A formação do município criou condições do desenvolvimento das forças produtivas que ocorreram até o fim da década de 1980. O Brasil esteve crescendo com grande participação do Estado neste período e as transformações na formação sócio-espacial brasileira estavam cada vez mais interligadas, assim como o mercado interno estava crescente e Piedade se inseria neste processo na divisão espacial do trabalho através do abastecimento de alimentos.

Mesmo com grande dinamismo e integração do campo piedadense aos mercados urbanos, o campo manteve relações pré-capitalistas. O excedente da mão-de-obra agrícola não detentora de recursos produtivos necessitava se curvar aos detentores. Os donos de terras, através de relações de trabalho e de extração da renda da terra utilizando os arrendatários, conseguiam auferir grandes lucros, pois sua produção estava sendo levada a muitos lugares do país até a década de 1980. É no início da década de 1990 o desenvolvimento brasileiro foi afetado e as transformações no meio rural piedadense evidenciam isso.

O crescimento do capitalismo liberta o homem das estruturas feudais, oferece oportunidades de trabalho na cidade o que acaba com o excedente de mão-de-obra. Com menos mão-de-obra no campo o proprietário necessita oferecer melhores condições aos contratados que não dispõe do recurso produtivo (terra e capital). A agricultura se transforma na agricultura capitalista quando passa a converter os excedentes em melhorias produtivas e utilizar do capital para reprodução deste. Sendo assim essas melhorias também libertam mão-de-obra, consomem manufaturados da cidade e cria o desenvolvimento nacional.

Piedade observava este processo até quando as forças produtivas, no campo e na cidade, foram prejudicadas pela adoção do neoliberalismo no Brasil. Esta mudança alterou drasticamente a formação sócio-espacial para um quadro diferente do que vínhamos acompanhando por décadas no município. Produtores rurais estavam cada vez mais modernizando suas produções e seus meios de comunicação para fazer contato com as demandas. Mas a abertura do mercado para a cebola argentina no início da década de 1990 continuou a libertar a mão-de-obra do campo, mas não devido às melhorias técnicas e às demandas urbanas por emprego, mas sim por prejudicar drasticamente a produção agrícola municipal.

O desenvolvimento das forças produtivas em Piedade foi afetado. Produtores tiveram que migrar para a cidade e mudar de segmento, mudando seus costumes, técnicas, etc. A integração nacional foi desfeita e se observou a fragmentação espacial e reestruturação das atividades econômicas brasileiras, portanto a formação sócio-espacial brasileira, que vinha se formando e integrando desde o governo de Getúlio Vargas, foi novamente fragmentada junto com o abalo no desenvolvimento brasileiro.

Nos bairros rurais em Piedade houve grande mudança produtiva. Com maior oferta que demanda por mão-de-obra no campo os GP puderam continuar usurpando dos despossuídos de recursos produtivos mantendo relações pré-capitalistas. PP's que deixaram a cebola e se mantiveram no campo através de novas culturas continuaram dependentes dos GP's e dos EM's para fazer a distribuição. A participação das redes de supermercado na distribuição da produção fez com que GP's e EM's que possuíam os

contatos dos compradores centralizassem a distribuição das mercadorias, mantendo os PP's seus dependentes.

Nos bairros rurais os trabalhadores dedicam-se principalmente às atividades agrícolas e às obras na construção civil devido ao crescente número de casas de campo nas terras que vão sendo abandonadas por produtores. Esta população trabalhadora rural está distante dos centros urbanos (Votorantim e Sorocaba estão a mais de 30 km), portanto são dependentes destas oportunidades de trabalho, na área urbana parte da população trabalha na produção agrícola e outra parcela dedica-se ao setor de serviços.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A HISTÓRIA da Cooperativa Agrícola de Cotia. 1957. Autor desconhecido.

ANDERSON, Perry. Balanço do NeoLiberalismo. *In: Pós-Neoliberalismo.* SADER, Emir; GENTILLI, Pablo (org), 5ª Edição, Editora Paz e Terra. 1996.

ANTONIO FILHO, F. D. **Velhos caminhos da Serra da Bocaina: tropeiros e cafezais.** Rio Claro: IGCE/UNESP – Pós-Graduação Geografia, 2010.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: mai.2011.

BROIETTI, M. H.; MEDEIROS, M. C. e SAMPAIO, F. S. Dinâmica Capitalista na Agricultura brasileira: acumulação e relações de trabalho. **CADERNOS GEOGRÁFICOS**, n.11 (maio de 2005). Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005.

BELIK, W. e CHAIM, A. Formas Híbridas de Coordenação na Distribuição de Frutas , Legumes e Verduras no Brasil. *In: Revista Cadernos de Debate, uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação - UNICAMP.* Vol. VII / 1999, p. 1-9.

COUTO, Elisângela. As normas e o mercado da horticultura: inserção dos agricultores de Ibiúna (SP) nos circuitos socioespaciais. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v. 3, n. 5, p.138-161, 2008.

_____. **As modernizações e as racionalidades na agricultura e o uso do território: temporalidades e especialidades no município de Ibiúna (SP).** 182f. Dissertação (mestrado em geografia) - Departamento de geografia da Universidade de São Paulo. 2007.

CHOLLEY, A. **Observações sobre alguns pontos de vista geográficos.** In: Boletim geográfico. Rio de Janeiro: IBGE, nº 179, 1964. pág. 139-145.

CORRÊA, D. S. **Dinâmica da economia mundial contemporânea.** Departamento de história (FFLCH-USP). Programa de pós-graduação em história econômica. 2002.

GIAVANT, J. S. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo de vida ego-trip. **Ambiente e sociedade.** vol.6 no.2 Campinas Jul/Dez. 2003

GONÇALVES, J. S. **Mudar para manter: pseudomorfose da agricultura brasileira.** São Paulo, CSPA/SAA, São Paulo, 1999.

GONÇALVES, J. S.; VEGRO, C. L. R. Crise econômica e cooperativismo agrícola: uma discussão sobre os condicionantes das dificuldades financeiras da cooperativa agrícola de Cotia (CAC). **Agricultura em São Paulo**, v. 41, nº2. p. 57-87, 1994.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** 2. ed. rev.- Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1998.

IOTTI, L. H. **Imigração e Colonização: legislação de 1747 a 1915.** Assembléia Legislativa do Estado do RS. - Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

LÊNIN, V. I. **Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na Agricultura.** São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1980.

_____. **Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MAMIGONIAN, A.: "A geografia e a formação social como teoria e como método". In, SOUZA, M. A. A. (org.): **O mundo do cidadão, o cidadão do mundo**. Hucitec. São Paulo, 1996.

_____. **Kondratieff, ciclos médios e organização do espaço**. In: GEOSUL, Florianópolis,, v. 14, p.152-157, n. 28, jul./ dez. 1999.

MARIGUELLA, C. Alguns aspectos da renda da terra no Brasil. In: **A questão agrária no Brasil: textos dos anos sessenta**. Por Carlso Mariguella ... [et al.]. – Ed. Brasil Debates, 1980. p. 20-50.

MARTINELLI, M. **Clima do Estado de São Paulo**, *Confinis* [Online], posto online em: 14/03/2010. Consultado em: 16/02/2011. Disponível em: <http://confinis.revues.org/6348>

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente ideologia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo, Boitempo, 2007.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MOREIRA, E. V. **O perfil produtivo diversificado e a força do rural na MRG de Piedade/SP**. V Encontro de grupos de pesquisa, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS. 2009.

MOREIRA, E. V. e HESPANHOL, R. A. de M. **A estrutura produtiva e fundaria dos municípios paulistas de Piedade e Pilar do Sul – São Paulo – Brasil**. Trabalho apresentado no 12º Encontro dos geógrafos da América Latina (EGAL). Montevideo, 2009.

MOREIRA, R. **Sociedade e espaço no Brasil (as fases da formação espacial brasileira: hegemonias e conflitos)**. In: Boletim paulista de geografia, nº85, 2005. p. 7-32.

MORENI, M. e ANDRADE, P. de. **Geografia e história de Piedade**. Sorocaba-SP. Gráfica e editora Cidade, 2002.

MOURÃO, P. F. C. Reestruturação produtiva e industrialização no oeste paulista. In: **Questões nacionais e regionais do território brasileiro**. Org.: SILVEIRA, M. R; LAMOSO, L. P. e MOURÃO, P. F. C. 1º Ed. São Paulo, Expressão Popular: UNESP. 2009a. p.197-218.

_____. Sudeste: o core da economia brasileira. In: **GEOGRAFIA ECONÔMICA – Anais de Geografia Econômica e Social**. Grupo de Pesquisa/CNPq Formação Sócio-Espacial: Mundo Brasil e Região. Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis: Impressão no Departamento de geociências, Abril de 2009b. p. 125-134.

NETTO, A. L. **História de Piedade**. São Paulo, Edições Culturesp, 1987.

PEREIRA, R. M. F. A. e VIEIRA, M. G. E. D.; Latifúndio pastoril e pequena produção mercantil: o caso do Brasil subtropical. In: **GEOGRAFIA ECONÔMICA – Anais de Geografia Econômica e Social**. Grupo de Pesquisa/CNPq Formação Sócio-Espacial: Mundo Brasil e Região. Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis: Impressão no Departamento de geociências, Abril de 2009. p. 159 -193.

RANGEL, I. **A questão agrária: o debate tradicional, 1500 - 1960** In: A questão agrária no Brasil; João Pedro Stedile (org). Douglas Estevam (assistente de pesquisa). 1ed – São Paulo: Expressão Popular, 2005a.

_____. Textos sobre a questão agrária (1955-1989). In: **Obras reunidas**, Rangel, I. Rio de Janeiro – Contraponto, 2vl. 2005b.

_____. **A história da dualidade brasileira**. In: O pensamento de Ignácio Rangel. Org: MAMIGONIAN, A. e REGO, J. M. Ed: 34. 1998. p. 139-172.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. Introdução de Piero Sraffa; apresentação de Paulo Singer; tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. – São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SANTOS, M. Economia espacial: críticas e alternativas. SP: Hucitec, 1979.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: EDUSP; 2ª edição, 2004.

_____. **Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais**. In: Boletim paulista de geografia. nº 53, São Paulo, AGB-SP, 1977a. p. 35-59

_____. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. *Boletim Paulista de Geografia*, nº 54, São Paulo: AGB, 1977b, p. 81- 99.

_____. Só a geografia reconstrói o país. Entrevista publicada no jornal Folha de São Paulo, no caderno Brasil, em 05/09/1994, p.1-5.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo - LUPA 2007/2008**. São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: 10/03/2011.

SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Logística de Transportes, Departamento de estradas de rodagem. **Mapa Rodoviário do Estado de São Paulo**. Disponível em: <www.der.sp.gov.br/documentos/mapas.aspx>. Acesso em: 15/03/2011.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Contribuição ao estudo da meação. O exemplo da cultura da cebola em Piedade**. Dissertação (Mestrado em geografia) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1981.

SONODA, E. C. **Evolução econômica e mudanças na estrutura produtiva da região administrativa de Sorocaba (1820-2005)**./Erica Catie Sonoda – Campinas, SP. 2007.

UENO, L. H. **O deslocamento do cinturão verde de São Paulo no período de 1973-1980**. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 1985.

WAIBEL, L. **A lei de Thunen e a sua significação para a geografia agrária**. Boletim geográfico, n 126, Rio de Janeiro: IBGE, 1955. p. 273-294.